

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Maria de Fátima Lisboa Cordeiro

COMO EU TE PRECISO, MEU BAIRRO!:
EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II DA REDE
PÚBLICA ESTADUAL EM MACEIÓ

Maceió
2016

MARIA DE FÁTIMA LISBOA CORDEIRO

COMO EU TE PRECISO, MEU BAIRRO!:
EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II DA REDE
PÚBLICA ESTADUAL EM MACEIÓ

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, da Universidade Federal de Alagoas, na área de concentração em Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira

Maceió

2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Bibliotecária Responsável: Janaina Xisto de Barros Lima

C794c Cordeiro, Maria de Fátima Lisboa.
Como eu te preciso, meu bairro! : experiências literárias no ensino fundamental da rede pública estadual em Maceió / Maria de Fátima Lisboa Cordeiro. – 2016.
130 f. : il.

Orientadora: Lígia dos Santos Ferreira.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 101-103.
Apêndice: f. 104-114.
Anexos: f. 115-130.

1. Letramento literário. 2. Poesia popular. 3. Poética do bairro. I. Título.

CDU: 37:82-1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA DE FÁTIMA LISBOA CORDEIRO

Título do trabalho: "COMO EU TE PRECISO, MEU BAIRRO!: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II DA REDE PÚBLICA DO ESTADO DE ALAGOAS"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 28 de novembro de 2016, pelo Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Ligia dos Santos Ferreira (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:

Profa. Dra. Rosemere Ferreira da Silva (PROFLETRAS/UNEB)

Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 28 de novembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer a experiência de realizar um trabalho que foi para mim um divisor de águas e que me fez enxergar a necessidade de rever a minha prática e aperfeiçoar a condução de meu trabalho de educadora-educanda em relação a meus/minhas educandos/as que também são educadores/as e a todo o contexto escolar e sistema social que envolve a educação.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado condições físicas e psicológicas para enfrentar e superar os desafios que surgiram no processo de desenvolvimento desta pesquisa e ainda por ela ter acontecido num momento oportuno, em que pude me dedicar e aproveitar satisfatoriamente o processo de aprender-ensinar.

Aos meus pais (*In memoriam*), pela educação que me deram e pelas orações, principalmente de minha mãe, que me fortaleceram durante toda a vida.

Ao meu esposo Cordeiro, agradeço pela cumplicidade, compreensão e paciência, pelas inúmeras vezes que ouviu, com atenção, as leituras dos textos que aos poucos eu produzia, pelas considerações feitas em relação às ideias que surgiam na minha cabeça ao longo de todo o processo de escrita.

Aos/Às professores/as do PROFLETRAS-UFAL por ter compartilhado sua experiência e conhecimento, contribuindo, assim, na (re)visão de minha prática como educadora de Língua Portuguesa.

À Profa. Lígia Ferreira, minha orientadora, pela motivação e força, que me tornaram mais confiante e autônoma, por fazer-me admirar ainda mais a Literatura e alcançar, por meio dessa disciplina, maior visão da estrutura social e política que envolve a educação, de uma forma humana.

Aos/Às meus/minhas companheiros/as mestrandos/as, pela troca valiosa de experiência e conhecimento, pela amizade e pelos momentos de alegria e confraternização, em especial, a Pollyanne Lafayette, que foi para mim uma “quase psicóloga”, pelas longas discussões entusiasmadas e conversas que tivemos sobre literatura e sobre as experiências, expectativas e angústias típicas de um trabalho de dissertação.

A meu filho Carlos Ulisses e a minha filha Mirelle, aos meus familiares e amigos/as, pelo carinho, apoio e pela compreensão e torcida, o meu sincero muito obrigada.

[...] que eu pediria a escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão diante das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado profissional apresenta discussões e análises sobre o ensino de literatura no espaço escolar e, pretende por meio de uma proposta de intervenção, aproximar a poesia popular da sala de aula, mostrando novas possibilidades de trabalho que possam contribuir no aperfeiçoamento das práticas de letramento literário. Resulta de uma pesquisa realizada numa turma de 9º ano de uma escola estadual de Maceió, da qual fizeram parte 45 educandos/as do ensino fundamental II, com o objetivo de contribuir no aprimoramento da formação leitora e escritora desses/as educandos/as, a fim de ampliar as suas experiências culturais para considerar o ato de ler e de escrever como práticas escolares primordiais para o conhecimento de mundo do sujeito, possibilitando a participação ativa como cidadão capaz de interferir na construção e reconstrução da sociedade. Para tanto, fundamenta-se no método dialético e apoia-se nas concepções teóricas de Freire (1989), Silva (2002), Rojo (2009; 2012), Candido (1988), Zilberman (2009), Santos (2015), Cosson (2014) e Nóbrega (2015) que propõem dialogar sobre a importância de conhecer o contexto social dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para melhor mediar práticas pedagógicas que reforcem e ampliem a qualidade da leitura literária e da escrita em sala de aula, levando em conta o conhecimento crítico-reflexivo e a fruição. Como resultado, destaca-se a “poética do bairro” que se configurou a partir da relação entre a educadora, os/as educandos/as e a comunidade da escola *locus* da pesquisa promovida pelo Profletras/Ufal.

Palavras-chave: Letramento literário. Poesia popular. Poética do bairro.

ABSTRACT

This professional master's dissertation presents discussions and analysis about the literature teaching in the school environment and intents, by means of an intervention proposal, to bring folk poetry close to the class, showing new possibilities of work which can contribute in the improvement of the literary literacy acts. This is a result of a research carried out in a 9th grade group from a state school in Maceió, of which 45 students from the elementary school II took part, in order to contribute in the refinement of the reading and writing training of those students, with the purpose of expanding his/hers cultural experiences to deem the acts of reading and writing as primary importance school practices to the worldly wisdom of the individual, enabling the active involvement as a citizen capable of interfering in the construction and reconstruction of the society. For this purpose, it is based on the dialectical method and in the theoretical conceptions of Freire (1989), Silva (2002), Rojo (2009; 2012), Candido (1988), Zilberman (2009), Santos (2015), Cosson (2014) e Nóbrega (2015) that propose to dialogue about the importance of knowing the social context of the individuals involved in the teaching-learning process for moderating the pedagogical practices that reinforce and expand the quality of the literary reading and writing in class, considering the critical-reflexive knowledge and fruition. As a result, pointing out that the "neighborhood poetry" has configured from the relation between teachers, students and the *locus* school community of the research organized by Proletras/Ufal.

Key-words: Literary literacy. Folk poetry. Neighborhood poetry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Encontro com Gabriel, O Pensador, na Bienal do livro de Alagoas – Maceió – 2015	51
Figuras 2 e 3 – Slides apresentados em sala de aula.....	53
Figura 4 – Situação da rua lateral da Escola em dias de chuva.....	57
Figura 5 – Faixa de solicitação de serviço público ao prefeito pela comunidade	57
Figuras 6 – Antologia Poética.....	61
Figura 7 – Adesivo usado pelos/as educandos/as e educadora na culminância do Projeto	61
Figuras 8-13 – Educandos/as e educadora na culminância do Projeto.....	62
Figuras 14 e 15 – Comunidade escolar na culminância do Projeto na Semana literária da Escola	63
Figuras 16 e 17 – Encontro da orientadora da pesquisa e educandos/as na culminância do Projeto.....	63
Figuras 18 e 19 – O processo de trabalho (monta-poema) em sala de aula.....	70
Figuras 20 e 21 – Leitura de poemas na biblioteca.....	76
Figuras 22 e 23 – Produção de cartazes em sala de aula	77
Figuras 24 e 25 – Modelo de convite à comunidade para a culminância do Projeto.....	77
Figuras 26-29 – Cartazes para serem afixados nas paredes do refeitório da Escola.....	78
Figuras 30-33 – Cartazes para serem afixados nas paredes dos corredores da Escola	79
Figuras 34 e 35 – Cartazes para serem afixados nas paredes da biblioteca da Escola	79
Figuras 36-38 – Cartaz e caixas decoradas afixados com poemas nas paredes do pátio da Escola	80
Figura 39 – Muro lateral da Escola, antes da realização da etapa “Fazendo (p)arte do quadro social”	83
Figura 40 – Muro lateral da Escola depois da realização da etapa “fazendo (p)arte do quadro social”	83
Figuras 41-46– Processo de grafiteagem na parede lateral externa do muro da Escola.....	84
Figuras 47 e 48 – Caixas decoradas para compartilhar poemas	92

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EF	Ensino Fundamental
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEF	Parâmetros Curriculares Nacionais do 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
TAM	Termo de Assentimento do Menor
TCLE	Termo de Compromisso Livre Esclarecido
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNICID	Universidade Cidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	(RE)VENDO SABERES E CONCEITOS.....	17
2.1	Questionamentos e justificativas acerca da literatura na escola pública	18
2.2	A leitura e a escrita na escola pública	23
2.3	Experiência literária e criticidade.....	27
2.4	A poesia popular vai à escola	31
3	TRAÇOS DE CAMINHOS POÉTICOS.....	39
3.1	Contexto de pesquisa	40
3.2	Procedimentos metodológicos	44
3.3	Fichas de aula.....	45
3.4	Procedimentos por Etapas	48
4	ANÁLISE DOS DADOS	64
4.1	Experiências de letramento	65
4.2	Despertando poetas e poesias	66
4.3	Monta-poema	69
4.4	Como eu te preciso, meu bairro!.....	71
4.5	Poetizando o espaço escolar para receber a comunidade	74
4.5.1	Visita à biblioteca (leitura, motivação e inspiração para a ação)	76
4.5.2	O processo de produção em sala de aula	77
4.5.3	O convite escolhido para o evento de culminância do trabalho	77
4.6	Fazendo (p)arte do quadro social	81
4.7	PoesiAção da gente.....	85
4.8	Estrofes de poemas produzidos pelo 9º ano “B”	87
4.9	Análise da música “Verdades secretas” de um educando do 9º ano “B”	90
4. 10	Olhando para trás	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AOS/AS EDUCANDOS/AS	104
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE O BAIRRO E A EXPERIÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA DE POEMAS	105
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO com PAIS e/ou responsáveis	106
	APÊNDICE D – REGISTRO DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS EM CONVERSA COM O REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO XXXX	107
	APÊNDICE E – SOLICITAÇÃO PARA AUTORIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA ESCOLA.....	108
	APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	109
	APÊNDICE G – TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR	112
	APÊNDICE H – SOLICITAÇÃO PARA AUTORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO POÉTICA NO MURO DA ESCOLA	114
	ANEXO A – SONDAGENS DE LEITURA E ESCRITA	115
	ANEXO B – TEXTOS POÉTICOS ADOTADOS NO PROJETO.....	117
	ANEXO C – TEXTOS DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO.....	124
	ANEXO D – PRODUÇÕES POÉTICAS DOS/AS EDUCANDOS/AS	126

ANEXO E – DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA RESOLUÇÃO nº 466/12	129
ANEXO F – DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO	130

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta discussões teóricas e análises sobre o ensino de literatura na escola e é fruto de um trabalho de pesquisa de mestrado desenvolvido numa escola pública estadual de Maceió. Propõe um trabalho de intervenção, por meio do letramento literário, com educandos/as do 9º ano, 45 adolescentes na faixa etária entre 13 e 15 anos.

Dois elementos importantes assumem a motivação para realizar este trabalho: 1º) o aprimoramento das práticas de leitura e escrita de texto literário, especialmente poesia popular, desses/as educandos/as; 2º) o desejo de aperfeiçoar as minhas práticas pedagógicas em sala de aula para melhor desempenhar o meu papel como educadora.

Acreditamos que um trabalho com a arte da palavra, neste caso poesia popular, pode potencializar o significado e o prazer de ler e escrever no momento de mediação do conhecimento, na interação dos sujeitos educandos/as e educador/a que participam diretamente do processo de ensino-aprendizagem.

O fato de o trabalho em sala de aula vir prescindindo, cada vez mais, do texto literário pode comprometer a percepção que o sujeito tem da natureza, no mais amplo de seus sentidos e das emoções sensíveis, tão necessárias ao conhecimento do mundo. Essa possibilidade merece a atenção de todos/as que somos responsáveis pela educação. Falamos aqui, em especial, do sistema de educação de ensino público, que desvaloriza a literatura como disciplina escolar nas séries do ensino fundamental II e da condução equivocada do trabalho com poesia, em sala de aula, nesse mesmo segmento.

Alguns dos exercícios apresentados nos livros didáticos, material bastante utilizado pelos/as educadores/as, que na maioria das vezes assumem uma grande jornada de trabalho, carga horária de 40/60 horas, trazem poemas quase sempre como pretextos para trabalhar elementos linguísticos e gramaticais, o que compromete as funções mais relevantes da produção artística da palavra, que é de promover sensibilidade, fruição e criticidade.

Para nós, o acesso à arte pode contribuir na formação de pessoas mais críticas, criativas e livres; ela alarga as possibilidades de (re)conhecimento pessoal e de mundo, de se identificar com o outro e de construir posicionamentos diante de determinadas situações.

Este trabalho, por meio do contato com a poesia, pretende oferecer a esses adolescentes experiências literárias com a cultura popular que possa torná-los cada vez mais humanos, que lhes possibilite uma leitura mais acurada da sua história e da história do ambiente que os circunda. A linguagem artística pode ampliar a visão desses/as jovens leitores/as, permitindo que eles/as revisem e refaçam sua leitura de mundo. É a partir de uma melhor compreensão do nosso entorno que se consegue refletir e (re)construir possibilidades de transformá-lo.

O sentido de humanização, acima mencionado, vai ao encontro do que diz Antonio Candido. Para ele, humanização é “[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo [...] o cultivo do humor” (CANDIDO, 1988, p.180).

A poesia popular entra neste trabalho como um gênero textual que pode trazer aos sujeitos participantes da pesquisa um novo olhar em relação ao mundo que o cerca, novas formas de entender e enfrentar os seus conflitos, um gênero textual que, por meio da linguagem plural, sensível e transformadora, pode despertar uma nova leitura sobre a vida e apontar novas possibilidades de lidar com os problemas do dia a dia.

Consideramos que experiências com poesias populares podem ser para o sujeito um instrumento facilitador no processo de descoberta do mundo, de autoafirmação e da compreensão de determinadas questões históricas e culturais da sociedade.

A arte possibilita experiências subjetivas e objetivas aos sujeitos, por isso escolhi a poesia popular como gênero textual que permite a integração desses elementos que podem provocar e motivar a leitura e a escrita desses/as jovens. Espero com essas práticas de produção de arte popular, por meio da linguagem verbal e não verbal, reforçar a integração do/a educando/a com o seu espaço social e ampliar a sua visão em relação ao seu papel de cidadão, o que até o momento tenho tido dificuldade em alcançar, talvez devido a lacunas geradas ao longo de minha história com a educação como educanda no ensino básico e também no ensino superior.

Minha experiência acadêmica foi permeada de satisfações e insatisfações que motivavam e frustravam alguém que tinha grandes expectativas em se apropriar

do conhecimento para futuramente poder participar do processo de troca de aprendizagens. No curso de Letras, na Universidade Federal de Alagoas, algumas disciplinas contribuíram bastante para a minha formação profissional, outras deixaram um pouco a desejar. Entre as satisfações, destaca-se a construção de autonomia que se consegue num curso superior, a visão de mundo que se amplia, a condução a novas possibilidades e a credibilidade que se conquista com o suporte próprio da instituição.

Mas, como nem tudo são satisfações, alguns professores mantinham o conteúdo de sua disciplina inacessível à turma, que dizia nada entender do que se falavam; mostravam-se resistentes à mudança de métodos tradicionais e ineficazes de ensino e continuavam a reproduzi-los. Em meio a essa inacessibilidade, estava a literatura, que assim como me foi apresentada no ensino fundamental e médio, continuava distante, praticamente inalcançável, também no ensino superior. Curiosamente, os poemas trabalhados nas aulas de língua portuguesa marcaram com tenacidade momentos de ampla aprendizagem; poder-se-ia dizer que foram os mais significantes e prazerosos em meio a uma precária atuação da literatura na minha experiência acadêmica.

Essa realidade me fez refletir e perceber a necessidade de ampliar o conhecimento e acrescer ao meu currículo experiências com a arte da palavra, o que fui buscar no curso de Especialização em Língua portuguesa e Literatura Brasileira, na Academia Alagoana de Letras, em convênio com a Universidade Cidade de São Paulo – UNICID. Continuaram algumas lacunas, mas elas acenderam ainda mais o desejo de continuar estudando e trazendo para a minha formação profissional e para a formação básica dos/as meus/minhas educandos/as mais um pouco de literatura, disciplina que agrega conhecimento de grande valor e importância para o nosso trabalho de sala de aula e para a nossa formação pessoal e humana.

Em 2006, surgiu o Concurso Público de Educação do Estado, e assim o meu ingresso na rede estadual de ensino. Conheci uma escola sem funcionamento pleno de suas atividades e um corpo discente que demonstrava em suas colocações orais e escritas poucos sonhos e pouca base para integrar o conteúdo da disciplina, considerando a série de curso. Iniciei então o trabalho como servidora pública, cheia de desafios e de vontade de superar cada um dos obstáculos que surgiam; encantada com o novo, mas com muito medo de não atender às expectativas da

instituição, do/a educando/a e as minhas próprias. As duas primeiras, precisava ainda descobrir quais eram; quanto as minhas, estava certa de que era a realização e a satisfação com a prática pedagógica, sempre acreditando que vale a pena investir em educar considerando a formação humana, a afetividade e o bem-estar daqueles/as que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem.

Após 10 anos de docência na rede estadual e 16 anos na rede privada, surgiu a oportunidade de ingressar no Mestrado Profissional em Letras – Profletras – e continuar a investir na minha formação profissional. Tinha no começo do curso 40 horas de trabalho em duas escolas estaduais e 21 horas numa escola particular. Precisei me afastar de 20 horas do Estado e pedi demissão da rede particular para me dedicar aos estudos. Entrei com pedido de licença e, finalmente, depois de sete meses de ingresso no mestrado, consegui o afastamento, ficando com uma carga horária de 20 horas de trabalho numa escola em que desenvolvi a pesquisa que resultou nesta dissertação.

A formação continuada está sendo a oportunidade de refletir e rever a prática docente para aumentar a qualidade do meu trabalho de professora para educadora e colaborar mais efetivamente para o objetivo que penso ser o da educação: favorecer a aprendizagem necessária ao sujeito para que ele possa viver plenamente sua cidadania e participar da construção de uma sociedade mais justa e feliz.

Agora, estou eu aqui concluindo uma etapa do mestrado no Profletras-UFAL, tentando aumentar o conhecimento para enxergar com mais clareza a necessidade do/a meu/minha educando/a, buscando discernimento em conjunto com outros/as educadores/as para criar procedimentos de trabalho transformadores do processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita de poesia popular. Convencida de que tenho que ressignificar a prática de educar, visto que, apesar de reconhecer a importância da literatura em sala de aula, privilegiei por muito tempo conteúdos linguísticos e gramaticais, em detrimento dos literários, o que pode ser justificado por vários motivos. Primeiro, pelo fato de terem sido esses os conteúdos priorizados ao longo de minha formação escolar nas aulas de língua portuguesa; segundo, pelo reduzido acesso à literatura em todo o meu processo histórico-social e acadêmico; terceiro, pelo pouco contato com o letramento literário no ambiente extraescolar.

Assim como a maioria dos/as educandos/as do Estado de Alagoas, sempre estudei em escolas públicas, sou filha de pais com baixo nível de escolaridade que

não dispunham de condição material para o investimento em livros na fase de minha educação básica. Aliado a isso, já atuando em sala de aula, ainda pesaram, negativamente, a falta de tempo por conta da alta carga horária de trabalho e a falta de incentivo em políticas públicas que me oportunizassem uma qualificação profissional que fizesse a diferença.

Por tudo que foi dito acerca de minha experiência com o letramento literário, decidi aprofundar o meu conhecimento, fazendo opção pela literatura, com foco em poesia popular. Entendo ser esse um conhecimento necessário à minha formação como pessoa e como educadora de Língua Portuguesa, bem como à formação, de um modo geral, de todos/as os/as meus/minhas educandos/as.

Com esta experiência de estudo, eu e os sujeitos participantes desta pesquisa certamente compartilhamos de um aprendizado mais efetivo e colaboramos para uma educação mais justa, reflexiva, crítica e satisfatória que valorize a identidade, a história e a cultura de todos/as que fazem parte do processo de construção do saber.

De forma intelectual, crítica e prazerosa pretendo por meio do letramento literário, especialmente na leitura/estudo da poesia popular, contribuir com a formação leitora e escritora de educandos/as, afetando assim a comunidade de que fazem parte e a sociedade em geral; aperfeiçoar a minha formação profissional e, quem sabe, ainda, contribuir com o trabalho pedagógico de colegas educadores/educadoras que comunguem comigo (ou não) do desejo de (se) lançar desafios.

Como suporte teórico para tratar das categorias leitura, escrita, experiência literária e criticidade, e poesia popular no ambiente escolar, recorreremos a alguns estudiosos que tratam destas questões, como Paulo Freire (1989; 2014), Ezequiel Theodoro da Silva (2002), Helder Pinheiro (2007; 2002), Rildo Cosson (2014) Otávio Paz (2012; 2013) Ferreira Gullar (2006) Roxane Rojo (2009) e a outros/as autores/as que contribuíram com esta pesquisa.

Dividimos este trabalho em cinco seções que estão dispostas da seguinte forma: a seção 1 corresponde a esta introdução; a seção 2 traz a fundamentação teórica que dará suporte às questões apresentadas em torno das categorias acima mencionadas; a seção 3 apresenta a metodologia, os procedimentos metodológicos, em etapas, o contexto de pesquisa e os procedimentos adotados para a elaboração das atividades, assim como a justificativa do método abordado: materialismo

histórico-dialético; a seção 4, análise dos dados, traz considerações feitas a partir de algumas atividades desenvolvidas em sala de aula (questionários escritos e com questões abertas direcionados aos pais ou responsáveis pelos/as educandos/as), observações de participação e recepção dos/as educandos/as em relação às propostas feitas em sala, sobre práticas de letramento literário e produção de poemas sobre o bairro onde os/as educandos/as moram; e a seção 5 com as considerações finais, que apresentam reflexões sobre os resultados obtidos na pesquisa.

Com esta pesquisa pretendemos proporcionar a todos os agentes que integram o quadro da educação, no processo de ensino-aprendizagem – educandos/as, colegas educadores/as, coordenadores/as e demais funcionários/as da escola –, um trabalho mais articulado, que considere a realidade e o contexto social dos protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, trazendo mais significado e satisfação para o nosso dia a dia em sala de aula, (re)significando as práticas pedagógicas e aumentando as possibilidades de atuação no espaço social, transformando-o.

2 (RE)VENDO SABERES E CONCEITOS

Para desenvolver a pesquisa da qual resultou esta dissertação de mestrado profissional, escolhemos como objeto a poesia popular em aulas de língua portuguesa de uma escola pública estadual de Maceió. Para tanto, refletiremos nesta seção a partir de um aporte teórico que nos dê suporte, ao final, para apresentar possibilidades de ações pedagógicas de intervenção com o objetivo de oferecer diferentes conduções de trabalho no ambiente escolar.

Foram considerados alguns teóricos, cujos estudos em muito contribuíram para o alargamento de um trabalho que pudesse propiciar a leitura literária, em especial, da poesia popular, em sala de aula. Discorreremos sobre os postulados que advêm do letramento literário, Rufino (2008) e Cosson (2014); buscamos respaldo sobre leitura nos pensamentos de Freire (1989), Silva (2002) e Rojo (2009; 2012). E, ainda baseando-se nas ideias de Rojo (2009), discutimos as práticas de escrita no cotidiano escolar.

Para dialogar sobre a poesia, trouxemos contribuições de Gullar (2006), Moisés (2012), Pinheiro (2002; 2007) e Paz (2012; 2013); na categoria de poesia popular, recorreremos às ideias de Abreu (2006), Curran (2009), Santos e Santos (2015); e para tratarmos da criticidade, dialogamos com Freire (1996).

Ainda contribuíram para a abordagem das questões apresentadas neste trabalho os pensamentos de Candido (1988), Azevedo (2005), Zilberman (2009), entre outros, sobre a literatura na escola, e as orientações dos documentos oficiais que norteiam os processos de ensino de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental II, em esfera nacional e estadual, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN 1998 – e o Referencial Curricular para a Educação Básica do Estado de Alagoas instituídos à literatura.

Nosso processo de pesquisa partiu de alguns questionamentos que me inquietaram ao longo da minha atuação como educadora. Como já foi dito na introdução deste trabalho, a literatura não tem ocupado na escola o espaço que deveria ocupar; os textos literários, falamos aqui em especial da poesia popular, raramente frequentam as aulas de língua portuguesa (já que não há uma disciplina de literatura para eles) como deveriam frequentar.

É importante a tomada de consciência de que a formação leitora dos sujeitos perde muito com essa ausência de trabalho com textos literários no espaço escolar.

Essa constatação traz para todos que fazemos parte da educação desses sujeitos, em especial, educadores/as de língua portuguesa, a necessidade de rever e reformular as nossas ações com relação ao ensino de literatura.

2.1 Questionamentos e justificativas acerca da literatura na escola pública

Não é novidade dizer, porém, é importante, que a literatura quando é abordada na escola pública é de forma secundária e que elementos textuais, linguísticos e gramaticais são prioridades nas aulas de língua portuguesa; gêneros textuais diversos do cotidiano assumem o espaço no ensino fundamental II.

Para Zilberman (2009, p.18), “numa perspectiva histórica, a instituição escolar recorreu à arte com a palavra porque a concebia como a expressão mais completa da linguagem verbal”. Apesar de entender que a linguagem literária é uma das mais ricas formas de expressão, sabemos que a completude é algo não alcançado pelo homem, um ser que, assim como tudo o que faz, está sempre em construção.

Ao ser questionada acerca de que escola deve estar para a literatura, essa mesma autora responde:

Provavelmente uma escola popular para as classes dominantes, pois essa melhoraria somente na ocasião em que aos grupos mais abastados fosse oferecida a educação hoje ao alcance dos segmentos pobres. Nessas condições, não faltariam bons livros nas bibliotecas e nas salas de aula, os professores seriam objeto de preparação e atenção mais adequada, a literatura circularia em igualdade com as demais disciplinas (ZILBERMAN, 2009, p. 19).

Se os filhos de representantes do poder público, responsável pela organização do sistema educacional brasileiro, tivessem de frequentar a escola pública, provavelmente as condições oferecidas nas escolas da rede pública seriam bem mais favoráveis, o que, não necessariamente, resolveria a questão do ensino de literatura, uma vez que na rede particular também se prioriza, nessa disciplina, o estudo dos movimentos literários, em detrimento de um trabalho literário propriamente dito.

Não podemos negar ao/a jovem estudante, em plena formação, o direito a um conhecimento que o ajude a entender melhor sua história (local, social, política, cultural) de vida. Nesse sentido, estamos de acordo com Azevedo (2005, p. 8) quando diz:

Vejo uma importância relevante na chamada literatura infantil e juvenil: com ela, o jovem leitor e cidadão, dentro ou fora da escola, pode ser introduzido, através da ficção e do discurso poético, à abordagem dos temas humanos da vida concreta não idealizada, portanto necessariamente relacional, diversificada e complexa. Isso não é pouco”.

A distância que existe entre ideal (aquilo que é apresentado em alguns livros como parâmetro para todos) e real (aquilo de fato é vivido no dia a dia de nossos/as educandos/as) é de fato ainda muito acentuada em alguns trabalhos desenvolvidos em sala de aula e precisa ser minimizada.

Linguagem e realidade precisam manter relação, encaixar-se num trabalho que revele sentido e aproxime o mundo real dos/as jovens estudantes da escola pública, trazendo-o para dentro dos muros da escola para que a dinâmica do processo de ensinar e aprender ganhe mais significado para todas as partes envolvidas nesse processo.

É interessante refletir sobre a linguagem expressiva que se pode construir a partir de um trabalho com literatura no espaço escolar. Falar a língua dos/as educandos/as e fazer com que a subjetividade dessa linguagem ganhe espaço e seja valorizada em sala de aula e em outros ambientes da escola pode ser um bom começo para se manter um contato mais estreito com a literatura. Sobre esse contato com textos subjetivos/literários, Azevedo (2005, p.10) afirma:

E já que vivemos em tempos tão pragmáticos e objetivos onde “tempo é dinheiro” e tudo precisa ter uma função lógica, sugiro que tal contato seja visto como uma espécie de “utilidade” da literatura. Se pensarmos na escola, mais ainda: afinal, a escola não se propõe a formar indivíduos que saibam se expressar? Se isso é verdade, a linguagem utilitária e impessoal naturalmente não deveria nem poderia ser o único parâmetro.

Entendemos como é importante desenvolver na escola atividades que fomentem a subjetividade, que estimulem e considerem as várias formas de pensar sobre determinados assuntos, que ampliem o repertório vocabular e cultural, enriquecendo o processo de produção textual seja na escrita ou na fala.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, língua portuguesa, por oferecer um espaço privilegiado ao trabalho com o texto, como unidade de ensino, acabam por permitir aos agentes do processo de ensino-aprendizagem que ignorem o ensino da literatura como disciplina importante para a formação humana e cultural do sujeito.

O fato de o/a educador/a usar o texto poético em sala de aula, como pretexto para tratar de questões gramaticais, justifica-se, na maioria das vezes, pelo fato de

que esses/as profissionais não dispõem de uma formação que lhes dê condições de desenvolver com mais efetividade o seu fazer pedagógico. Sobre esse assunto, Azevedo (2005, p. 7) critica: “É preciso ser claro: didatizar, utilizar textos literários com fins meramente utilitários [...] significa reduzir e descaracterizar a literatura, que assim perde sua essência e deixa de fazer sentido”. Ainda para esse autor,

“É preciso [...] que dentro do processo educacional, ao lado das matérias oficiais, seja criado espaço para inferências mais amplas: que apresentem a existência humana na sua complexidade, como um processo subjetivo inevitavelmente contraditório [...]; mostrem que as relações com o Outro são também contraditórias [...]; lembrem que todos os seres humanos, independente de faixa etária, são aprendizes; assinalem que é difícil, por vezes impossível, separar realidade de ficção e o que chamamos de ‘realidade’ é uma construção sócio-cultural” (AZEVEDO, 2005, p. 5).

Ampliar o espaço da literatura no ambiente escolar e garantir uma formação continuada de qualidade aos educadores/as para que esses/as privilegiem essa complexidade da existência humana com seus/suas educandos/as provavelmente contribuirá para criar no processo de ensinar e aprender uma relação horizontal, considerando o/a educador/a um/a educando/a e o/a educando/a um/a educador/a, como defende Paulo Freire, de fato uma educação para a liberdade em que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2014, p.95).

Além da formação, os suportes pedagógicos no espaço escolar também são limitados ao/a educador/a; acaba-se por levar ao/a educando/a um trabalho quase sempre medíocre em relação ao texto literário. Quanto à dificuldade de desenvolver um trabalho com literatura na escola, Azevedo (2005, p. 7) assevera:

Creio que uma das razões que levam a escola a lidar com dificuldade com os temas humanos concretos, portanto não informativos nem passíveis de didatização, pode ser o treinamento dado aos professores. Estes costumam ser condicionados a estabelecer uma relação unilateral, de mão única, essencialmente não dialógica com seus alunos: professores “sabem” e alunos “não sabem”. Cabe aos primeiros transmitirem seu conhecimento aos segundos. Diante do currículo escolar oficial, esse tipo de relação parece fazer sentido. Diante dos temas humanos concretos ela não se sustenta. Como pretender dar lições objetivas e exercícios sobre a ‘busca do autoconhecimento’, na ‘mortalidade’ ou a ‘paixão’? Estamos naturalmente frente a assuntos subjetivos e dialógicos que podem gerar opiniões, emoções, depoimentos, discussões e confissões, mas não lições objetivas e consensuais. Em assuntos como esses, pode até ocorrer que uma criança tenha mais experiência do que um adulto.

Entendemos que o/a professor/a deve ser um/uma pesquisador/a, profissional em constante busca pela qualificação e formação, sensível ao fato de que para atuar

bem em “sala de aula” deve ser educador/a e ao mesmo tempo educando/a. É nessa lógica que se deve conceber o/a educando/a, também como educador/a; e é essa consciência que vai facilitar a relação entre esses dois lados – educador/a e educando/a – no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo e promovendo a troca de conhecimentos, principalmente de temas concernentes à condição humana, que são próprios da literatura.

Sobre a questão do “treinamento” dos/as professores/as de que fala acima Azevedo (2005), fazemos nossas as palavras de Paulo Freire (1996, p. 37) quando afirma que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”.

Esse caráter humano que se faz necessário para o exercício educativo favorecerá decerto na adequada condução do processo de troca de ensino-aprendizagem. Respeitar o contexto de vida, a formação de cada sujeito e suas diferenças é provavelmente um forte requisito para se chegar até ele e conquistar sua confiança, abrindo espaço para construir uma relação saudável entre educador/a-educando/a que, a ambos, propicie experiências significativas de conhecimento subjetivo e/ou objetivo sobre o mundo real ou imaginário.

Entendemos ser próprio da educação e da literatura o caráter humanizador e por isso comungamos com a ideia de Candido (1988, p. 179) ao dizer que “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo”. Se é uma necessidade básica, deve ser um direito garantido ao/a cidadão/ã. Ainda de acordo com o que diz esse autor, “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (CANDIDO, 1988, p.186).

Consideramos ser direito do/a educando/a o contato com a arte literária e entendemos ser da organização político-educacional o papel de garanti-lo ao sujeito. Entretanto, sabemos que na escola pública pouco se tem conseguido em relação ao desempenho do letramento literário do/a educando/a. Por causa disso, alguns questionamentos me inquietam como educadora.

Para melhor entender o “cenário” em que atuo como educadora, fez-se necessário levar em conta as seguintes questões: Por que os/as educandos/as do ensino fundamental II, já no último ano, tendo frequentado a escola por nove anos, encontram-se ainda tão distantes das práticas de letramento literário? O que nós, educadores/as podemos fazer para aprimorar o letramento literário dos/as educandos/as? Como podemos contribuir efetivamente para que essas práticas de letramento literário sejam frequentes na escola? A leitura constante de poemas populares em sala de aula pode facilitar o acesso à compreensão desse gênero e à sua produção? O que privilegiar no trabalho com poesia popular em sala de aula para suscitar nesses/as jovens leitores/as o conhecimento científico, a fruição e o senso crítico?

Esses questionamentos levaram-me a refletir sobre o pequeno ou escasso lugar da literatura na sala de aula e desenvolver atividades de intervenção com leitura e produção de poemas populares, mediadas pelo/a educador/a, visando aproximar o/a educando/a do letramento literário, para que ele/a possa (re)conhecer a sua realidade, a realidade do outro e assim ressignificar essas realidades no mundo/espço onde vive.

Concebemos a literatura como a criação artística que tem o poder de sensibilizar o sujeito, fazendo-o parar, regressar e avançar no tempo, como promoção da estética, da reflexividade e do senso crítico. De maneira mais ampla, Antonio Candido apresenta o seguinte conceito para a literatura:

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1988, p. 174).

É possível perceber, no conceito oferecido pelo autor acima, o caráter universal da literatura, as várias formas de manifestação e os níveis em que se apresenta, reforçando assim a necessidade de sua presença no espaço escolar, adequando-a ao nível social e cultural da turma, garantindo-lhe assim o direito de enriquecer o conhecimento de toda natureza.

Tenciono contribuir, por meio do trabalho com poesia popular no ambiente escolar, para a ampliação da formação leitora-escritora, humana e cultural do sujeito, compreendendo esse gênero textual como um instrumento de conhecimento, valorização e inserção social.

2.2 A leitura e a escrita na escola pública

[...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Paulo Freire (1989, p. 9)

É comum entre nós, educadores/as de Língua Portuguesa, dizer e ouvir de nossos/as colegas que os/as educandos/as não valorizam as atividades de leitura e produção textual, comparadas a outras atividades realizadas em sala de aula. Eis uma questão que angustia, em muito, aqueles/as que fazem parte do processo de ensinar e aprender.

A leitura precisa ter destaque no nosso dia a dia como educador/a em sala de aula; precisa participar com regularidade de nossas atividades; isso provavelmente contribuirá no aperfeiçoamento e na qualidade do processo de ler e escrever. Também é importante ter clareza do objetivo das atividades que se propõem com leitura e produção escrita para poder planejar um material que seja reconhecido e bem aceito pela turma, atendendo às suas necessidades e anseios.

Será que estamos considerando como imprescindível as práticas de letramento e a realidade dos/as nossos/as educandos/as e propondo a eles/as identificarem e reconhecerem essa realidade, de modo que se envolvam e participem ativamente de todas as atividades de forma satisfatória?

Iniciamos essa discussão comungando com Paulo Freire (1996, p. 33) ao dizer que “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. É preciso conhecer o contexto social desses/as jovens e suas práticas de letramento que, segundo Rojo (2009), são as práticas sociais exercidas pelos sujeitos em diferentes contextos, inclusive escolar, mediadas pela leitura e escrita.

É da escola a responsabilidade de desenvolver atividades que contemplem situações de usos sociais da leitura e produção textual que dê acesso à construção da criticidade. Paulo Freire (1996) já concebia o poder revolucionário do letramento ao considerar alfabetizado o sujeito que é capaz de tomar consciência da realidade e transformá-la por meio das práticas de leitura e escrita. Para esse educador:

A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas (FREIRE, 1996, p. 76).

Corroborando com essa ideia, Rojo, apoiando-se em Soares (1998) e Souza Santos (2005), diz sobre a versão **forte** de letramento¹ que

[...] seria revolucionária, crítica, na medida em que colaboraria não para a adaptação do cidadão às exigências sociais, mas para o resgate da autoestima, para a construção de **identidades fortes**, para a potencialização de poderes [...] dos agentes sociais, em sua cultura local, na cultura valorizada, na contra hegemonia global (ROJO, 2009, p.100, grifo nosso).

Em relação às práticas de leitura, consideramos que elas devem ser realizadas, como diz Silva (2002, p. 13): “[...] para enxergar melhor o mundo [...] para compreender esta nossa sociedade e para nos compreendermos criticamente dentro dela [...] para descobrir os porquês dos diferentes aspectos da vida”. A leitura aqui é considerada de acordo com esse autor: “um processo dinamizador da produção de sentidos por um grupo de pessoas enquanto transação e interação entre leitor e diferente tipos de texto”.

Desenvolver propostas de leitura no ambiente escolar certamente é uma pauta que merece destaque em todos os planos educativos escolares. Essa questão torna-se ainda mais crítica quando se trata de escolas que fazem parte da rede pública de ensino, haja vista que, na maioria das vezes, “o único reduto onde a leitura ainda tem chance de ser desenvolvida é a escola. O fracasso da escola nessa área significa a morte dos leitores através dos mecanismos de repetência, evasão, desgosto e/ou frustração” (SILVA, 2002, p. 7).

Considerando que os/as educandos/as que fazem parte da escola pública de Alagoas, na maioria das vezes, dispõe de pouca condição material para a compra de livros e que esta aquisição se torna, em muitos casos, “artigo de luxo”, torna-se imprescindível que a escola garanta espaços e condições adequados para que haja um encontro frequente e produtivo entre educandos/as e livros. Sobre essa questão, os Parâmetros Curriculares Nacionais do terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental II – PCNEF – destaca:

Para os alunos que provêm de comunidades com pouco ou nenhum acesso a materiais de leitura, ou que oferecem poucas possibilidades de

¹ Letramento que se aproxima mais do enfoque ideológico e da visão paulofreiriana de alfabetização revolucionário [...] (SOARES, 1998 apud ROJO, 2009).

participação em atos de leitura e escrita junto a adultos experientes, a escola poderá ser a única referência para a construção de um modelo de leitor e escritor (PCNEF, p. 66).

É interessante observar que os PCNEF trazem em suas considerações a importância da escola na formação leitora e escritora dos/as educandos/as como podendo ser “a única referência para a construção de um modelo de leitor e escritor”. De fato, pensamos que cabe a instituição escolar garantir, ao menos em seu ambiente, o direito à leitura, no mais amplo sentido da palavra; no entanto, no que concerne “à construção de modelos de leitor e escritor”, entendemos que em lugar de oferecer modelos seria melhor oferecer propostas de leitura e escrita; o sujeito deve se apropriar do ato de ler e escrever com liberdade, sem restrições a “modelos” preestabelecidos e de prestígio social; deve se apossar desse ato e por meio dele reconhecer e exercer mais efetiva e ativamente os seus direitos plenos de cidadão.

Conforme consta nos documentos oficiais que regulamentam o currículo para o ensino fundamental II, terceiro e quarto ciclos, “Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura”. E entre algumas disponibilidades que propõem à escola para realizar essa tarefa, esses documentos sugerem que “O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais”.

Em relação à regularidade nas atividades de leitura, estamos de pleno acordo com esses documentos; a leitura, assim como a escrita, precisa ter destaque no planejamento do/a educador/a. A regularidade dessas práticas provavelmente contribuirá no êxito do processo. Também é importante ter clareza no objetivo das atividades que se propõem com leitura e produção escrita para poder elaborar questões que sejam reconhecidas e bem aceitas pela turma, atendendo as suas necessidades e anseios.

Conhecer um pouco da realidade de vida dos/as educandos/as será por certo um bom começo para elaborar atividades que contemplem às suas principais necessidades. É preciso se aproximar de seu universo, conhecer o seu mundo, seus sonhos e conceber o processo de leitura de mundo anterior ao processo de leitura da palavra, assim como o faz Paulo Freire (1989, p. 9) ao dizer que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa

prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Para Paulo Freire, (1989, p. 12): “A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada.” Como esse autor, acreditamos que é fundamental “amadurecer” a leitura e escrita de textos, conferindo-lhe aperfeiçoamento e aumentando sua qualidade. Isso não quer dizer abrir mão de ler sempre e com disciplina como um dos requisitos importantes no processo de formação do/a leitor/escritor/a; faz-se necessário conciliar esses dois aspectos do processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita no planejamento pedagógico.

Em relação às condições propostas para formação de leitores/as no currículo oficial – entre elas, uso da biblioteca escolar e salas com acervos de livros e outros materiais de leitura – é sabido que são praticamente inexistentes na maioria das escolas públicas. Desprovidas de recursos humanos e materiais, a maior parte dessas escolas não tem conseguido êxito em um trabalho de qualidade na formação leitora dos/as educandos/as.

Entre outras dificuldades, falta biblioteca que efetivamente funcione, e ainda parece faltar investimento na formação continuada de alguns educadores/as que provoque e promova um trabalho mais engajado, capaz de otimizar a qualidade da educação e, conseqüentemente, a realidade social de todos/as nós. Entre outros requisitos, pensamos ser importante que os/as profissionais da educação se sintam motivados/as e valorizados/as para que desempenhem bem o seu trabalho e possam contribuir efetivamente na educação de todos/as nós educandos/educadores/as.

E por falar em motivação, no que concerne às práticas de leitura-escrita na escola, investimos em leituras e temáticas provocativas, capazes de promover a reflexão e a (re)criação de poemas, de modo sensível e crítico, permitindo que o/a educando/a se autoconhecesse e se fizesse conhecer pelo/a outro/a em suas produções, assim como também (re)conhecesse a comunidade onde vive. Durante os 7 meses da pesquisa com esses sujeitos participantes, procuramos desenvolver a capacidade interpretativa, motivar a criatividade e a socialização de conhecimentos, percebendo na expressão artística da poesia a diversidade de sentidos da palavra.

2.3 Experiência literária e criticidade

A análise literária toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras [...]. É só quando esse intenso processo de interação se efetiva que se pode verdadeiramente falar em leitura literária.

Rildo Cosson (2014, p. 29)

Entendemos que a literatura é um direito que cabe a todo e qualquer sujeito e que agrega muito valor em sua formação. Propomos, pois, nesta pesquisa, aproximar essa disciplina do ambiente escolar, quem sabe da rotina diária do/a educando/a e do/a educador/a, sujeitos participantes desse processo, também no ambiente extraescolar.

Pretendemos contemplar em nosso planejamento pedagógico atividades que possibilitem uma maior aproximação do/a educando/a com textos literários, mais especificamente com poemas populares que versem sobre temáticas com as quais se possa promover uma familiaridade e interação entre autor/a, leitor/a e texto.

Para isso é importante realizar regularmente a leitura e reflexão de poemas populares em sala de aula e discutir as sensações e impressões que eles nos provocam. Para nós, experiências com a arte da palavra no ambiente escolar podem contribuir fundamentalmente não só para a formação de leitores/as, mas principalmente para a formação de pessoas mais humanas, capazes de serem afetadas e de afetar o outro e o mundo pelo poder expressivo que existe na linguagem literária. Corroboramos com Rildo Cosson (2014, p. 17), quando diz que

A experiência literária não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma ou outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos.

É importante reforçar que para os sujeitos participantes desta pesquisa torna-se imprescindível que as experiências com poesia popular sejam realizadas na escola acompanhadas e orientadas pelo/a educador/a que deve servir de mediador/a para essa aproximação entre leitor e texto.

Estamos falando de um público que não desfruta de estreita convivência com textos literários em seu contexto extraescolar e, por isso, defendemos que a escola deve investir no letramento literário, considerando, assim como Cosson (2014, p. 27) que “[n]o ambiente escolar, a literatura é um *locus* de conhecimento, e para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada”.

Acreditamos ser “maneira adequada” de trabalhar o texto literário aquela que antes de mais nada respeita o saber prévio dos/as educandos/as na escolha do texto a ser trabalhado, no nosso caso poema popular, e considera, primeiramente, a função sensibilizadora, própria da literatura; investe em momentos agradáveis de leituras: silenciosa, oral, expressiva, individual e compartilhada, na sala e em ambientes distintos da escola, em círculos de leitura e, ainda, permite interações entre linguagens distintas na apreciação do poético: desenhos e imagens, dramatização, entre outros. Vale dizer que a literatura tem a “função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (COSSON, 2014, p. 23).

Reforçamos que a experiência literária que aqui se quer oferecer, na leitura e escrita de poesia popular, considera esse gênero textual como uma oportunidade de sentir e pensar a palavra artística. São muitas as funções da poesia e não podemos perder de vista que, apesar de primeiramente fazer vir à tona sentimentos e emoções, sua leitura suscita o pensar que possibilita dialogar e trocar impressões sobre determinados assuntos do mundo em geral.

Sobre essa questão, discorre Carlos Felipe Moisés (2013) na apresentação (poesia: sentir e pensar) da antologia “Poesia faz pensar” do qual fez a organização, notas e comentários. Para esse autor,

O móvel desencadeador da poesia prende-se, de fato, às emoções e aos sentimentos fortes; a poesia brota sempre do espanto ou da perplexidade diante das coisas do mundo. Não conheço explicação racional para isso, que podemos chamar de impulso ou estado poético. Daí nascem todos os poemas, que então se oferecem à percepção do leitor. Este o que fará? Vai ler, vai sentir também, vai tentar reviver em seu mundo interior o impulso que (co)moveu o poeta. Por isso não é errado dizer que poesia dá o que sentir. Errado é o preconceito contra o pensar, como se este fosse estranho à poesia (MOISÉS, 2013, p. 7; 8).

É interessante salientar que estamos tratando aqui de jovens adolescentes, entre 13 e 15 anos, que precisam ser seduzidos/as, desafiados/as e instigados/as a viver situações com novidade e liberdade, que agreguem conhecimento à sua formação pessoal/humana, fazendo-os refletir sobre o mundo a sua volta, trocar ideias com o outro, construir as suas próprias ideias e se posicionar diante de

questões como sua própria realidade, seja ela local, social, cultural ou política, de modo subjetivo, significativo e também prazeroso.

Acreditamos que o contato com a leitura literária pode realizar essa tarefa. Sobre isso concordamos com Azevedo (2005, p. 10), ao dizer que “O contato com textos subjetivos, movidos a visões pessoais e não consensuais, carregados de ficção e poesia, que se permitem utilizar a linguagem com liberdade, é outro ponto instigante da literatura, seja ela infantil ou outra”.

Aliado a esse trabalho, considerado adequado, estão as descobertas que nos podem proporcionar o texto literário sobre o eu, o outro e o mundo. A curiosidade, inerente ao ser, permite a ele crescer a sua bagagem cultural. E, acreditamos que com uma seleção de conteúdos de poemas populares, pertinentes ao contexto histórico social e cultural de nossos/as educandos/as, podemos contribuir para um conhecimento mais revelador sobre o mundo interior e exterior.

Falamos da curiosidade porque a consideramos parte integrante de todo processo de conhecimento crítico que precisamos construir para ampliar a nossa visão de mundo. Ser curiosos e instigar a curiosidade em nossa ação pedagógica por certo favorecerá a construção de sujeitos menos ingênuos e mais atentos em relação ao espaço e papel que lhes cabe na sociedade. Sobre curiosidade humana, fala Paulo Freire (1996, p. 35-34) o seguinte:

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil.

Para contribuir na formação de sujeitos mais esclarecidos e livres é ponto imprescindível estimular a capacidade de compreender e enxergar o mundo com mais clareza e criticidade. Acreditamos que esse estímulo pode ser promovido por meio de leituras e produções de poemas populares que abordem temáticas diversas de acordo com a realidade, necessidade e desejos de cada grupo. É necessário relacionar linguagem e mundo real, considerando, assim como Freire (1989, p. 9) que “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Para alcançar a criticidade pensamos, assim como Freire (1989), que é necessário ir além da “decodificação pura da palavra escrita, ou da linguagem

escrita”, é necessário “se antecipar e se alongar na inteligência do mundo”. Esse é um processo que deve ser viabilizado no espaço escolar, a partir de práticas textuais pensadas pelo/a educador/a com o objetivo de inserir o educando/a em situações-problema que o permita pensar, refletir sobre o seu “entorno” para chegar a possíveis soluções.

É importante que a escola permita ao/a educando/a um conhecimento das relações pessoais/sociais, de forma orientada e valorizada por meio de atividades que ofereçam situações próprias de sua realidade local/social. Isso pode ser garantido com o trabalho adequado da arte e da palavra artística em sala de aula. De acordo com Ricardo Azevedo (2005, p. 6),

trata-se de um lamentável equívoco deixar de fora do âmbito escolar, ou do universo educacional oficial, as questões subjetivas, os aspectos psicológicos e emocionais; as contradições e ambiguidades; as vivências concretas; a efemeridade humana; as questões do imaginário coletivo e dos imaginários individuais entre outros temas relevantes e relativos.

Paralelo aos assuntos que são comumente abordados em sala de aula, de caráter objetivo, Azevedo (2005) propõe também a abordagem de conteúdos que tratem de relações humanas, de situações concretas, vividas por pessoas reais e comuns e não idealizadas para determinados grupos de pessoas, com o que concordamos plenamente. Ainda para esse autor,

Através da ficção e da linguagem poética, os assuntos subjetivos, assuntos que não implicam nem são passíveis de lições, sistemas de controle e soluções unívocas, mas sim de opiniões pessoais, emoções, conflitos, discussões e controvérsias, podem vir à tona. São temas que não supõem “uma” verdade mas, sim, a pluralidade da verdade, pois diante deles, opiniões opostas e excludentes podem ser igualmente válidas (AZEVEDO, 2005, p. 6).

De possibilidades de leitura fala acima o autor, e são essas possibilidades que precisamos oferecer aos/as nossos/as educandos/as em nosso trabalho de sala de aula como educador/a: diversas formas de ver e ler o mundo. É preciso ampliar a visão para enxergar mais e melhor as coisas ao nosso redor, potencializar a nossa leitura para nos apropriar do conhecimento e poder usá-lo adequadamente como elemento de transformação pessoal e social.

Como educadores/as, podemos e devemos apresentar propostas que provoquem “a promoção da ingenuidade para a criticidade” (FREIRE, 1996, p. 35).

Esse papel cabe à escola e deve ser perseguido pelos/as educadores/as que acreditam numa educação que liberta.

2.4 A poesia popular vai à escola

A poesia pertence a todas as épocas:
é a forma natural de expressão dos homens.
Não há povos sem poesia; [...] é inconcebível a
existência de uma sociedade sem canções, mitos
ou outras expressões poéticas. A poesia ignora o
progresso ou a evolução, e suas origens e seu fim
se confundem com os da linguagem.

Paz (2012, p. 74-75)

A poesia que se pretendeu trabalhar com os sujeitos participantes desta pesquisa deveria ser, em princípio, um convite ao/a jovem leitor/a; precisava ser atraente e irresistível a ponto de envolver os/as educandos/as numa atividade significativa e prazerosa no ambiente escolar.

Não houve, neste trabalho, a intenção de formar declamadores/as ou poetas/poetisas, mas de trazer para o dia a dia dos/as educandos/as no ambiente escolar um gênero textual que dispõe de elementos capazes de fascinar, divertir e aguçar a imaginação enquanto agrega conhecimento de toda natureza.

Acreditamos ser poesia popular uma manifestação cultural artística que traz em sua linguagem características próprias das pessoas de vida simples, de hábitos cotidianos comuns; do homem do campo, do povo que traz na sua história certa dose de inocência e verdade, que apresenta por meio de sua fala original e natural temáticas variadas (amor, natureza, cotidiano, religião, sofrimento, preconceito, desigualdade social etc.) que fazem parte do imaginário social e do universo local e cultural.

A escolha de um trabalho com poesia/poema popular se deve aos seguintes fatos: considerarmos o trabalho com letramento literário em sala de aula um direito que deve ser garantido aos nossos/as educandos/as e reconhecermos a sua ausência no espaço escolar como um prejuízo à formação do ser humano. E, além disso, ter conhecimento de que a poesia é um dos gêneros textuais apontados

pelos/as educandos/as como um dos textos de sua preferência, por meio de respostas abertas apresentadas em questionários escritos.

O adjetivo **popular** que acompanha neste trabalho a palavra **poesia** – poesia popular – confere um sentido próprio e especial à produção dos/as educandos/as sujeitos desta pesquisa: é a voz de uma comunidade popular que expressa, em sua visão, as contradições que sente em relação ao espaço onde vive. Este adjetivo deve ainda conferir à poesia, neste trabalho, a liberdade de criação e recriação de fatos, sentimentos e emoções por meio de uma linguagem natural, simples, acessível, que projete a voz de seu/sua autor/a, dando-lhe a vez de (en)cantar o seu mundo e o mundo das gentes que fazem parte da sua comunidade com todas as dores e cores por eles percebidas.

De acordo com Azevedo (2005, p. 12), o adjetivo **popular** presente na expressão **literatura popular** justifica-se pelos seguintes fatos: “1) aborda temas humanos amplos da vida concreta, passíveis de gerar identificação e compreensão imediata na maioria das pessoas [...] e 2) utiliza linguagem pública, clara, direta e acessível”. Ainda para esse autor, “[n]a literatura popular, ao que parece, os assuntos tendem a ser abordados através de um ponto de vista geral que privilegia as angústias e perplexidades relativas ao ‘nós’ e não ao ‘eu’”. Concordamos com esse autor e ampliamos, assim, o nosso conceito de popular acima conferido à poesia.

Pensamos ser necessário desenvolver em sala de aula leituras e produções desse gênero textual, poesia, cujo conceito tem sido deturpado por alguns/algumas dos/das nossos/as educadores/as e educandos/as de formação tradicional: “trabalhar com poesia é algo difícil”. “Poesia não é difícil”, já o afirma Moisés (2012), e o perseguiremos nessa trilha conceptual.

Acreditamos que o modo como a poesia é abordada em sala de aula é o que provavelmente a torna difícil e ainda chata e enfadonha, não só para os/as educandos/as mas também para os/as educadores/as. Ainda corroboramos com o autor acima quando afirma: “Quando o jovem leitor se depara com a perspectiva de provas, testes e exames, com a necessidade de memorizar enorme quantidade de regras nem sempre úteis, às vezes até despropositadas, o resultado é fugir da poesia” (MOISÉS, 2012, p.6).

É dever do/a educador/a desmi(s)tificar conceitos falseados sobre a poesia, assim como recriar a concepção do **popular** que habita o imaginário de algumas

peças, como foi necessário fazer com alguns dos sujeitos participantes desta pesquisa que, inicialmente, relacionava o adjetivo **popular**, da poesia, apenas à poesia de cordel, de forma caricata, regionalista, como arte inferior, resistindo inclusive por conta disso, a participar desta pesquisa.

Rever saberes distorcidos sobre poesia e democratizar esse gênero, poema, tornando-o popular, provavelmente contribuirá para que ele passe a ser bem aceito pelos/as educadores/as e educandos/as, das nossas escolas, aproximando-o da sala de aula.

Por ser uma forma de expressão com características peculiares: estrofes, versos, rimas, imagem e musicalidade, e tratar de temas comuns e de interesse do povo, pensamos que o poema de que tratamos aqui como popular pode oferecer meios para que se chegue a descobertas e (re)criações de mundos ao qual pertencemos e com o qual podemos nos identificar.

A linguagem popular e comum que representa o povo está em constantes manifestações culturais e, além de resgatá-la, é necessário que conheçamos, por meio dela, esse povo e sua história. Para Otávio Paz (2014, p. 47), “popular ou minoritária, a linguagem que sustenta o poeta tem duas marcas: é viva e comum. Ou seja, é usada por um grupo de homens para comunicar e perpetuar suas experiências, paixões, esperanças e crenças”.

Sentimos bastante dificuldade de encontrarmos obras que trouxessem de forma mais específica a história da poesia popular. Segundo Antonio Nóbrega (2015), não encontramos em manuais de literatura tipos de poesia popular como “o mourão rebatido, a embolada, uma décima de sete sílabas, um galope à beira mar [...]” (NÓBREGA, 2015, p.10). Para esse autor, popular é a poesia que tem a forma brasileira, que se desenhou ao lado da poesia europeia e que, apesar de ser brasileira, diferentemente das outras (soneto, ode, écloga) que possuem em sua estrutura formas europeias, a poesia popular é considerada cultura folclórica, cultura menor (NÓBREGA, 2015).

Em entrevista concedida à revista **Na ponta do lápis** (2015), Antonio Nóbrega fala da cultura popular e da importância de trazer essa cultura para dentro da escola e, no caso da poesia popular, ele sugere:

Usar formas lúdicas muito ricas, melodias, estrofes, passos, mas resignificando, recontextualizando. Quando você domina uma quadrinha, vai querer dominar uma sextilha, quer ir mais para frente e, nesse sentido,

vai recriando. O universo simbólico popular é muito rico dessas formas, carece de nos aproximarmos dele (NÓBREGA, 2015, p. 8).

Acreditamos que ressignificar pode fazer a diferença. Tornam-se mais atraentes as atividades que envolvem interesses que fazem parte da vida e cotidiano dos/as educandos/as. Conhecer a realidade da turma seria um bom começo para depois integrar ao planejamento de aula as atividades que contemplem os anseios dos/as educandos/as. O que não se pode, no entanto, é continuar negando-lhes o acesso a essas possibilidades de (re)criação artísticas.

Emerson da Cruz Inácio, em artigo **Sobre poesia e rap, rappers e poetas** (2009) fala de uma poesia que “se reestabelece na lógica cultural na medida em que ao invés de reafirmar os valores da sociedade ou do estado, surge como forma de mostrar os anseios de novos sujeitos e de novos cidadãos, frente as novas realidades que os cercam” (INÁCIO, 2009, p. 120). Nisso estamos em consonância, precisamos refletir e perceber as implicações que estão por trás dessa mistura de manifestações culturais.

Graças ao seu caráter dinâmico, as culturas se entrelaçam e por meio do diálogo acabam se fundindo. É o que vem acontecendo com o **rap**², que tem chegado à escola na voz dos/as educandos/as. Ao ser questionado sobre a fusão de culturas entre músicos brasileiros com o rap ou rock, Antonio Nóbrega (2015) diz o seguinte:

[...] quando vejo os *rapistas* brasileiros fazendo tudo igual ao *rapper* americano [...] eu me entristeço. [...] Precisa se apropriar literalmente do imaginário alheio? Vamos construir outro imaginário. Não acho que há fusão nesse caso e me causa estranheza. Mas entendo a razão. É que eles recebem só isso. Eles poderiam ver no Nordeste um embolador cantando, tocando pandeiro. O *rap* é uma forma estrófica, com rimas determinadas, mas diferentes das formas da embolada, onde a conformação métrica é muito mais rigorosa. Um verso tem que ter sete, dez ou onze sílabas. No *rap*, não. Esse universo dos poetas populares não entra na mídia, e aí esses jovens das periferias urbanas do Brasil não têm acesso. Nosso universo de cultura popular foi capaz de edificar [...] uma rica catedral de imaginário simbólico. Se isso for trazido à tona, pode ajudar nos nossos processos educacionais e artísticos (NOBREGA, 2015, p. 9-10).

Concordamos com o artista referido acima quando diz, em outras palavras, que ao “vestir-se” totalmente do *rap* americano, o brasileiro “despe-se” de sua cultura (NÓBREGA, 2015). A escola tem o papel de dialogar com as diferentes

² Em artigo escrito na revista da USP, **Via Atlantica**, Emerson Inácio (2009) diz que o *rap* se constitui como uma poética da margem no sentido mais amplo que a ideia de periferia pode aqui assumir: está como sugere Platão, fora da metrópole, fora dos muros daquilo que a Literatura considera como perpetuação de valores estéticos capazes de transcender ao tempo e à noção de arte.

culturas e ao mesmo tempo de dar ao sujeito acesso a nossa cultura, para que se possa construir um sentimento de identidade e pertencimento, possibilitando, pois, a valorização do nosso patrimônio cultural.

É preciso abrir os portões das escolas para debates sobre determinadas manifestações culturais que circulam fora de seus muros, mas também conhecer e reconhecer o valor de nossa produção poética popular como legado cultural e como meio de autoafirmação.

Pensamos que é possível por meio da palavra poética ampliar a visão de mundo e (re)conquistar o/a leitor/a, aprimorando sua leitura de poesia popular. Partimos do princípio de que todos os dados obtidos sobre o contexto social da turma deveriam ser levados em conta para se traçar um repertório poético que viesse ser pertinente com as expectativas desses educandos/as.

A poesia apresentada trouxe por meio de versos livres, com foco na expressividade e sentido, a contribuição para o autoconhecimento e ainda, com liberdade, permitiu que esses sujeitos se apropriassem da arte, como meio de expurgar suas dores e refinar seu gosto.

Em relação ao tratamento dispensado à poesia em sala de aula, recorreremos às concepções de Moisés (2012), mais uma vez, porque defende, assim como este estudo, um trabalho com poesia de “modo adequado, isto é, como experiência afetiva, espiritual e artística que as pessoas naturalmente amam e à qual deveriam dedicar-se por prazer, não por obrigação” (MOISÉS, 2012, p. 6).

Considerando que os sujeitos participantes da pesquisa gostam de poesia – a maioria dos/as educandos revelou seu gosto por esse gênero textual ao responder em sala de aula um questionário aberto e escrito – propomos reservar a esse gênero literário um espaço maior em nosso ambiente escolar, de forma que todos os/as educandos/as possam experimentar um trabalho que lhes propicie reflexão, prazer e satisfação. Sobre isso, temos um pensamento tal qual o de Moisés (2012, p. 9), que diz:

Nosso ponto de partida é o fato de todo jovem ser propenso a gostar de poesia, o que fatalmente acontecerá se ele não for desencorajado por um excesso de regras e fórmulas, ou por obrigações burocráticas, é inevitável deduzir que ele extrairá tanto prazer da leitura de poesia quanto da tentativa de criar os seus próprios poemas.

Chamamos a atenção para o seguinte fato: um trabalho com poesia que apresente um excesso de regras e fórmulas desencoraja não só quem está

aprendendo, mas também quem está mediando esse aprendizado. É enfadonho e acaba com o encanto, próprio da poesia.

Em entrevista à *Nova Escola*, edição digital, n. 211 (2008), Joel Rufino dos Santos diz que a escola pode afastar o/a educando/a da literatura sim, e justifica sua resposta mencionando práticas de ensino de poesia que a tomam como mero pretexto para tratar de questões desvinculadas de sua função principal. Para esse autor, a escola pode afastar os/as educandos/as da literatura,

uma vez que impõe padrões que não interessam. Uma das barbaridades que ainda são feitas no estudo de poesia, por exemplo, é decompor o poema, analisá-lo gramaticalmente, semioticamente, estruturalmente etc. Esse é um recurso masoquista, pois o poema é muito maior que sua análise. Quem faz isso deveria decompor substâncias e olhá-las com microscópio. Não sou contra a teoria literária, mas me oponho a quem apenas olha o texto e esquece o resto. O primeiro recurso pedagógico deve ser sempre o da sedução (SANTOS, 2008).

Apresentar a educandos/as do Ensino Fundamental um estudo com poesia que tenha como foco identificar e classificar o gênero poema é algo muito limitado; compromete as importantes funções a que se propõe essa leitura literária: desenvolver e/ou fortalecer a sensibilidade, despertar as emoções e o sentimento de prazer, construir e/ou enriquecer o senso crítico.

Consoante afirma Santos (2008), acreditamos que a sedução, como primeiro recurso pedagógico, deve ser levada em conta num trabalho pedagógico, não só com poesia/poema mas também com qualquer outro conhecimento que se queira compartilhar em sala de aula. O encantamento certamente facilitará a conquista e reforçará a relação de confiança entre os sujeitos participantes do processo de ensino e aprendizagem, abrindo espaço para que eles se apropriem efetivamente do conhecimento.

Também com base nos estudos de Ferreira Gullar, no livro **Sobre arte, sobre poesia** (2006), corroboramos a posição do autor ao afirmar que “não há civilização sem arte e que a arte é uma das expressões mais genuínas de cada povo e de cada cultura” (GULLAR, 2006, p. 43). Ele ainda diz ter conhecido a poesia nas antologias escolares: “O poeta fala dos outros homens e pelos outros homens, mas só na medida em que fala de si mesmo, só na medida em que se confunde com os demais (GULLAR, 2006, p. 158).

Acreditamos num trabalho com poesia que se materialize por meio de uma linguagem acessível e que envolva os sujeitos participantes desta pesquisa, na

tentativa de tornar essa arte parte do seu universo. Assim, concordamos com Otávio Paz (2012, p. 33) ao dizer que

O poema é uma possibilidade aberta a todos os homens, qualquer que seja seu temperamento, seu ânimo ou sua disposição. [...] o poema é apenas isto: possibilidade, algo que só se anima em contato com um leitor ou um ouvinte. Há um traço comum a todos os poemas, sem o qual eles nunca seriam poesia: a participação.

Possibilidade é o ponto de partida deste trabalho. Oferecer um poema cuja leitura esteja ao alcance da compreensão do/a leitor/a ou ouvinte e que fomente nele/a o encantamento próprio da palavra poética, conferindo ao poema o caráter de poesia; palavra que inspire, que provoque a ação, que fortaleça a avidez que existe no jovem de dizer, de várias formas, como é o seu mundo e como se vê nesse mundo, sua forma real e imaginada, resultante de leituras que agucem a criatividade, com reflexões e críticas que promovam saber com sabor. É essa oportunidade que se quer oferecer. Poesia como “Inspiração, respiração, exercício muscular”, “Convite à viagem; retorno à terra natal”, “Voz do povo [...] palavra do solitário”. Essas são algumas das concepções apresentadas por Otávio Paz entre as muitas que preenchem uma página quase inteira do seu livro “O Arco e a Lira” e que corrobora o nosso desejo de ampliar o espaço da poesia no ambiente escolar, expandindo-o para além dos muros da escola, por meio da realização deste trabalho.

Poema e poesia são considerados, neste estudo, como parte de um todo que confere conteúdo e forma ao sublime. Para Paz (2014, p. 22) “nem todo poema [...] contém poesia”. “Há máquinas de rimar, mas não de poetizar”. Fica claro que a poesia pode estar presente em outras formas (pessoas, imagens, fatos), enquanto o poema seria “uma obra construída com as leis do metro” (PAZ, 2014, p. 22). Ainda,

O poema é criação original e única, mas também é leitura e recitação: participação. O poeta o cria; o povo, ao recitá-lo, recria. Poeta e leitor são dois momentos de uma mesma realidade. Alternando-se de uma forma que não é incorreto chamar de cíclica, sua rotação engendra a faísca: a poesia (PAZ, 2014, p. 46).

Essa cumplicidade entre o poeta e o povo de que fala o autor acima é uma relação que permite dar vida ao texto poético, fazendo-o acender e ser parte de dois lados criativos e necessários à poesia: autor e leitor. Nesse momento, os dois lados se confundem; um e outro assumem igual importância no processo de criação que

tem o poder de afetar tanto autor/leitor como também muitas outras pessoas que de alguma forma alimentam esse processo.

Apropriar-se da leitura poética é uma forma de vivenciar o processo de sua criação. Essa é uma atividade que deve ser praticada também no ambiente escolar. A expressividade do texto pode “acordar” emoções e promover sensibilidades e sensações que são próprias do ser humano e devem ser abordadas e trabalhadas em sala de aula. Segundo Ricardo Azevedo (2005, p. 3),

[...] se o discurso racional analisa, diferencia e identifica as partes do todo, o discurso poético age de maneira oposta: transforma o que é heterogêneo em homogêneo, sintetiza e é capaz de unir ou estabelecer a convivência entre elementos contraditórios.

Trazer para sala de aula e demais espaços da escola autores e temáticas que de alguma forma façam parte da realidade dos/as educandos/as pode facilitar a aceitação de um trabalho com poesia ou com outro gênero textual, pelo fato da empatia e do acesso construídos por meio da proposta e da forma apresentada pelo autor para propor.

Defendemos que deve sempre ser levado em conta num trabalho com poesia, o seu principal papel, que nas palavras de José Paulo Paes (1996, p. 27 apud PINHEIRO, 2002) é de

mostrar a perene novidade da vida e do mundo; atizar o poder de imaginação das pessoas, libertando-as da mesmice da rotina; fazê-las sentir mais profundamente o significado dos seres e das coisas; estabelecer entre estas correspondências e parentescos inusitados que apontem para uma misteriosa unidade cósmica, ligar entre si o imaginário e o vivido, o sonho e a realidade como partes igualmente importantes da nossa experiência de vida.

Reforça-se a importância de se conhecer as necessidades e a realidade em que estão inseridos os sujeitos desta pesquisa. Também importa ter definido que o papel primeiro da arte, assim como o da educação, é o de humanizar o sujeito, favorecendo seu acesso a um saber que o inclua numa sociedade onde de fato ele se reconheça como cidadão.

Contribuir para a formação destes sujeitos é dever da escola e papel do/a professor/a, que tem o poder de usar a palavra como instrumento que liberta em detrimento daquele/a que reproduz um padrão social de “prestígio” e perpetua a desigualdade e o preconceito sociais.

3 TRAÇOS DE CAMINHOS POÉTICOS

Saber que o ser social é radicalmente histórico e social, que é uma totalidade e não uma soma aleatória de partes [...] que é permeado por contradições e mediações, [...], essas e outras determinações gerais serão importantes elementos balizadores para orientar a busca pelo desconhecido

Tonet (2013, p. 114)

Este estudo adotou uma perspectiva dialética com a pretensão, por meio do enfoque materialista, de desenvolver a consciência reflexiva e crítica dos sujeitos participantes, envolvendo-os num processo de leitura e escrita de poema popular, que propusesse possibilidades de compreensão do texto e contexto social em que estão inseridos visando ampliar seus conhecimentos de mundo de forma significativa.

A elaboração dos instrumentos utilizados para a realização desta pesquisa não se pautou em números e quantidades, mas procurou considerar a dinâmica de interação entre os/as educandos/as, a educadora e o conhecimento que estes trazem sobre o mundo, sobre as formas como eles o leem e o escrevem, considerando para isso o contexto sócio-histórico-cultural em que vivem e as condições de produção oferecidas.

Neste recorte, concordamos com o que afirma Ivo Tonet (2013, p. 104): “[...] o objetivo do conhecimento não é capturar todos os elementos que integram o objeto, mas apenas aqueles que são necessários para atingir o objetivo almejado, pois é o fim que determina o que deve ser conhecido”.

Lançamos mão de procedimentos como sondagens orais e escritas (ANEXO A)³, questionários e conversas sobre o lugar onde os/as educandos/as vivem e sobre o que eles/as pensam sobre si mesmos/as, sobre o mundo, e também sobre a poesia, mais especificamente poesia popular, como gênero textual que nos convida ao conhecimento, à criticidade, à diversão, às percepções do mundo e emoções.

³ Essa sondagem é resultado de uma adaptação feita, por mim, a partir de um exercício elaborado nas aulas da Profa. Dra. Rita Souto Maior, na disciplina Texto e Ensino, do Profletras/Ufal. O material foi elaborado pela professora juntamente com toda a turma da qual fui integrante até a defesa desta dissertação. A adaptação teve como motivação o interesse por questões totalmente abertas, o que não aparece no material original, que vem seguindo o material adaptado no anexo A..

Procuramos conhecer os interesses e necessidades dos educandos/as para que pudéssemos selecionar as temáticas abordadas nos textos poéticos a serem trabalhados nas atividades de leitura e escrita em sala de aula. Foram realizadas entrevistas, com questões abertas, visando conhecer a realidade e o contexto social da turma, assim como as experiências de leitura e escrita de poemas das pessoas que fazem parte da realidade desses/as educandos/as.

Ainda buscando conhecer e compreender melhor a realidade e o contexto social em que está inserida essa turma, 9º ano “B”, promovemos questões escritas direcionadas aos pais/responsáveis e/ou moradores da comunidade (APÊNDICE B) e ainda uma conversa/entrevista com o presidente da associação dos moradores do bairro, a fim de colher informações sobre as reais condições sociais e serviços públicos de que dispõe essa comunidade (APÊNDICE D).

Para pôr em prática esse trabalho, solicitamos formalmente autorização da direção escolar (APÊNDICE E), dos pais dos/as educandos/as e dos/as próprios educandos/as por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE – e do Termo de Assentimento do Menor – TAM (APÊNDICES F e G). Todas as partes aceitaram e concordaram em participar desta pesquisa, com exceção de três educandos/as que, inicialmente, resistiram, mas terminaram se envolvendo no decorrer do processo e realizando conosco as atividades propostas.

3.1 Contexto de Pesquisa

Criada em 1960, sob o decreto nº 34.246/90, com número de registro do Censo Escolar 27.035.948, a escola⁴ na qual se realiza esta pesquisa, pertence à rede estadual de ensino e foi transferida para o atual prédio no ano de 2003, com autorização para funcionar através do decreto de 14 de abril deste mesmo ano no governo de Ronaldo Lessa, tendo como secretária de educação Maria José Pereira Viana. Essa instituição de ensino, segundo o Projeto Político Pedagógico⁵ – PPP – “atende a uma clientela de classe econômica média baixa e pobre, na sua maioria

⁴ Informações retiradas do PPP da escola participante desta pesquisa, atualizado em 2016.

⁵ Empreendimento planejado que consiste num conjunto de atividades coordenadas e inter-relacionadas a uma programação com a finalidade de alcançar objetivos específicos, considerando a realidade diagnosticada num tempo presente da escola e a participação e compromisso de todos que fazem parte daquele espaço da construção do saber.

residente no mesmo bairro, filhos de pessoas de baixa renda, que sobrevivem em sua maioria com recursos do Governo Federal”.

A escola funciona com aulas nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Conforme o seu PPP, atende a alunos do 6º ao 9º ano, de acordo com a lei nº 11.274/06, que regulamenta o Ensino Fundamental de nove anos, da 1ª a 3ª séries do Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) baseado na LDB⁶ 9.394/96 e Educação Profissional Técnica de Nível Médio (PRONATEC), nos termos da LDB, alterada pela lei nº 11.741/2008.

A maioria dos sujeitos participantes desta pesquisa é pré-adolescente e mora no mesmo bairro onde fica localizada a escola. São educandos/as do ensino fundamental II – 9º ano – que compõem uma turma de 42 alunos, sendo 25 meninos e 17 meninas, numa faixa etária que varia entre 13 e 15 anos. Filhos de pais e mães, em sua maioria, analfabetos/as, eles/as pouco ou nunca tiveram contato com leitura e produção de textos literários no ambiente familiar.

Ao serem questionados/as sobre a leitura e escrita de poesia, por meio de entrevista escrita, alguns dos/as pais e/ou mães dos/as educandos/as disseram que não costumam ler nem escrever poemas, mas acham “bom e importante” que se trabalhe em sala de aula com esse gênero textual porque o/a educando/a “aprende coisas novas, conhece a cultura do país, desenvolve a mente, sensibiliza, diverte, expressa sentimento e emoção e se torna um adolescente menos agressivo, parecido com o de antigamente” (Mãe Maria José dos Santos)⁷.

Alguns/algumas desses/as jovens educandos/as responderam questionários abertos sobre escrita e produção textual (APÊNDICE A), revelando o seu interesse, entre outros gêneros textuais, pelo poético, dizendo ser o poema um texto que fala de amor.

O poema assume o controle do gosto de leitura e escrita de alguns/algumas educandos/as que dizem poder, por meio desse gênero, expressar seus sentimentos, falar de coisas do dia a dia, imaginar coisas para escrever, inspirar-se, sentir-se bem e feliz. Ainda, para eles/as, a poesia é bonita, tirada do coração e posta no papel, faz parte de sua raiz, é expressão particular. “Tenho mais jeito para escrever poemas”, diz um dos jovens em sua justificativa.

⁶ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

⁷ Os nomes adotados são fictícios para preservar o anonimato dos/as entrevistados/as.

Assim como em suas casas, em que o/a educando/a não dispõe ou pouco dispõe do contato com a poesia, devido às mínimas condições de letramento literário de seus familiares, tal qual afirmam os questionários aplicados e apresentados antes, no ambiente escolar também parece haver pouca presença de poesia em seu planejamento.

Observa-se que as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola pouco ou quase nunca contemplam o gênero textual poético. As atividades são pensadas e desenvolvidas pelo/a educador/a de cada disciplina: parece faltar um trabalho de coordenação pedagógica, um programa que integre, direcione os conteúdos relevantes a serem trabalhados com os/as educandos/as em sala e que cobre com regularidade a sua aplicação no dia a dia.

Sobre esse serviço da coordenação pedagógica, conversei com a coordenadora responsável pelas turmas nas quais leciono e obtive as seguintes informações: “São muitas as atribuições para o cargo que a gente exerce; desempenhamos as funções de assistente social, psicóloga, inspetora de disciplina, orientação educacional e supervisão”. Essa é uma realidade do trabalho, não só dessa coordenadora com quem conversei, mas também de muitas outras que fazem parte do quadro de algumas escolas da rede pública estadual aqui em Maceió.

Em relação aos projetos sociais e culturais há, na semana pedagógica, um momento em que se discute e acorda entre direção, coordenação e professores/as alguns trabalhos para compor o planejamento anual; sua cobrança e realização, normalmente, são feitas por meio de uma culminância em espaços como ginásio de esporte e pátio que fazem parte das dependências da escola e são usados pelos/as estudantes. Entre as produções artísticas, a que menos aparece é a poesia.

A linguagem poética é transgressora e permite um alcance maior do que aquela que sua forma revela: um jogo de palavras em estrofe, verso, rima e ritmo. Ela aguça a imaginação e nos reporta para um lugar que é só nosso, quando remete o indivíduo a memórias singulares e individuais, e que ao mesmo tempo é de todos/as, por universalizar histórias de vidas de indivíduos de culturas e posicionamentos diferentes.

Um dos finalistas do concurso **Olimpíadas de língua portuguesa 2014** na categoria poema, com a produção textual **Vida em transição** (ANEXO B) traz em sua fala “Minha conquista vai inspirar outros jovens” a ilustração dessa identificação

do eu com o outro. O jovem de 17 anos expressa sua satisfação na fala e parece acreditar na possibilidade de uma transformação da realidade.

Esse evento pode ser visto como participação de cidadania, uma oportunidade de transformação de ponto de vista, uma vez que se trata da voz de um interno da Fundação Casa⁸ que pode ser reconhecida dentro dos muros da escola, por trazer um perfil que se faz presente na realidade de alguns de nossos/as educandos/as, segundo seus próprios depoimentos em diálogos comigo, a educadora, ou ainda por meio de produção de textos escritos de narrativa pessoal e de alguns fatos que fazem parte do nosso cotidiano escolar, que não vem ao caso aqui mencionar.

A ausência de um trabalho que estimule o gosto pela leitura de poesia popular no ambiente escolar nega ao/a educando/a o direito a um trabalho que o ponha em contato com a linguagem artística para viver experiências de leitura que lhe permita o acesso aos bens culturais de forma diversificada e prazerosa. Essa questão se agrava ainda mais quando se trata de educandos/as da rede pública de ensino do estado de Alagoas, que na maioria das vezes só praticam a leitura desse gênero textual na escola.

Os sujeitos participantes desta pesquisa fazem parte dessa realidade descrita acima: conforme respostas obtidas por meio de um questionário escrito, os pais desses sujeitos afirmam gostar de poesia e achar importante um trabalho escolar que aproxime esse gênero textual dos/as educandos/as, no entanto, dizem que não leem e nem produzem poesias em suas casas, falta-lhes tempo para esse tipo de atividade.

Observamos que a maioria dos/as educandos/as, participantes desta pesquisa, está inserida em um contexto socioeconômico desfavorável ao seu desenvolvimento pessoal, intelectual e social. O bairro da escola, foco da pesquisa que resultou nesta dissertação, onde vivem esses/as educandos/as, segundo a fala de um dos responsáveis pela associação dos moradores, é um lugar carente, que apresenta precariedade nos serviços públicos que oferece à população e não dispõe de alguns dos serviços que são básicos, de fundamental importância para o desenvolvimento social e satisfatório da comunidade. Falta segurança, espaços para leitura e área de lazer.

⁸ Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (FUNDAÇÃO CASA/SP), anteriormente chamada Fundação Estadual para o Bem-Estar do menor (FEBEM), trata-se de uma autarquia fundacional (pessoa jurídica de direito público) criada pelo Governo do Estado de São Paulo (Brasil) vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania (WIKIPEDIA).

Esses adolescentes, em meio a essa carência material, às vezes, em diálogo comigo, na posição de educadora, acabam revelando suas histórias de vida: problemas de ordem familiar, social e emocional. São desprovidos de condições para lidar com os conflitos pessoais/sociais gerados nesse cenário e acabam refletindo-os negativamente em sua postura na escola: mantêm-se “fechados” em seu mundo e parecem sentir muita insatisfação com relação a essa realidade. Não há um trabalho no ambiente escolar que venha tratar dessas questões: a escola não dispõe de psicólogos nem de assistentes sociais, ficando a cargo do/a professor/a e demais funcionários/as “resolver” mais esses problemas.

Não daríamos conta neste trabalho de abordar os serviços públicos de que não dispõem os/as nossos/as educandos/as, e não é essa a nossa intenção. Muito pelo contrário, a nossa ideia é apresentar possibilidades de atividades pedagógicas com leituras e produções poéticas que alarguem a percepção que esses/as educandos/as têm do mundo e de seu papel como cidadãos/ãs inseridos/as neste mundo, como sujeito reflexivo, crítico, ativo e transformador deste espaço.

3.2 Procedimentos metodológicos

Para melhor conhecer esses/as educandos/as, foram promovidos momentos de conversas sobre o cotidiano deles/as fora do espaço escolar, além de atividades de leitura de poema (ANEXO B) e produção textual objetivando promover uma autoapresentação.

O dia a dia do/a educando/a, fora da escola, importou muito no trabalho, foi necessário perceber suas experiências e conhecimentos que tinham, ou não, de sua própria realidade e da realidade do outro para propor atividades que fossem pertinentes ao seu contexto de vida.

Observação e registro de seus comportamentos, participação, ou não, nas práticas de sala de aula, também foram importantes nesse momento. Esses dados possibilitaram um planejamento de práticas pedagógicas que produzissem sentido.

Pretendeu-se, a partir dessas práticas, não só aproximar a poesia popular da sala de aula, mas também levá-la para além dos muros da escola, envolvendo a comunidade do bairro em nosso trabalho, para que houvesse uma troca de conhecimentos e experiências entre os integrantes (educandos/as e comunidade escolar) sobre o lugar onde vivem.

Os exercícios de sondagem serviram para conhecer as experiências de letramento dos sujeitos participantes desta pesquisa, e de seus familiares, seus gostos e preferências de leitura. Questionou-se especialmente o saber desses/as educandos/as sobre poesia popular, assim como também o de seus familiares; quais experiências têm com esse gênero textual, para que fossem selecionados os autores e as temáticas a serem apresentadas no decorrer do trabalho.

Foram realizados ainda exercícios com leituras silenciosas e orais de poemas de autores e temas diversos (ANEXO B); as produções textuais trouxeram propostas de temas intencionando aproximar leitor/a e texto por meio da familiarização que o/a educando/a já apresentava com a temática, de modo que se valorizasse a sua história de vida e a sua cultura.

Exposições em sala de aula de produções de poemas dos/as educandos/as também fizeram parte das propostas de atividades e, ao final do trabalho, envolveu-se a comunidade escolar num grandioso momento de “poesiAção”, evento que apresentou não só trabalhos de autores/as consagrados/as, mas também que revelaram talentosos/as protagonistas: os/as nossos/as jovens educandos/as e representantes da comunidade em que a escola está inserida que, além de leitores/as, foram autores/as de seus próprios poemas.

Para facilitar a realização deste trabalho, elaboramos sete fichas, que serão apresentadas na seção 3.3, que trazem de forma resumida um roteiro de aula: número de aula(s), conteúdo, objetivos, procedimentos e recursos. Como segundo passo, apresentaremos, na seção 3.4, os procedimentos em etapas, que trazem o registro do desenvolvimento dessas aulas.

3.3 Fichas de aula

<p>Primeira Etapa Número de Aula(s): 1 aula de 50 min. Ano: 9º ano</p>
<p>Título: Experiências de letramento</p>
<p>Objetivo: Conhecer as práticas de letramento dos educandos/as, suas necessidades e anseios para desenvolver estratégias que os conquistem e os aproximem de experiências literárias.</p>
<p>Procedimentos: Conversa com os/as educandos/as sobre a leitura e escrita que realizam no espaço escolar e fora</p>

dele; aplicação de questionário.

Recursos e materiais: 45 folhas fotocopiadas do questionário

Segunda Etapa

Número de aula(s): 2 aulas de 50 min.

Ano: 9º ano

Título: Despertando poetas e poesias

Objetivos:

Descobrir o que o/a educando/a já sabe sobre poesia popular; quais espaços ela ocupa em seu dia a dia, seus interesses por temas e autores; selecionar poemas pertinentes às necessidades e anseios dos/as educandos/as.

Procedimentos:

Conversa com a turma sobre poesia popular; registro de respostas dos/as educandos/as no quadro branco; entrega de questionários sobre experiências de leitura e escrita de poesia em geral e poesia popular no lugar onde vivem.

Recursos e materiais: quadro branco; caderno; lápis/caneta; questionários fotocopiados em folhas A4.

Terceira Etapa

Número de aulas: 4 aulas de 50 min.

Ano: 9º ano

Título: Monta-poema

Objetivos:

Desenvolver a leitura expressiva; entender o poema como uma unidade de sentido; socializar o poema lido com a turma.

Procedimentos:

Montar os poemas e realizar a leitura, em silêncio e oralmente; refletir em equipe sobre o seu conteúdo, registrar as sensações e as percepções no papel; desenvolver estratégias de socialização do trabalho com os demais grupos; exposição do trabalho.

Recursos e materiais:

Estrofes de poemas diversos em folhas fotocopiadas – **Aula de leitura e Poema do tamanho** (Ricardo Azevedo), **Aula de português** (Drummond), **Eu é que pergunto pra caneta e Ligação** (Gabriel, o pensador), **O peixe, Arte matuta e Que mais dói** (Patativa do Assaré), **Canção do exílio** (Gonçalves Dias), **Cidadezinha cheia de graça** (Mário Quintana) e **Milagre no corcovado** (Ângela Leite de Castilho Souza) –, cola branca, tesoura, fita adesiva, papel 40k, quadro branco.

Quarta Etapa

Número de aulas: 3 aulas de 50 min.

Ano: 9º ano

Título: Como eu te preciso, meu bairro!

Objetivos:

Levar o/a educando/a a reconhecer e apresentar, por meio do gênero textual poema, a comunidade onde vive; ampliar a visão que ele/a já traz do espaço onde vive, provocando-os para que se promova a criticidade em relação às questões sociais da comunidade.

Procedimentos:

Conversa sobre a comunidade, como os/as educandos/as a veem e a sentem; analisar a palavra **precisar** no título que deve orientar suas produções: “Como eu te **preciso** meu bairro” destacando a polissemia. Leitura e produção de poesia popular.

Recursos e materiais:

Poema **Autoapresentação**, de Elias José; livro didático, lápis grafite, borracha, caneta, caderno, papel A4.

Quinta Etapa

Número de aulas: 6 aulas de 50 min.

Ano: 9º ano

Título: Poetizando o espaço escolar para receber a comunidade

Objetivos:

Fortalecer a integração entre os educandos/as, o nosso projeto e a escola; intensificar os laços de afetividade e promover o sentimento de pertencimento que deve existir entre educandos/as e o espaço escolar; desenvolver a criatividade; cuidar do patrimônio público e do meio ambiente.

Procedimentos:

Motivar a turma para a culminância do projeto; pedir e apresentar possibilidades de exposição para os trabalhos que estão realizando. Dividir os educandos/as em grupos e selecionar com eles/as os espaços da escola que devem ser poetizados; sugerir espaços como biblioteca, pátio, refeitório etc. Acompanhar a turma dando suporte em suas criações. Produzir poemas para os convites do evento; pedir que selecionem uma das produções e confeccionar o convite.

Recursos e materiais:

Slides e projetor, poemas e imagens produzidos pelos alunos e/ou de outras autorias, papel A4, cartolinas, papel 40kg, lápis grafite, lápis de cor, lápis hidrocor, régua, fita adesiva, garrafa pet etc.

Sexta Etapa

Número de aulas: 5 aulas de 50 min.

Ano: 9º ano

Título: Fazendo (p)arte do quadro social

Objetivos:

Valorizar a produção artística dos/as educandos/as; compartilhar poesias, usando linguagem verbal e não verbal, socializando-as com a comunidade escolar e com a sociedade em geral; desenvolver o sentimento de pertencimento dos/as educandos/as e comunidade com a escola e comunidade escolar.

Procedimentos:

Grafitar a parte externa do muro da escola com versos dos poemas produzidos pelos/as educandos/as que melhor representem o bairro onde vivem e com desenhos e pinturas representativos desses versos.

Recursos e materiais:

Versos selecionados e escritos em papel, desenhos produzidos na cartolina, giz cera, tinta de cores diversas, pincéis, garrafas pets, aventais, material de limpeza, solvente.

<p>Sétima Etapa Número de aulas: 7 aulas de 50 min. Ano: 9º ano</p>
<p>Título: PoesiaAção da gente</p>
<p>Objetivos: Socializar e compartilhar as produções poéticas dos/as educandos/as com a comunidade escolar, dando-lhes protagonismo; permitir que eles/as soltem a voz e expressem o mundo a sua volta de diferentes formas poéticas, revelando seus talentos e propiciando uma (re)visão sobre o conceito de poesia popular de forma agradável e enriquecedora, integrar o público nas apresentações.</p>
<p>Procedimentos: Preparar o ambiente (pátio escolar) com todo o material construído pela turma ao longo do processo de nosso trabalho com poesia popular; apresentar de diferentes formas (declamações, jograis, encenações, musicais e outros) os trabalhos produzidos pelos/as educandos/as; envolver o público, convidando-o a refletir sobre o conceito de poesia popular e a fazer leitura de poemas expostos no pátio de autoria ou não dos educandos/as; permitir que os sujeitos participantes desta pesquisa compartilhem o trabalho que realizaram e o aprendizado que adquiriram durante todo o nosso projeto com a comunidade escolar.</p>
<p>Recursos e materiais: Textos poéticos fotocopiados – “<i>ligação</i>”, de Gabriel, o pensador; “<i>A gente muda</i>”, de Marcely Patriane; “<i>Do XXXX não quero sair</i>”, de Vitória Lima; “<i>Você parece tão tímido</i>”, de Paulo Ricardo; “<i>Meu bairro é tudo pra mim</i>” de Thiago Almeida e “<i>E a paz irá reinar</i>”, de Davi Correia – cartazes, suporte de poemas, objetos de decoração, violão, serviço de som, adesivo com o nome desta etapa do projeto, palco.</p>

3.4 Procedimentos por Etapas

1ª etapa: Num primeiro momento da aula promoveu-se uma conversa com a turma sobre esta pesquisa, sua motivação e objetivo; os/as educandos/as tiveram tempo e espaço para interagir, fazendo questionamentos e sanando algumas dúvidas sobre o trabalho a ser desenvolvido por mim, juntamente com eles/elas em sala de aula.

Após esse primeiro momento, foi-lhes apresentado um questionário (APÊNDICE A), composto de oito questões abertas sobre suas experiências de leitura e escrita, como uma das fontes condutoras das próximas atividades. Três dos/as educandos/as, apresentaram certo receio de responder ao questionário e perguntaram se era “obrigatório”, ao que respondi com um não, seguido de mais uma explicação sobre a proposta.

Os/as demais educandos/as da turma, previamente informados/as do trabalho, dispuseram-se, a participar com tranquilidade, sem nenhuma restrição, respondendo ao questionário voluntariamente.

2ª etapa: Para dar início às práticas de sala de aula em torno do texto poético, propus uma conversa sobre poesia com toda a turma. Foram levantadas

questões como “O que é poesia para você?” “Você ler/escreve poesia?” Por quê? “Você acha importante ler e produzir poemas na escola?” Por quê? Quais temas mais lhe interessa? Registre, no quadro branco, as respostas apresentadas pelos alunos, que conceituaram poesia da seguinte forma: “a vida vista de outra forma”, “O que me completa”, “modo de expressar os sentimentos”, “colocar os sentimentos nas palavras”, “rima”, “é o que se tira da alma e bota no papel”, “ficar leve”, “modo de se expressar”.

Continuando a conversa sobre poesia, lancei o seguinte questionamento: O que seria para vocês uma poesia popular? Pedi que refletissem sobre o sentido do adjetivo **popular** e apresentassem suas respostas por escrito no questionário que iria entregar-lhes naquele momento. O material trazia, também, as outras questões levantadas no início da aula sobre leitura e escrita de poesias e sobre os espaços de leitura existentes na comunidade onde vivem esses/essas educandos/as.

Os/as educandos/as demoraram um pouco a entregar suas respostas, e a dificuldade da maioria foi em conceituar poesia popular; queriam que eu lhes desse um conceito pronto, o que logo recusei. Precisava saber como seria na visão deles uma poesia popular. Eis algumas das respostas que me apresentaram: “É uma “poesia que muita gente conhece”, “as mais conhecidas”, “que estão na boca do povo”; “que todo mundo sabe o valor que ela tem”, “que trata de temas sociais ou bastante conhecidos (clichê), “é história contada de um modo diferente como cordel”, “que todo mundo ler e gosta e tem em toda livraria”, “não sei”.

Comentamos suas respostas, chamamos a atenção para a riqueza da poesia, para o fato de que ela é tudo o que foi dito pela turma e muito mais; dissemos que poesia é também combate, resistência e resposta a um sistema social e político que gera a divisão de classes. Finalizamos a discussão conceituando poesia popular da seguinte forma:

Arte que manifesta a cultura do povo, as suas histórias de vida, seus amores, os temas sociais, religiosos, políticos que fazem parte do dia a dia das pessoas comuns, em uma linguagem simples e acessível, retratando o sentimento puro e verdadeiro das gentes que se (re)conhecem e se fazem (re)conhecer em suas leituras e produções; expressão de estética de ideias e impressões que marcam sua história de vida.

Após a socialização do que venha a ser poesia, foram entregues a cada um dos/as educandos/as dois questionários: um (APÊNDICE B) para que respondessem com a participação dos/as pais/mães/responsáveis ou ainda de

outros/as moradores/as de sua comunidade que pudessem responder perguntas relacionadas à história do bairro onde moram, e outro (APÊNDICE C) direcionado aos/às pais/mães. Ainda, seguiram perguntas sobre as experiências que eles/as têm de ler, escrever e ouvir poesias e poesias populares. Com as respostas em mãos, foi feito um levantamento das características do bairro e do sentimento desses sujeitos participantes em relação ao lugar onde moram, das experiências de leitura e produção poética desses/as representantes/as da comunidade escolar.

3ª etapa: Levei para a sala de aula, em uma caixa decorada, vários poemas (ANEXO B) de autores diferentes, divididos em estrofes; cada estrofe continha uma numeração que identificava o poema de que fazia parte.

Pedi que cada um/a dos/as educandos/as escolhesse uma entre as estrofes da caixa decorada e, em seguida, que se agrupassem, orientando-se pela numeração apresentada na estrofe que cada um/a deles/as havia escolhido.

Orientei-lhes a montar o poema seguindo a sequência lógica da linguagem (seguir o sentido do todo, a partir da leitura do poema). Eles/as teriam de ler e ficar atentos às pistas apresentadas na linguagem, já que todas as estrofes de cada poema apresentavam a mesma numeração.

Cada grupo devia colar as estrofes, montando o poema numa folha de papel A4, e cada componente do grupo, escrever o poema em seu caderno. Finalmente, todos os grupos deviam colar os poemas que montaram numa cartolina ou folha de papel 40kg para afixar na parede da sala.

Conversei sobre os autores/poetas dos textos que entreguei aos grupos; falei do encontro que tive com Gabriel, o pensador, na Bienal do livro de Alagoas, edição 2015, e mostrei a todos/as os/as educandos/as a mensagem⁹ que ele havia enviado por escrito para a nossa escola. A turma demonstrou se identificar com esse autor e ficou encantada ao me ouvir falar sobre a estratégia apresentada pelo autor para declamar o poema “Ligação”¹⁰. Também levei para a sala o vídeo da nova escola em que Ricardo Azevedo, autor/poeta de dois dos dez poemas que eu havia distribuído

⁹ Em visita à Bienal Internacional do Livro em Alagoas, edição de 2015 estive com Gabriel, O Pensador, logo após a apresentação de seu trabalho, falei rapidamente do projeto com poesia popular que pretendia desenvolver na escola XXXX; o autor elogiou a iniciativa e escreveu em seu livro, GABRIEL, o pensador, diário noturno, uma mensagem “Beijão pra professora Fátima Lisboa e pra todos da escola XXXX!”.

¹⁰ Na referida Bienal, Gabriel, o pensador declamou no palco o poema Ligação, que escreveu para “vovó Eneida”. O autor colocou o celular no serviço viva voz, ligou para avó, e leu o poema para ela que parece ter ficado muito satisfeita. A avó ouviu o poema, agradeceu e, ao saber que o neto estava em Maceió, falou bem dessa cidade praieira e mandou um beijo para toda a plateia.

com a turma, **Bola de gude** e **Aula de leitura**, declama esses poemas e foi exibido para os/as educandos/as.

Após destacar os sentidos possíveis nas leituras dos poemas e também a forma simples e encantadora como o poeta Ricardo Azevedo os declamou, pedi que cada grupo se organizasse para apresentar o poema que havia montado no cartaz; os/as educandos/as poderiam ler em jogral, fazer encenação teatral ou usar outras formas de exposição para compartilhar o poema com a sala toda. Para isso, independente da sugestão seguida por cada grupo, os/as educandos/as teriam de refletir e fazer leituras diversas e atentas para se aproximar e se apropriar ainda mais da poesia e compartilhar toda sensibilidade, beleza, sentimento e reflexão que são funções próprias do texto poético.

Para Pinheiro (2007, p. 43), “[...] pequenas encenações possibilitam um corpo-a-corpo com o poema, com a experiência de interpretação adequada que pede inúmeras leituras e releituras individuais afora os ensaios coletivos”. Ainda, segundo esse autor, “o teatro é uma arte que, como a poesia, lida com a emoção, com o sentimento, com a subjetividade” (PINHEIRO, 2007, p. 43).

Pensamos ser a encenação uma maneira de dialogar e interagir mais estreitamente com o texto, dando-lhe vida e sendo parte de sua criação, preenchendo a lacuna que compete ao/a leitor/a preencher nesse processo e deixando a sua marca, sua subjetividade.



Figura 1 - Encontro com Gabriel, O Pensador, na Bienal do livro de Alagoas – Maceió – 2015
 Autora: Maria J. A. Vieira, 2015

4ª etapa: Pedi aos/as educandos/as que realizassem uma leitura silenciosa e, em seguida, li para a turma, em voz alta e de forma expressiva, o poema

Autoapresentação, de Elias José. Comentamos oralmente seu conteúdo e forma para perceber o que diz o poema e como diz o poeta a sua mensagem.

Promovi um diálogo para abrir possibilidades de deixar os/as educandos/as à vontade para falar sobre o lugar (bairro) onde eles/as vivem; levantamos as características físicas do bairro onde eles/as moram e falamos do seu dia a dia em comunidade. Pedi que apresentassem o lugar (bairro) onde vivem, em forma de poema escrito, considerando a visão e o sentimento que eles/as têm sobre esse lugar. Propus o tema “**Como eu te preciso, meu bairro!**”. Chamei a atenção da turma para a ambiguidade da palavra **preciso** no quadro branco, provoquei-os/as e expliquei as possibilidades de sentidos.

Sugeri uma reflexão mais acurada sobre o espaço onde vivem os/as educandos/as e lhes fiz as seguintes perguntas: Como é, de fato, o lugar onde vocês vivem? (Como vocês **o** precisam/definem?). Ele atende às suas necessidades e também as necessidades da comunidade? Se não, como vocês acham que deveria ser o bairro para atender a essas necessidades? (Seu bairro, sua comunidade precisa/necessita **de** algo?).

Ouvi suas respostas e construí com eles/as duas colunas no quadro branco, uma com as informações positivas e outra, com as negativas. Seguimos discutindo sobre a comunidade e a importância de sua presença e participação no espaço escolar de seus/suas filhos/as. Realizadas as produções, recolhi-as para posteriormente explorar os elementos de produção poética.

Paralelo a essas discussões e atividades, indaguei a turma sobre a associação dos moradores do bairro, falamos sobre sua função na comunidade e pedi que me dissessem se sabiam quem era o/a responsável, quando e onde eu poderia encontrá-lo/a. Uma das educandas se prontificou a me acompanhar até a associação, o que facilitou a concretização da conversa (APÊNDICE D) que havia planejado com o representante para melhor conhecer a realidade do local em que vive a maioria dos sujeitos representantes desta pesquisa.

A escolha do poema **Autoapresentação** é justificada pelo seguinte fato: acreditávamos que se apresentássemos um poema que trouxesse como temática o lugar (bairro, cidade) onde se vive, provavelmente alguns/algumas dos/as educandos/as poderiam ser influenciados/as a apresentar em suas produções igual ou semelhante caracterização de ambiente do texto motivador, distorcendo sua visão da realidade em relação ao lugar onde vivem.

Li, em voz alta e com expressividade, todos os poemas produzidos pelos/as educandos/as, sem nomeá-los, e elogiei toda a produção. Dialoguei com eles/elas sobre todas essas experiências literárias e os/as convidei a apresentá-las em um evento (recital) em que eles/as pudessem expor à comunidade escolar o resultado parcial de um trabalho em torno da leitura e produção de poesia popular.

Pedi que pensassem sobre isso e trouxessem ideias de apresentações para o nosso momento literário, e incentivei a turma a se engajar nesse recital que poderia envolver a escola como um todo, além de familiares dos/as educandos/as, representantes da comunidade, num grande momento cultural de fruição e socialização de conhecimento crítico e reflexivo sobre o lugar onde vivem.

5ª etapa: Apresentei para a turma, por meio de slides, um roteiro de sugestões, ainda em elaboração, para que os/as educandos/as pudessem se sentir motivados/as a participar do processo, interagindo e opinando nas decisões em relação à culminância do nosso projeto. Falei da necessidade de “arrumar a casa” para receber os/as convidados/as do nosso evento. E, ainda, de elaborar um convite que representasse bem a turma e o que ela iria realizar.

Seguem abaixo, as sugestões de atividades apresentadas em sala para serem complementadas com a turma com o objetivo de motivar a participação:

<p>POETIZANDO O ESPAÇO ESCOLAR / POESIAÇÃO NA ESCOLA POEMAÇÃO NA ESCOLA COMUMPOEMA OU COM(U)POESIA NA ESCOLA</p> <p>TRABALHO EM GRUPO NÚMERO DE COMPONENTES: 5 ALUNOS TEMÁTICA: POEMAÇÃO/POESIAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR ATIVIDADES: POETIZAR UM ESPAÇO ESCOLAR:</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>Nº DE GRUPOS</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>• BIBLIOTECA (POEMATECA AQUI?)</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>• CORREDORES</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td>• PÁTIO</td> <td>3</td> </tr> <tr> <td>• SECRETARIA</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>• REFEITÓRIO</td> <td>1</td> </tr> </tbody> </table> <p>MURO (PARTE EXTERNA) FAIXA PARA O DIA DO SARAU (COM PRODUÇÕES DOS ALUNOS) GRAFISMO/GRAFIZAÇÃO/GRAFISMAÇÃO/GRAFIZPOEMA/GRAFIZPOESIA</p>		Nº DE GRUPOS	• BIBLIOTECA (POEMATECA AQUI?)	1	• CORREDORES	2	• PÁTIO	3	• SECRETARIA	1	• REFEITÓRIO	1	<p>PRODUÇÃO DE MATERIAL IMPRESSO (ENCADERNADO) COM POESIAS DOS ALUNOS DO 9º ANO B)</p> <ul style="list-style-type: none"> • RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS, DO PROCESSO DO PROJETO: O QUE EU APRENDI? O QUE MUDOU EM MIM? O QUE EU CONTRIBUÍ COM A ESCOLA OU COM A MINHA COMUNIDADE? • DECLAMAÇÕES DE POEMAS (INDIVIDUAL OU EM JOGRAL /MUSICADO OU NÃO) • ENCENAÇÕES DE POESIAS (PRINCIPALMENTE DE AUTORIA DO ALUNO) • VARAU DE POESIAS DE AUTORIA DOS ALUNOS • EXPOSIÇÃO DE POEMAS VÁRIOS NO PÁTIO NUMA CAIXA DECORADA • CONVIDAR UM MEMBRO (POETA) DA COMUNIDADE ESCOLAR PARA DECLAMAR SEUS POEMAS • LEMBRANCINHAS (VERSOS RETIRADOS DOS POEMAS POPULARES PRODUZIDOS PELOS ALUNOS) • CONVITES PARA AS OUTRAS TURMAS E PARA A FAMÍLIA • PAINEL DO SARAU (TÍTULO E TEMÁTICA)
	Nº DE GRUPOS												
• BIBLIOTECA (POEMATECA AQUI?)	1												
• CORREDORES	2												
• PÁTIO	3												
• SECRETARIA	1												
• REFEITÓRIO	1												

Figuras 2 e 3 – Slides apresentados em sala de aula
Fonte: Autora, 2016.

Lemos e analisamos as sugestões dos slides para poetizar o espaço escolar e dividimos os grupos para que decidissem com qual espaço da escola iriam ficar. Cada grupo deveria pensar em poemas, versos e imagens poéticas, de preferências autorais, que fossem pertinentes com o ambiente – biblioteca, corredor, pátio e refeitório – que iriam decorar, levando em conta o nosso propósito de aperfeiçoar o

letramento literário por meio de leitura e escrita de poemas populares. Pedi que registrassem suas ideias e preparassem listas de materiais que iriam precisar para a confecção dos trabalhos, poetizações do espaço escolar.

Antes de começarem as produções em grupo, os/as educandos/as produziram os convites em forma de poesia popular. Sem dizer a autoria, li os poemas para a turma e ela escolheu uma das produções para confeccionar o convite oficial a ser direcionado à comunidade escolar. Um educando deu a ideia de colocar um desenho de um menino vestido com a camisa da escola, e, um outro, se ofereceu para fazer o desenho e escrever o poema selecionado. No convite ainda foi acrescentada a identificação da turma (9º ano B).

Os materiais solicitados pelos grupos foram-lhes entregue e então eles começaram a poetização do espaço escolar. Os/as educandos/as produziram poemas em cartazes, fizeram desenhos, pintaram e pensaram, ao longo desta etapa, em outras possibilidades de expor os seus trabalhos como por exemplo por meio de caixas afixadas no espaço escolar, expondo frases poéticas e sugerindo a participação da escola/comunidade, o que ficou bastante interessante.

Como motivação e inspiração, experienciamos um momento de produção desta etapa na biblioteca¹¹ da escola, apesar de esse espaço não está completamente favorável para receber os/as educandos/as (sem recepção de bibliotecário/a, ambiente cheirando a mofo e com livros amontoados), espalhamos em suas mesas os livros de poesias destinados ao público infantil, juvenil e ainda adulto, e começamos a leitura com o objetivo de, livremente, deliciar-se com as palavras e alimentar as nossas ideias de poetizar o espaço escolar.

Um dos educandos que havia se mostrado meio apático ao nosso trabalho, desde o início do processo, perguntou-me, ainda nesta etapa, se poderia participar da culminância do projeto, apresentando uma música de sua autoria. Ele queria saber se poderia abordar “coisas diferentes” e eu pedi para que ele me mostrasse o que havia pensado. O educando então me entregou a letra de uma música que eu fiquei de ler e analisar. Ele disse que sabia tocar violão e que na próxima aula traria o instrumento, o que realmente cumpriu. Além do violão trouxe uma outra letra de

¹¹ Sobre a biblioteca da escola, conversamos com a professora de biblioteconomia da UFAL – Universidade Federal de Alagoas –, XXXX que se mostrou bastante atenciosa e ficou de motivar um grupo de estagiários, no segundo semestre que inicia em novembro 2016, para realizar um trabalho de “intervenção” nesse espaço para que ele possa receber melhor os/as educandos e atraí-los cada vez mais para o mundo da leitura.

música que compôs falando, não do seu bairro, mas do seu país. Conversamos um pouco e decidimos escrever para toda a turma esta última produção que, segundo ele, estava melhor que a primeira. A música seria cantada pelo educando com o acompanhamento da turma. O texto foi escrito no quadro branco e toda a turma o copiou e o aprovou. Em seguida, ele a cantou ao som do violão para que os/as colegas a ouvissem e pudessem “pegar” o ritmo.

No final dessa etapa, falamos sobre a possibilidade de grafitar o muro com nossas produções poéticas, expor as necessidades da comunidade que foram mais recorrentes nos textos dos/as educandos/as na parte externa do muro da nossa escola, fazendo assim com que ela perceba a importância que assume na vida desses/dessas educandos/as e como eles/elas também são importantes na sua vida. A turma não só gostou da ideia, como a aprovou rapidamente.

Em uma reunião, marcada posteriormente com a coordenação e direção escolar, solicitei formalmente autorização e apoio (APÊNDICE H) para pintar a parte externa do muro da escola, atualmente sujo e pichado, e mostrar, em suas paredes, em forma de arte literária produzida pelos/as educandos/as, a comunidade a que pertence a escola e suas necessidades.

Em concordância com a coordenação e direção escolar, definimos as datas dos eventos que deveriam acontecer no mês de setembro e da seguinte forma: primeiro, a pintura do muro na cor padrão (amarela) realizada por funcionários contratados pela escola; em seguida, a arte poética do 9º ano B, que contaria com o apoio de minhas turmas de 1º ano “B” e “C” do ensino médio, e possivelmente de outras turmas da escola que fariam parte da semana literária, evento maior e uma ótima oportunidade para a exposição de todo o nosso processo de trabalho e a sua culminância.

A semana literária ficou prevista para os dias 21, 22 e 23 de setembro de 2016 a fim de envolver as turmas do ensino fundamental II e médio do ensino regular. Nesse evento, apresentamos os trabalhos pensados e desenvolvidos pelos/as educandos/as com a orientação desta educadora para socializar as nossas produções poéticas.

6ª etapa: Selecionamos em sala de aula alguns poemas, versos e imagens representativas desses textos para grafitar o muro (parte externa) da escola. Pedi colaboração prévia da coordenação e direção e ainda de funcionários da escola e da horda escolar para acompanhar a realização da pintura do muro com a turma.

Ficou acordado com os/as educandos/as que seriam estampadas no muro da escola imagens que identificassem as necessidades do bairro, como espaços para leitura (bibliotecas), praças com bancas de revista e parquinho infantil, quadra de esporte, ruas asfaltadas com calçadas, transporte escolar e segurança. Os/as participantes desta pesquisa deveriam registrar esses desenhos primeiramente na cartolina para, somente depois, transpor para o muro, seguidos de pinturas e poemas previamente selecionados.

Pedi que os/as educandos/as trouxessem avental, garrafa pet e panos de limpeza no dia da grafiteagem. A garrafa descartável (pet) seria usada como recipiente para as tintas. Chegou o dia da grafiteagem e lá fomos nós, eu e um grupo de oito educandos/as, com os materiais – tintas, cartazes, giz, escada, potes para colocar as tintas, aventais e cadeiras – dar início à pintura, com o objetivo de “transbordar” o conteúdo do nosso trabalho com poesia popular para além do espaço escolar.

As pinturas iniciaram pela parte do muro que fica encostada ao portão lateral da escola que dá acesso a veículos de funcionários/as e visitantes, além de ser a entrada de alguns/algumas funcionários/as, educandos/as e familiares que chegam à escola a pé. Essa rua lateral da escola é alvo de muito transtorno para todos/as que precisam transitar por ela. Falta-lhe calçamento, há muitos buracos e, quando chove, a água empoça formando um grande lamaceiro, o que dificulta a passagem de carros e pedestres que precisam transitar no local. Esse fato foi um grande empecilho, mas não capaz de impedir a nossa ação que seguia dia a dia, com o revezamento dos/as educandos/as da turma para que pudesse haver o máximo de participação deles/as nessa etapa do trabalho. A outra parte dos/as educandos/as ficava em sala de aula desenvolvendo atividade previamente orientada pela educadora.

Em relação à realidade da ausência de asfalto nessa rua, nós, funcionários/as, solicitamos oficialmente a prestação desse serviço público de modo que resolvessem os transtornos mencionados acima. Segundo a direção escolar, também havia sido solicitado esse serviço ao órgão competente, que ficou de providenciar a solução. Como consequência desse transtorno, a comunidade usou a parede da nossa escola para evidenciar a sua insatisfação, e afixou nela uma faixa direcionada ao representante do poder público (prefeito) competente, pedindo que

fossem tomadas as devidas providências para resolver um problema que estava prejudicando aquela população.

Passamos duas semanas e meia (o equivalente a 8 aulas) nessa etapa e chegamos a desenhar no muro da escola todo o material previamente selecionado em sala de aula e mais alguns que surgiram no decorrer da execução dessa etapa, ficando por concluir apenas algumas poucas pinturas, uma vez que se aproximava a semana literária e precisávamos dar atenção às apresentações que iríamos realizar no pátio da escola.



Figura 4 – Situação da rua lateral da Escola em dias de chuva
Fonte: Autora, 2016.



Figura 5 – Faixa de solicitação de serviço público ao prefeito pela comunidade
Fonte: Autora, 2016.

7ª etapa: Finalmente era chegada a hora de reunir as nossas produções poéticas e compartilhar o nosso trabalho com a escola e a comunidade a que pertence. Escolhemos alguns poemas anteriormente trabalhados em sala como “arte matuta” de Patativa do Assaré, “Ligação” de Gabriel, o pensador e outros (ANEXO B) – “a gente muda”, “Do XXX não quero sair”, “Você parece tão tímido”, “Meu bairro é tudo pra mim”, “E a paz irá reinar” – de autoria da turma e distribuímos com alguns/algumas educandos/as que se despuseram e começaram a ensaiar para declamar no dia do evento.¹²

Em sala, continuamos pensando e listando possibilidades de apresentações que surgiam na turma: peça teatral, música autoral ao som de violão, jogral e algumas leituras que enriquecessem a apresentação do nosso trabalho. Dessas possibilidades listadas acima, apenas uma não se concretizou, a encenação teatral, apesar de ter sido ensaiada e bem pensada por alguns/algumas educandos/as.

A peça deveria tratar de um julgamento das ações do homem contra o meio ambiente, representado aqui por pontos estratégicos do bairro a que pertence a escola; infelizmente houve muitas adversidades entre os componentes do grupo que realizaria a encenação; a educanda que a idealizou faltou a muitas aulas durante os ensaios e, em comum acordo, achamos melhor desistir dessa apresentação.

Partimos então para o ensaio da música, que já havia sido escrita no caderno por toda a turma desde a etapa anterior e que agora seria cantada ao som de um violão por um casal de educandos com o acompanhamento de toda a turma no refrão, e para a elaboração dos textos que seriam lidos pelos/as educandos/as em nosso evento.

Fizemos em sala de aula uma espécie de retrospectiva do nosso projeto. Discutimos sobre as atividades realizadas por toda a turma, comentamos a resistência inicial de alguns/algumas educandos/as ao projeto assim como a sua aceitação ao perceber o processo acontecendo, e questionamos o nosso aprendizado com essa prática. Baseado nisso, organizei cinco textos curtos (ANEXO C) que reuniram o que foi dito por esses sujeitos participantes desta pesquisa, li para

¹² Em meio a esse movimento, uma educanda me falou que ficou sabendo de um evento “Poesia na praça” a ocorrer na Praça do Centenário no final daquela semana. Achei muito propícia a informação e dividi com toda a turma, incentivando-a a prestigiar o evento. Interessei-me e incentivei que também participassem de eventos sobre poesia dentro e fora da escola. (A Praça do Centenário, no bairro do Farol, somente teve esta denominação na década de 1960, na administração do então prefeito Sandoval Cajú, quando recebeu reformas importantes, ganhou o mapa de Alagoas, construído em cimento, luz e gás sobre uma piscina com fonte luminosa e com legenda de boas-vindas para os/as nossos/as visitantes. Cf. SILVA FILHO, José Bilú da).

a turma, que os aprovou em massa, e os entreguei a cinco de nossos/as educandos/as para que lessem na abertura de nossas apresentações.

Ainda selecionamos o nome que daríamos ao nosso evento, que seria uma das atrações da semana literária da escola. A temática que deu origem às produções dos poemas da turma “Como eu te preciso, meu bairro” ficou fortemente marcada entre os/as educandos/as que a sugeriram primeiramente para nomear o fechamento do nosso projeto. Contudo discutimos sobre as ações realizadas até então e eles/elas puderam perceber que era o momento de mostrar a produção poética deles/delas como uma das ações realizadas em todo o processo do trabalho. Falei do nome que havia dado a esta etapa na parte escrita do meu trabalho¹³ e eles/elas disseram ter gostado bastante; decidiram então que batizaríamos a culminância do projeto do 9º ano “B” com o nome de “PoesiAção da gente”.

Reuni todos os poemas elaborados pela turma e montei uma antologia poética que foi apreciada em sala com muita satisfação por cada um/uma dos/as educandos/as. Pensei em reproduzir uma cópia desse material para cada um/uma deles/delas, mas decidi montar a antologia poética em um grande cartaz para que pudesse ser exposto no pátio no momento de nossa apresentação. A ideia era valorizar a produção poética dos/as sujeitos participantes e compartilhar seu trabalho, alcançando o máximo de leitores/as de poemas.

Também mandei confeccionar adesivos com o nome “PoesiAção da gente” para ser usado por toda a turma e também por mim no dia das apresentações. Combinamos de nos vestir de camiseta branca para que o adesivo com o nome desta etapa pudesse ganhar destaque e ser visto por todos/as que iriam nos prestigiar com sua presença no dia do nosso evento (Figura 8).

No dia anterior às apresentações, primeiro dia da Semana Literária na escola, reuni a turma em sala de aula e entreguei-lhe os adesivos; mostrei uma camiseta já adesivada e orientei o passo a passo para que cada um/uma dos/as educandos/as adesivasse sua camiseta em casa e viesse, no dia seguinte, já pronto/a para a “poesiAção da gente”. E assim chegou o dia da culminância do nosso projeto. Com a ajuda de alguns/algumas educadores/as e educandos/as, expusemos os cartazes elaborados na etapa “Poetizando e espaço escolar” em pontos estratégicos das

¹³ Com muita frequência falava da escrita desta dissertação com a turma, que me ouvia atentamente e fazia sugestões bastante interessantes.

paredes da escola; as duas caixas com as poesias que indicavam “Embriague-se de poesia” e “Deixe aqui sua poesia” ficaram em dois pilares que abrem caminho de acesso ao pátio da escola, onde estava acontecendo a Semana Literária; e a antologia poética ficou num cavalete junto ao palco onde iríamos realizar as apresentações.

Juntamos a turma em sala de aula novamente, repassamos o *script* das apresentações e partimos para a coxia para esperar o momento de mostrarmos o que havíamos aprendido a toda a escola e comunidade escolar.

Fomos a segunda turma a ser apresentada na sequência das apresentações da Semana Literária, do dia 22 de setembro de 2016. Iniciamos com minha fala, cumprimentando a plateia, situando-a em relação ao projeto desenvolvido pelo 9º ano “B” e tentando envolvê-la no que seria apresentado por essa turma. Para gerar expectativas e participação, lancei ao grande público perguntas como “Vocês gostam de poesia popular?” “Sabem o que é poesia popular?” Alguém aqui ler ou escreve poema popular? Finalizei dizendo que o 9º ano iria responder a essas e a mais perguntas que eu iria lhe fazer. Pedi que o público “avaliasse” comigo a atuação da turma, como meio de integrá-los às apresentações, e anunciei os/as cinco educandos/as que traziam textos escritos em papel com formato e cor padronizados, com respostas às perguntas que lhes seriam realizadas por mim.

Pedi a cada um/uma dos/as educandos/as que esclarecesse os seguintes pontos para a plateia: 1. O conceito que fizemos em sala para poesia popular; 2. Se qualquer pessoa pode estudar poema; 3. Qual teria sido o ponto de partida do trabalho realizado por nós com poesia popular; 4. O que o 9º ano “B” iria apresentar ao grande público e o que significa poesia da gente; 5. O que aprendemos em nosso projeto com poesia popular. Todos leram brilhantemente suas respostas e receberam os aplausos merecidos; seguimos, então, chamando os/as educandos/as que iriam fazer a declamação de poemas populares.

Primeiro, um casal de educandos leu o poema “Ligação” de Gabriel, o pensador; como o trio que havia ensaiado a declamação de “Arte matuta” de Patativa do Assaré acabara desistindo de se apresentar, foi a vez de chamar os/as seis educandos/as, um/a a um/a, para declamar os poemas que eles/as mesmos/as tinham criado, entre tantos outros, durante o processo do nosso trabalho. E para finalizar esse grande momento, anunciei com grande satisfação toda a turma do 9º ano “B” para cantar a música “verdades secretas” de autoria de um de nossos

educandos. Todas as apresentações foram bastante aplaudidas e o evento continuou, agora com a participação das turmas dos 1ºs anos “B” e “C” sob orientação desta educadora.



Figuras 6 – Antologia Poética
Fonte: Autora, 2016



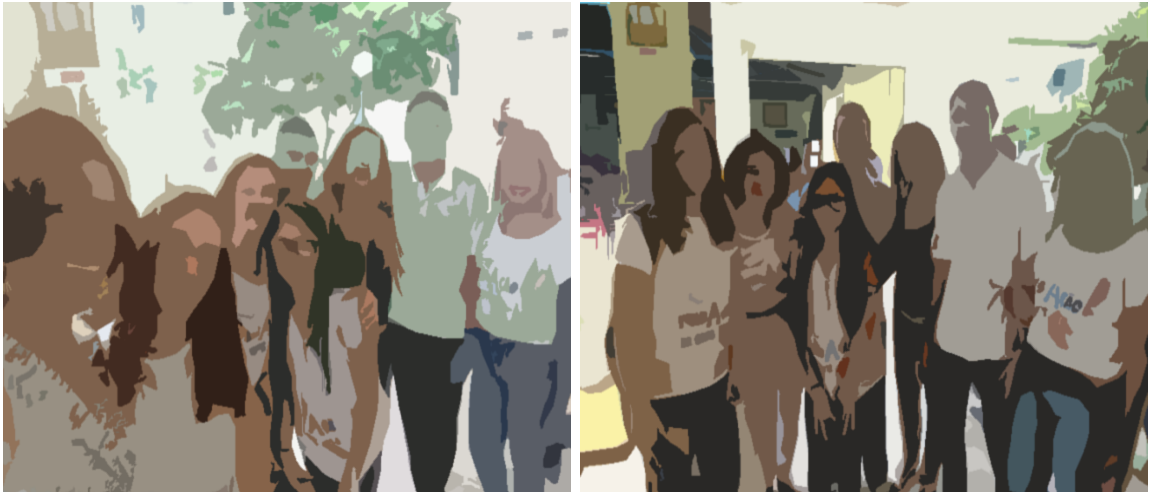
Figura 7 – Adesivo usado pelos/as educandos/as e educadora na culminância do Projeto
Fonte: Autora, 2016



Figuras 8-13 – Educandos/as e educadora na culminância do Projeto
Fonte: Talita, 2016



Figuras 14 e 15 – Comunidade escolar na culminância do Projeto na semana literária da Escola
Fonte: Talita, 2016



Figuras 16 e 17 – Encontro da orientadora da pesquisa e educandos/as na culminância do projeto
Fonte: Talita, 2016

4 ANÁLISE DOS DADOS

As possibilidades de realização de atividades que propomos neste trabalho de pesquisa, desenvolvido na turma de 9º ano em que esta educadora atua, em uma escola estadual de Maceió, partiram da necessidade e do desejo de estreitar e reforçar os laços da relação entre autor/a, leitor/a, texto literário e comunidade, levando em conta sua realidade concreta e as experiências de leitura/escrita literária dos sujeitos participantes diretos desta pesquisa, os/as educandos/as.

Com ênfase na leitura e escrita de poesia popular, de modo significativo, consideramos o contexto social da comunidade escolar para que os/as educandos/as do 9º ano pudessem perceber e reconhecer melhor o seu papel como sujeito histórico/social e também o seu espaço em comunidade, ambos como sendo partes integrantes de uma estrutura maior.

A linguagem literária, conotativa, plural por natureza, deve constar no programa de aula do/a educador/a de língua portuguesa; interpretá-la contribui na compreensão mais ampla do sujeito como um ser social, ela faz parte da formação humana. Segundo Cosson (2014, p. 41), interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto”. Para esse autor, o contexto tanto é dado pelo texto, quanto pelo leitor/a, a sua convergência é que dá sentido à leitura.

É interessante perceber a importância desse processo de atribuir sentido à leitura, assim como a importância do papel da escola como espaço fundamental na formação de leitores/as mais competentes: “na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente”. Dessa forma “os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura” (COSSON, 2014, p. 66).

Por meio de leituras de textos poéticos, poesia popular, das discussões orais promovidas em sala, entre outros procedimentos de trabalho pedagógico, motivamos os nossos/as educandos/as, sujeitos participantes desta pesquisa, a conhecer e falar um pouco mais sobre si, sobre suas experiências leitoras/escritoras, sobre sua comunidade, refletir sobre a conjuntura social em que vivemos e apresentar em suas produções poéticas a visão que têm desse contexto. Enquanto isso acontecia, conhecíamos-nos melhor.

As análises que seguem buscam privilegiar o uso social da linguagem poética, seu poder de alcance que contempla do encanto da forma, na organização das palavras, ao maior conhecimento e compreensão do sujeito e do mundo.

Segundo Antonio Candido (1988, p. 177), “a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”. Ainda para esse autor, “[t]oda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras fazendo uma proposta de sentido”.

Trabalhamos com esse conjunto, forma e sentido, com liberdade, e esperamos ter alargado a capacidade dos/as nossos/as educandos/as de sentir e ver o mundo e perceber em suas produções essa evolução.

4.1 Experiências de letramento

As respostas apresentadas pelos sujeitos participantes, contrariando o que diz o senso comum, revelam que a maioria dos/as educandos/as gosta de ler e escrever. Certamente esse dizer se refere a práticas de leitura e escrita realizadas na escola. Eles/as justificam sua resposta dizendo que “ler e escrever são práticas gostosas”; “fazem aprender mais”; “são divertidas”; “acalma e passa o tempo”; “é um desabafo”; “expressa seu jeito de ser”; “é importante para a mente”. As respostas apresentadas parecem tratar de prática de leitura e escrita subjetiva e de livre escolha do/a educando/a. Em relação ao incentivo para a realização dessas práticas, assumem o comando das respostas os/as educadores/as e os/as pais/mães.

Chamou-me atenção, por motivos distintos, as respostas **amor** e **fantasia**, no que concerne ao **assunto** preferencial dos sujeitos participantes. A primeira dessas respostas – **amor** – teve destaque em relação à recorrência, levando em conta que quem respondeu **romance** e **poema** justifica sua opção fazendo referência à temática do **amor**, levando-nos a crer que para os/as autores/as dessas respostas **romance** e **poema** sempre estão associados ao **amor**.

A resposta que assume o segundo lugar – fantasia –, permite, por meio de sua justificativa, que se perceba uma carga de decepção do sujeito com a desvalorização social em relação aos textos que trazem essa temática. Segundo o educando, autor dessa resposta, “a sociedade despreza esse tipo de texto”. Ele

apresenta o anime (ou animé – desenho animado japonês) de forma positiva, como “um desenho expressivo em que o criador pode criar tudo que o nosso mundo não tem, é um conto da imaginação da pessoa” (J. P.)¹⁴. O comentário desse aluno deixa transparecer seu desejo de que a escola seja um espaço de inspiração e criação. Ele parece argumentar a favor de um tipo de atividade escolar que privilegie a autoria, que valorize a fantasia como meio de re(criação) de uma realidade que, talvez, não lhe seja a desejada.

Esse desejo está presente na poesia, que como diz Octavio Paz (2014, p. 73): “De fato a poesia é desejo. Mas esse desejo não está vinculado ao possível nem ao verossímil. A imagem não é o ‘impossível inverossímil’, desejo de impossíveis: poesia é fome de realidade”.

4.2 Despertando poetas e poesias

A maioria dos/as educandos/as conceituou poesia como um texto que fala de sentimento; alguns/algumas relacionaram poesia à temática do amor, que é um dos assuntos que mais parece lhes despertar o interesse. Os/as que disseram gostar desse gênero textual, justificaram suas respostas dizendo ser, o poema, um texto em que se pode ter liberdade de criação. Destaca-se nessas respostas o desconhecimento da poesia como meio de transformação, que apresenta combate e resistência em relação ao nosso sistema político-social.

Em relação à poesia popular, os/as educandos/as entendiam ser uma poesia conhecida do povo, que apresenta temas sociais, histórias de antigamente como cordel. Diferente disso, as poucas respostas que trouxeram de seus/suas responsáveis revelaram desconhecimento desse “tipo” de poesia. A maioria, dos/as poucos/as que responderam ao questionário, disse que não entende nada de poesia popular, enquanto a minoria repetiu as respostas dos/as educandos/as, demonstrando terem respondido as questões juntamente com eles/as. Quase todos/as disseram não ler/escrever/ouvir esse gênero textual e justificaram dizendo não saber ler/escrever, não ter tempo; o único que respondeu sim, disse ler literatura de cordel.

¹⁴ Os nomes dos sujeitos participantes são fictícios para preservar o anonimato.

Quanto à história do lugar onde vivem, alguns dos pais dos/as educandos/as, principalmente os que residem há mais tempo naquela comunidade, em torno de 20, 30 anos, revelaram que o nome do bairro XXXX se deve ao fato de ter existido, há muito tempo naquele local, um grande sítio com esse mesmo nome XXXXX. Segundo esses/as representantes, “antigamente, naquela região havia muito mato, sítios e poucas casas; de um tempo pra cá, o bairro se desenvolveu; hoje em dia tem uma avenida, *shopping* e muitas casas. Está evoluído e conhecido” (Margarida de Sá - mãe).

Para esses/as moradores/as, a construção da Avenida Treze¹⁵ que atravessa o bairro do início ao fim trouxe muito benefício: “segurança, saúde e beleza, um meio rápido de pegar ônibus, fazer caminhada, ir à praia e ao *shopping*; conexão entre os lados, antes atravessados por barro e muito mato” (Josecleto Sampaio - pai). Apesar de aparentemente não ter sido o bairro em si a motivação da construção dessa avenida, certamente valorizou o ambiente daquela localidade, e os seus/suas moradores/as acabaram se beneficiando com esse feito que evidencia o poder político da parte dominante da sociedade e a desigualdade de direitos entre as classes que representam essa conjuntura social. Pelo que parece, o maior interesse na construção dessa pista foi o de facilitar o acesso a um *shopping center* conhecido por algumas pessoas como “shopping da elite” construído, contraditoriamente, em parte de um dos terrenos localizados neste bairro¹⁶.

As respostas ao questionário escrito permitem perceber certo desconhecimento dos/as moradores/as desse bairro, familiares dos sujeitos desta pesquisa, em relação à reconfiguração do espaço urbano ocupado pela sua comunidade, assim como certo distanciamento desses/as moradores/as do letramento literário. Parece haver ingenuidade na leitura que fazem do mundo ao seu redor, ausência de senso crítico sobre as transformações que ocorrem no espaço onde vivem.

Nenhuma das respostas apresentadas trouxe especulação sobre a construção da pista, nenhuma delas pôs em questão o que de fato mobilizou a obra que deu visibilidade ao bairro XXXXX, que o fez se tornar frequentável. Eles parecem não se dar conta de que, apesar de geograficamente muito próximo, o

¹⁵ Nome fictício para preservar o anonimato do bairro dos sujeitos participantes desta pesquisa.

¹⁶ É importante salientar que depois da construção do referido *shopping center*, o bairro se dividiu. O lado por trás do *shopping* passou a ter o nome do bairro litorâneo, não mais o qual se localiza a escola participante desta pesquisa.

shopping, por alguns conhecido como “shopping da elite”, permanece deles muito distante, demarcando fronteiras e acentuando a desigualdade de classes, característica própria de nosso sistema econômico, político e social.

Sobre fechamentos de espaços urbanos que recortam a cidade é interessante refletir sobre o que diz Orlandi (2004, p. 91):

O fechamento de espaços recortando a cidade, retraçando seus percursos, redesenhando divisões, refazendo limites entre o público e o privado, separando de forma acintosa pobres e ricos, produzindo, de um lado, nichos, e, de outro, corredores, se faz de modo irrefletido oscilando entre modismo, paranoia e especulação imobiliária. Nada com que se espantar: o capitalismo só está aí se significando como “sabe” significar. Desde que se configure a menor possibilidade, as diferenças sociais e econômicas se manifestam violentamente e a divisão social se sobrepõe ostensivamente à materialidade da divisão do espaço urbano, espaço público.

Interessante destacar que com a chegada da pista que fez “aparecer” o bairro onde está localizada a escola, paradoxalmente mostrou-se como ele continua escondido, haja vista a situação da rua lateral da escola, apresentada na seção anterior, distante desse “corredor de carros” e, provavelmente, essa distância só irá aumentar. Os terrenos que ficam à beira da pista são todos de propriedades privadas, não há área verde nesse local (informação concedida pelo representante da associação dos moradores); eles separam a pista de algumas ruas do bairro e promete separá-las ainda mais, uma vez que quase todos estão à venda (há placas de venda por construtora) e as construções possivelmente serão erguidas por seus proprietários.

Em relação à experiência de leitura poética, apesar da maioria dos responsáveis pelos sujeitos participantes desta pesquisa dizer que não tinha costume e nem tempo de ouvir, ler ou escrever poesia, houve um consenso no que se referia à aprovação de um trabalho com esse gênero textual no ambiente escolar.

De acordo com as respostas – “a poesia pode facilitar à expressão dos sentimentos e à formação da sensibilidade dos/as alunos/as”, “ela traz coisas novas, melhora a relação dos/as leitores/as com as palavras”, “aproxima os adolescentes de hoje dos de antigamente, torna esses adolescentes menos agressivos”, desperta a mente e o interesse, traz conhecimento da cultura”, “é divertido, desenvolve os/as alunos/as” – poesia é mensagem de carinho, descoberta de coisas legais e interessantes, expressão de si mesmo e do outro, de coisas engraçadas, tristes, alegres, daquilo que se gosta; é uma maneira romântica de expressar sentimentos em versos e rimas. Pudemos perceber certa ingenuidade, uma vez que a poesia

pode alcançar muito mais do que foi apontado pelos/as educandos/as e responsáveis, ela pode questionar fatos que integram a nossa sociedade de modo geral, ser voz de resistência e combate.

Diante disso, é interessante observar a responsabilidade da escola como a instituição que amplia o conhecimento e garante aos/as educandos/as um “saber com sabor”.

Constatamos que se faz necessário, pois, aos que realizam diretamente as questões pedagógicas na escola, selecionar e conhecer bem o material que se leva para a sala de aula, saber o porquê e para quê desenvolver determinadas leituras e produções, no nosso caso poéticas; considerar previamente a realidade da turma, para que se possa promover um trabalho atraente e produtivo. Descortinar o senso crítico do sujeito e afetar, por meio dele, positivamente, a sua comunidade.

4.3 Monta-poema

A atividade foi realizada num clima descontraído, inicialmente com a “desarrumação” própria de um trabalho em grupo, em que os/as componentes precisam de um tempo para se organizar. A turma se mostrou curiosa com a presença da caixa decorada que eu levei para a sala de aula e quis logo saber o que havia dentro da caixa. Expliquei a proposta detalhadamente.

Escolhidas as estrofes, formaram-se os grupos e, com eles, a dificuldade de reunir alguns/algumas educandos/as num mesmo grupo e ainda de fazê-los/as entender a proposta. Foi preciso muita atenção e explicação desta educadora para a realização dessa tarefa. Destaco que a seleção dos poemas foi baseada nas observações, conversas e respostas dos/as educandos/as a questionários feitos em sala anteriormente.

Num segundo momento, depois de uma leitura mais atenta das estrofes, questionamento e discussão, começaram as montagens dos poemas na folha de papel A4 para posterior colagem. Continuaram os questionamentos e dificuldades; os/as educandos/as discutiam entre si as possibilidades de conexão entre as estrofes, fizeram inferências baseando-se nas pistas próprias da linguagem, como coesão e coerência. Pedi que considerasse as estrofes como se fossem partes de um quebra-cabeça; disse-lhe que o poema só ganharia sentido se elas estivessem em seus devidos lugares.

Coladas as estrofes no papel A4, chegara a hora de cada grupo colar o seu poema na folha de papel 40kg, procurando o melhor lugar para que coubessem todos os textos. Após a colagem de todos os poemas, um dos/as educandos/as escreveu acima do cartaz o nome dessa atividade – Monta poema –, o ano e a turma que a havia realizado – 9º ano “B”. Afixamos o cartaz na parede da sala, como mostra a foto abaixo.



Figuras 18 e 19 – O processo de trabalho (monta-poema) em sala de aula
Fonte: Autora, 2016

Na aula seguinte, após assistirmos em sala ao vídeo com as declamações dos poemas **Aula de leitura** e **Bola de gude**, de Ricardo Azevedo, comentamos a forma simples e a beleza com que o poeta realizou sua leitura e a sensação provocada por essas leituras; a turma participou dizendo ter achado bonito, ter sentido tranquilidade e paz.

Em seguida, interpretamos o poema **Aula de leitura**, observando a multiplicidade de sentidos que esse texto apresenta para o ato de ler. Os/as educandos/as interagiram e trouxeram contribuições para a compreensão do que seria leitura; aparentemente entenderam o texto e apresentaram, entre outros exemplos, a “cara” das pessoas como um texto que pode ser lido, pois ela denuncia quando estão se sentindo bem ou mal, alegres ou tristes. Ampliei a discussão, trazendo além da “cara”, as atitudes e gestos das pessoas, a natureza e seus elementos todos, o mundo em nossa volta, como possibilidades de textos que precisam ser lidos por nós. O poema **Aula de Leitura** apresenta de forma simples e acessível o processo de leitura como uma prática que vai além da palavra.

Corroboramos com essa ideia, que encontra força nas ideias de Paulo Freire (1989, p. 9) ao dizer sobre a importância do ato de ler que

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Após comentários e interpretações, começaram as apresentações. O primeiro grupo fez uma leitura do poema **O peixe**, de Patativa do Assaré, em voz alta, com pouca expressividade, e comentou o sentido que lhe havia atribuído. As próximas apresentações foram seguidas de leitura em voz alta e por meio de jogral, encenação e ilustração em folhas de papel A4. A turma aplaudia os grupos a cada apresentação realizada.

Houve um grupo que, diferente da maioria, declamou o poema **Ligação**, de Gabriel o pensador, sem ajuda do texto escrito; foi possível perceber na postura e no olhar de cada componente o gosto com que eles realizaram a leitura desse texto. Mais uma vez ficou claro que o envolvimento com a leitura poética depende do sentido que ela suscita e alcança em cada leitor/a ou o contrário. E nisso parece entrar elementos da realidade das partes que compõem o texto poético: autor/leitor/ouvinte; a linguagem, a temática abordada, a história (contexto social) que une esses elementos gera a cumplicidade necessária à criação textual poética, que seria a participação, de que fala Otavio Paz (2012)

Percebeu-se resistência entre alguns/algumas componentes do grupo no momento da apresentação – alguns/algumas educandos/as quase sempre alegam timidez nesses eventos. No entanto, o processo foi bastante produtor; houve interação e participação de quase todos/as os/as componentes de cada grupo, demonstrando prazer, reflexão e satisfação, enquanto desenvolvia autonomia para criar e superar desafios.

4.4 Como eu te preciso, meu bairro!

Os/As educandos/as aparentemente gostaram da leitura expressiva realizada por esta educadora. A maioria participou da discussão levantada em sala, reconhecendo no poeta João alguém em formação que vive conflitos reais; alguns destacaram também a diversidade de temas que pode inspirar o poeta. Chamou-se

atenção para o que se revela do poeta, sua intimidade com a palavra escrita e a coragem de “se lançar”; a linguagem do poema também foi valorizada, seu ritmo e imagem.

A maioria das produções poéticas dos/as educandos/as apresenta a estrutura formal própria do texto poético: versos livres e estrofes; alguns deles trazem os elementos de produção poética como imagem, rimas, ritmo e musicalidade. Em relação ao conteúdo, impressionam as vozes que, apesar de pouca presença, revelam a consciência dos problemas sociais/locais e da falta de interesse dos governantes em solucionar esses problemas que afetam à comunidade. Temas como beleza e feiura, morte, tristeza e alegria, são marcantes na descrição do ambiente físico e do sentimentos. Destacam-se fortemente situações de violência na comunidade.

Apesar de um aspecto assustador, a imagem representada nos textos produzidos pelos/as educandos/as desvela a união e a solidariedade entre as pessoas e o amor pelo lugar onde se vivem, o que pode ser percebido nos versos a seguir:

Apesar de violento,
há muitas coisas boas aqui
as amizades das pessoas
e do XXXX não quero sair.

A estrofe revela a antinomia positivo/negativo do bairro. O aspecto negativo, expresso no 1º verso, por meio da ideia de concessão própria da locução conjuntiva – apesar de – e do adjetivo – violento –, já anuncia a perda de sua força para o aspecto positivo, aqui representado pelas expressões **coisas boas** e **amizades das pessoas**, presentes no 2º e 3º versos e confirmado pelo último verso.

Uma coisa vou te perguntar:
“Quantos jovens saem de casa pra não mais voltar?”
Aqui não é Nova Yorque e nem é Chicago,
Aqui é o XXXX, tu tem que tomar cuidado.

A estrofe acima compõe um dos poemas em que se percebe com maior força a presença da violência na comunidade. Parece ser um convite para observar e refletir um problema social grave que é parte do dia a dia do bairro. Nesses versos há comparação do bairro com outros lugares e constatação de que ele é um lugar violento, seguidas de um alerta fechando a estrofe que revela muito sobre a realidade do local onde vive o eu lírico.

Preciso de você presente, bonito e existente.
 Com coletas mais frequentes
 E asfaltos permanentes;
 Com lugares pra brincar e conversar.

Nos versos acima, cuja construção melódica lembra as estrofes da música **Um dia de domingo**, composta por Sullivan-Massadas, percebe-se que as necessidades da comunidade são pontuadas de forma leve mas reivindicatória, sinalizando e confirmando o poder que tem o texto literário de tratar de questões sérias, suavizando-as, como é o caso dos versos acima que personalizam o bairro, tratando-o de “você” e falam da importância de existir nele a beleza, limpeza, saneamento e lazer.

Preciso, em você, de espaço para a Literatura acessar
 E assim poder declarar
 O meu amor a versos e rimas
 Perdidas nas esquinas.

Nessa última estrofe, o eu lírico traz, em sua linguagem, a simplicidade, leveza e beleza na organização das palavras. Menciona a ausência de espaços destinados à literatura no bairro onde mora e destaca o gosto pela leitura literária, especificamente poemas/poesias. Ele atribui importância à literatura e usa a metalinguagem para dizer, em seus versos, que precisa ter acesso a esse tipo de leitura em sua comunidade.

Importa chamar a atenção para o fato da coerência que existe na “precisão” apresentada, na maioria dos versos produzidos pelos/as educandos/as, em relação ao bairro onde vivem. Eles, seguindo a temática “Como eu te preciso, meu bairro”, poetizaram esse espaço de acordo com a sua visão da realidade, a qual foi constatada em questionários e em outros momentos de motivação.

A expectativa da proposta feita em sala de aula foi atendida; os/as educandos/as apresentaram o gênero textual poema/poesia popular de acordo com o conceito que construímos em sala e “precisaram” o lugar onde vivem, no mais amplo sentido da palavra.

Comprovamos com esse resultado que quando se lança desafios, respeitando as experiências de vida e considerando a linguagem espontânea, em funcionamento, dos/as envolvidos/as no processo de ensino-aprendizagem, este

processo, por certo, alcança maior significado e torna a experiência de ensinar e aprender mais prazerosa e gratificante.

4.5 Poetizando o espaço escolar para receber a comunidade

Na realização desta etapa, os/as educandos/as analisaram com esta educadora as sugestões que apresentou para poetizar o espaço escolar, em slide, e disseram que havia “muita atividade para realizar”, que não daríamos conta de tudo. Perguntaram quanto tempo teríamos e sugeriram outras possibilidades de atividades. Expliquei que teríamos tempo e que eles/as poderiam fazer alterações, percebi que ficaram animados/as para participar do processo e também da culminância do projeto.

Começamos pelo convite que foi selecionado por toda a turma, entre os poemas produzidos pelos/as educandos/as. Entre os elaborados¹⁷, encontravam-se os seguintes:

(1)

Convidamos o pessoal
Para participar do nosso sarau
Pra quem tá por fora do esquema
É uma parada cheia de poema.

(2)

Com sua presença vamos poetizar
Citar poemas que vão te alegrar
Nosso convite tá feito
Você não pode faltar.

(3)

Olá família, amigos, colegas, venho aqui para convidar a todos
Para participar do nosso sarau de poesia popular.

(4)

Te convidamos para nosso sarau
Esse sarau é seu é meu é nosso.
Sua presença vai nos alegrar bastante
Sua presença é importante para nós.

(5)

População XXX a Escola XXX
Esta a oferese um evento de
Poesia popular sobre seu bairro.
Refleta e pence quanto vali seu bairro?

¹⁷ Os poemas foram digitados conforme escritos pelos educandos/as. A reescrita desses textos foi orientada pela educadora e realizada em sala pelos educandos/as, conforme as regras da gramática normativa.

(6)
 Eu vim aqui lhe convida para o nosso
 Trabalho sobre poesia popular e com vocês
 Nossas experiencias vamos compartilhar.
 E com vocês nos queremos está então
 Compareça com sua presença para nos se
 Alegurar, com variedades de poesia nos vamos
 Falar.

Depois de ouvir, mais de uma vez, todos as leituras, a maioria da turma decidiu pelo poema de número 2, dizendo ser bonito e ter rimas, além de ser um texto curto, o que facilitaria na confecção do convite. Escrevi então o poema popular escolhido no quadro branco e o lemos novamente; chamei a atenção da turma para o sentido da palavra **citar** que inicia o segundo verso do poema e pedi que refletissem sobre o propósito do nosso trabalho que era primeiramente de apresentar as produções dos/as educandos/as, dando-lhes protagonismo. Pensadas outras possibilidades, decidimos substituir a palavra **citar** por **declamar**.

Continuando nos ajustes do convite, pedi a turma que analisasse as rimas, que visse a possibilidade de arrumá-las de modo diferente. Sugeri que reorganizasse o poema, “quebrando-o” em seis versos e deixando as rimas nas extremidades dos versos alternados (2, 4 e 6). Perguntei qual das duas formas prefeririam enviar aos/às pais/mães e a maioria respondeu: “a segunda forma”. Brincando com as palavras, sentindo seu ritmo, surgiu o nosso convite oficial:

Com sua presença
 Vamos poetizar
 Declamar poemas
 Que vão te alegrar
 Nosso convite está feito
 Você não pode faltar.

Dos seis poemas acima expostos, três trazem o poema como poema popular. Isso parece justificar a resistência de que falamos, no início deste trabalho, de alguns/algumas componentes da turma, no que se refere a fazer parte do popular, o que ao longo do processo de trabalho, foi superado.

Elaborado o convite, demos início ao trabalho de poetização do espaço escolar que aconteceu com bastante engajamento por parte dos sujeitos participantes desta pesquisa. A reflexão esteve bastante presente nesta etapa e a criatividade ganhou força e se mostrou nos trabalhos que contemplaram ambientes como a secretaria, o pátio, os corredores, o refeitório e a biblioteca.

Os educandos/as, ao escrever seus poemas nos cartazes, quase sempre recorriam a mim no caso de dúvidas em relação à escrita das palavras ou expressões; eles/as se mostravam muito à vontade para desfazer ou refazer aquilo que precisasse melhorar; embora em alguns momentos resistissem um pouco a essa refacção.

A visita que fizemos à biblioteca foi muito proveitosa e de fato provocou e motivou alguns/algumas educandos/as na realização desta etapa. Um educando disse a mim após ler o livro que havia escolhido para ler: “Amei esse livro, professora!” Era o livro “Raimundo, cidadão do mundo” de Fábio Yabo, sobre o qual ainda comentou: “Até viajei com esse livro; conheci o mundo todo!”. Outros copiaram poemas com os quais se encantaram para colocar na caixinha de poesias e alguns/algumas outros/as disseram: “Professora, posso levar uns livros para ler em casa?”, “Não há como ler tudo o que quero aqui”, ao que respondi que iria organizar uma ficha posteriormente e lhes emprestaria sem problema. Todos/as pareciam empolgados/as e se mostraram desejosos/as de voltarem à biblioteca, apesar de terem reclamado do cheiro de poeira e do fato de não terem encontrado cadeiras suficientes para toda a turma sentar; alguns tiveram de sentar no chão.

As fotos abaixo mostram o processo de trabalho e as produções artísticas dos/as educandos/as desenvolvidos durante esta etapa.

4.5.1 Visita à biblioteca (leitura, provocação e motivação para a ação)



Figuras 20 e 21 – Leitura de Poemas na biblioteca
Fonte: Autora, 2016.

4.5.2 O processo de produção em sala de aula



Figuras 22 e 23 – Produção de cartazes em sala de aula
Fonte: Autora, 2016.

4.5.3 O convite escolhido para o evento de culminância do trabalho



Figuras 24 e 25 – Modelo de convite à comunidade para a culminância do Projeto
Fonte: Autora, 2016.

As produções expostas nas fotos abaixo ficaram afixadas nos ambientes da escola seguindo a seguinte ordem:

4.5.3.1 Refeitório



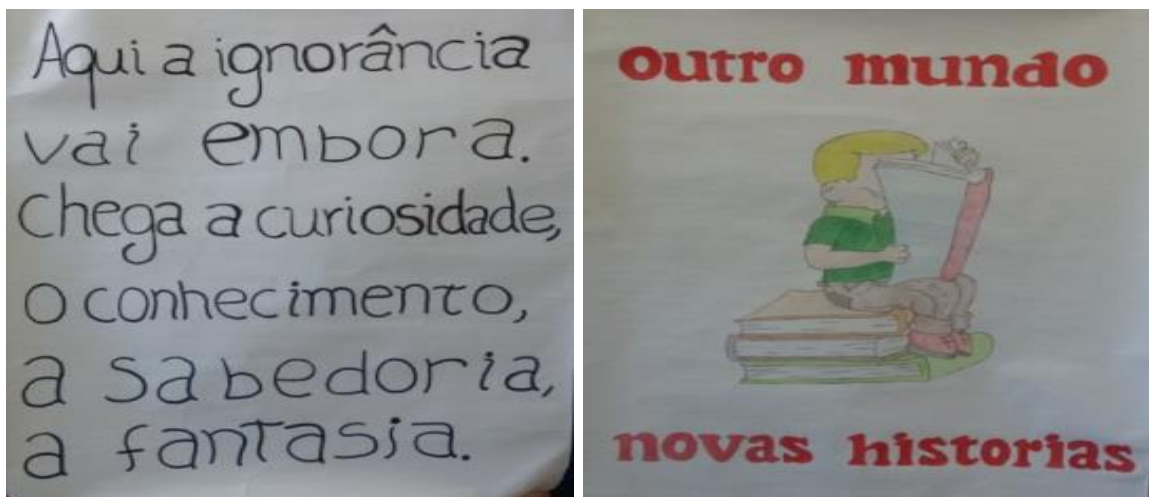
Figuras 26-29 – Cartazes para serem afixados nas paredes do refeitório da Escola
Fonte: Autora, 2016.

4.5.3.2 Corredores



Figuras 30-33 – Cartazes para serem afixados nas paredes dos corredores da Escola
Fonte: Autora, 2016.

4.5.3.3 Biblioteca



Figuras 34 e 35 – Cartazes para serem afixados nas paredes da biblioteca da Escola
Fonte: Autora, 2016.

4.5.3.4 Pátio (entrada principal da escola)



Figuras 36 - 38 – Cartaz e caixas decoradas afixados com poemas nas paredes do pátio da Escola
Fonte: Autora, 2016.

Ao levantar com a turma a possibilidade de usar parte de suas produções poéticas como pintura exposta na parte externa do muro da escola, esta educadora se entristeceu imensamente com a reação negativa da maioria. Para muitos/as de seus/suas componentes, “de nada adiantaria pintar o muro da escola, pois os “maloqueiros iriam pichá-lo novamente”; seria perda de tempo. Parece haver descrédito e banalização nas falas de alguns/algumas educandos/as em relação ao sistema social e público que perpassa o lugar onde vivem.

Felizmente, alguns disseram que nunca havia sido feito nada parecido como o que se pretendia fazer no muro da escola, que poderia, sim, dar certo. Para um

dos/as educandos/as: “os maloqueiros picham quando apenas pintam o muro; se fizermos poemas ou desenhos, pode ser que eles não pichem”. Disse-lhes, então, que deveríamos seguir com a ideia, certos/as de que estaríamos fazendo a nossa (p)arte no quadro social e torcendo para que isso afetasse positivamente a comunidade e sociedade em geral.

Se é função da literatura, assim como é da educação, humanizar o ser humano, estaríamos, com esse evento, compartilhando essa função com a comunidade escolar e sociedade em geral.

4.6 Fazendo (p)arte do quadro social

Essa etapa levou mais tempo do que o planejado para acontecer, pelo fato de depender de recursos materiais advindos da escola que seriam necessários para a grafiteagem: tinta, pincel, mão de obra inicial para limpeza do muro que se encontrava todo pichado, além de fatores externos como por exemplo as chuvas, que são comuns entre os meses de agosto e setembro na nossa região. Mas a direção providenciou uma leve pintura nas pichações e então o 9º ano “B” começou, sob minha orientação, a fazer a sua (p)arte do quadro social.

Iniciamos a grafiteagem colorindo a parede externa do muro da escola com spray e tinta comum de parede, tendo em vista que ficava muito caro usar somente o spray, e, aos poucos, os trabalhos poéticos dos/as educandos/as foram saindo do papel e alcançando o lado de fora do espaço escolar, dando mais vida ao muro lateral da nossa escola e alegrando educandos/as, funcionários/as e comunidade.

Essa etapa chamou bastante a atenção de todas as pessoas que passavam na rua. Elas paravam e elogiavam a nossa atividade de grafismo dizendo, entre outras coisas: “Parabéns pela iniciativa, continuem com esse trabalho, precisamos de iniciativas desse tipo” ou “Tô gostando de ver, tá ficando lindo, espero que não pichem novamente” e ainda “Nossa, se eu tivesse tido oportunidade, teria estudado e quem sabe hoje estaria aqui pintando com vocês”. E o trabalho então continuava e envolvia mais e mais os alunos que começavam a mostrar o seu talento, uns mais no desenho e na escrita de estrofes dos poemas que produziram, outros na pintura, outros no apoio, orientando e expondo cartazes para serem reproduzidos no muro, outros na mistura das cores das tintas e todos, direta ou indiretamente, participaram

dessa etapa que contou também com a contribuição de alguns/algumas educandos/as do 9º ano “A” e do 1º ano “C”.

A integração dos/as participantes foi geral; a reflexão e discussão sobre os problemas do bairro puderam ser percebidas, superando a expectativa nos comentários: “Professora, quando é que a prefeitura vai calçar essa rua?”, “A gente devia chamar a imprensa e divulgar esse problema”, “Vou mandar a foto no grupo do Whatsapp para ver se os responsáveis vêm aqui”. Conversamos sobre essas necessidades enquanto trabalhávamos e os/as educandos/as pareciam cada vez mais conhecedores/as de suas necessidades, das necessidades do lugar onde vivem e dos direitos que têm como cidadãos/ãs que são. E eles/as continuavam dizendo “Seria muito bom, né professora, se tudo isso que estamos registrando no muro acontecesse?”.

Os educandos/as que se propunham a participar desta etapa registravam suas “marcas” nas paredes e o faziam com muita motivação e satisfação. Porém, uma pequena parte daqueles/as que ficavam na sala, às vezes descia para apreciar a realização do grafismo e, assim como alguns/algumas dos/as funcionários/as da escola, continuava pessimista e fazia o seguinte comentário: “Logo todo esse trabalho será desfeito pelos pichadores”, ao que eu rebatia sempre dizendo: “Vamos fazer a nossa parte e torcer para que os pichadores sejam afetados positivamente com o nosso trabalho assim como a maioria de nós está sendo afetada. E continuamos a nossa atividade artística com muito entusiasmo e muita disposição. Alguns/algumas educandos/as não queriam nem parar para lancha, pareciam sentir bastante satisfação em fazer sua “(p)arte do quadro social”.

Apesar de muito esforço e dedicação de todos/as os/as educandos/as e do desejo de finalizar essa etapa, não chegamos a concluí-la; precisamos interromper o trabalho por alguns fatores climáticos, como chuva e sol muito forte, e ainda por atraso ou falta de material necessário para a finalização de algumas pinturas. Ainda tivemos de enfrentar, curiosamente, a ação de um “trator” que, segundo o seu motorista, foi enviado pela prefeitura para aplanar a rua, o que causou, de imediato, muita sujeira e lama em suas laterais, atrapalhando a nossa atividade.

Contudo, apesar de não ter sido planejada, a “inconclusão” dessa etapa surtiu um efeito muito positivo: assim como algumas pessoas da comunidade, educandos/as e funcionários/as da escola despertaram para a importância e necessidade de nosso trabalho, o que é fundamental à nossa proposta. O nosso

propósito é provocar para a ação, considerando possibilidades de realizar feitos, ainda que tenhamos de enfrentar dificuldades e entraves no nosso sistema educacional e social.

Curiosamente, a ação da prefeitura de aplanar essa rua, um dos acessos da escola, por onde passam os/as funcionários/as que vão trabalhar de carro e alguns/algumas de nossos/as educandos/as, minimizou a situação precária em que ela se encontrava: com muitos buracos cheios d'água e lama, despertando insatisfação e reclamação geral por parte da escola e comunidade.

Hoje, o muro da escola está mais limpo, marcado pelas artes poéticas dos/as educandos/as e divulgando o nosso trabalho para a comunidade que parece ter aprovado satisfatoriamente a nossa ação.



Figura 39 – Muro lateral da escola, antes da realização da etapa “Fazendo (p)arte do quadro social”
Fonte: Autora, 2016.



Figura 40 – Muro lateral da escola depois da realização da etapa “Fazendo (p)arte do quadro social”
Fonte: Autora, 2016.

Imagens do processo do trabalho de grafiteagem:



Figuras 41-46– Processo de grafiteagem na parede lateral externa do muro da Escola
Fonte: Autora, 2016.

4.7 PoesiAção da gente

Apesar de todos os avanços e recuos vividos nesta etapa (construção e desconstrução de apresentações sugeridas pelos/as educandos/as) houve muita motivação, dedicação e sucesso em tudo o que foi apresentado pela turma do 9º ano B; e o reconhecimento por parte da escola e comunidade escolar foi notável.

Nesta etapa, alguns/algumas educandos/educandas que assumiram compromissos, como produzir e apresentar peças, jogral e declamações de poemas, entre outras atrações, desistiram de sua participação praticamente de última hora. Uns/umas diziam “Professora, não vou conseguir declamar minha parte no jogral que ensaiei com os meus amigos, tenho vergonha, bota outra pessoa no meu lugar!”. Outro, “ Professora, a XXX está faltando muito e não dá para ensaiar a peça sem ela!” e ainda: “Professora, acho que vou desistir, tô com medo de travar na hora da declamação!”.

O estado de ansiedade esteve muito presente em todos/todas que fizemos parte desse projeto; precisamos parar, conversar e entender que é natural ficar ansioso/a diante de uma exposição dessa natureza e acreditar que todos/as nós conseguiríamos realizá-la. Disse para a turma que eu também estava ansiosa e que iria, mesmo assim, estar no palco juntamente com todos/as os/as meus/minhas educandos/as. Foi um momento de grande integração; estivemos mais juntos/as e conhecemos um pouco mais o comportamento e atitude de cada um/a consigo mesmo e em relação ao/a outro/a. Reforçamos os laços de confiança e conseguimos ganhar coragem e encorajar o/a outro/a.

A educanda que pensou em desistir da declamação por medo de “travar”, na hora da apresentação, é um caso “especial de inclusão”; ela não só declamou o poema em público, como o fez numa linda participação; superou as expectativas dela e a de todos/as que a assistiram declamar. Após o evento, procurou-me e agradeceu, emocionada, o que me deixou muito feliz. Percebi que o nosso trabalho tinha alcançando muita significação e como afirma Paulo Freire (1996), na formação docente, muito mais do que a repetição do gesto vale a “compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem” (FREIRE, 1996, p. 51).

Embora não tenha exigido dos/as educandos/as, em nenhum momento, a memorização dos poemas que seriam declamados, um desses/as educandos/as fez a declamação do poema sem a presença do papel que eu lhe havia entregado anteriormente com a parte escrita do texto. Ele interpretou com muita verdade, sensibilidade e emoção; encantadoramente deu vida e poesia ao texto que foi produzido por uma de suas colegas, educanda do 9º “B”.

Os/As outros/as seguiram declamando com o apoio da “cola” o que não comprometeu a qualidade de sua atuação, pois eles/as tinham propriedade do que estavam lendo, conheciam bem e haviam, não só produzido, mas também participado de alguma forma da “história” daqueles poemas. Com exceção do poema “Ligação”, de Gabriel, O Pensador, todos os demais poemas declamados haviam sido produzidos em sala de aula pelos/as educandos/as, sob minha orientação.

Os textos apresentados trouxeram a tônica da violência, elemento marcante na história de vida de boa parte dos/as nossos/as educandos/as. Entretanto, a forma como foi exposta essa violência, trouxe encantamento e permitiu possibilidades de aprofundar a reflexão, ampliar a criticidade e perceber com outro olhar, num recorte da realidade, determinados fatos sociais do nosso dia a dia em comunidade que nos faz, apesar de todo o quadro negativo, sentir-se parte daquele lugar e de certa forma responsável por ele. Isso estava muito evidente nas palavras declamadas e na reação das pessoas ao ouvir com atenção cada palavra dos textos verbalizada pelos/as educandos/as em suas apresentações.

A escola estava mais bonita e animada; todos/as pareciam mais alegres naquela “manhã literária”: educandos/as, educadores/as, familiares e demais setores que fazem parte da escola demonstravam apreciar as apresentações realizadas pelo 9º ano “B”, e os comentários foram os mais satisfatórios, até mesmo entre um/a ou outro/a funcionário/a que inicialmente parecia não acreditar muito no nosso trabalho. Houve falas de educandos/as dos 2ºs e 3ºs anos como “Parabéns, professora, isso é que eu chamo de literatura, as apresentações todas me tocaram bastante! Vocês conseguiram fazer com que a gente se identificasse em tudo que mostraram, isso é a nossa cara, a nossa história, nos reconhecemos no trabalho de vocês”.

A emoção estava estampada nos olhos de todos/as que eu conseguia enxergar, da diretora à orientadora desta pesquisa, Profa. Lígia Ferreira, que estava presente, representando o PROFLETRAS/UFAL, e parecia muito satisfeita com o

que via. Foi um momento muito especial e envolveu todos/as que participavam daquela Semana Literária.

A música **Verdades secretas**, de autoria do educando D. M foi cantada por ele próprio e pela educanda M. P com acompanhamento de toda a turma no refrão. A letra dessa música não apresenta especificamente o bairro como lugar onde se vive, mas o país onde vivemos; ela aborda com certa maturidade a situação política e econômica que vive o Brasil nos dias atuais, mostrando não muita diferença do que foi o Brasil em tempos passados, questão que não entraremos em detalhes neste trabalho.

A seguir serão apresentadas as análises de parte das produções textuais poéticas dos/as nossos/as educandos/as contempladas na culminância do projeto. Primeiro serão apresentadas algumas estrofes de poemas produzidos e declamados pelos/as nossos/as educandos/as seguidos de nossas impressões e, depois, a letra da música que foi cantada pelo 9º ano “B” dividida em estrofes para facilitar o nosso trabalho de análise, como se pode conferir abaixo.

4.8 Estrofes¹⁸ de poemas produzidos pelo 9º ano “B”

Trecho do Poema I – Meu bairro é tudo pra mim (T. A.)

Meu bairro é tudo pra mim,
Meu bairro é minha paixão
É onde moram minha mãe, meu pai e meus irmãos.

Eu queria que ele tivesse
Segurança, saúde e paz;
Que tivesse passado o asfalto...
Mas as ruas só têm buracos.
[...]

Trecho de poema II – Você parece tão tímido! (P. R.)

Oh, querido Bairro,
Querido bairro meu.
Quantas alegrias você me trouxe,
Mas quantas tristezas você me deu
[...]

Oh, meu Bairro,
Você é tão lindo!
Mas, às vezes, eu nem te vejo,
Você parece tão tímido!

¹⁸ Os poemas, dos quais fazem parte essas estrofes, estão apresentados na íntegra no ANEXO D deste trabalho.

Trecho de poema III – Do meu bairro não quero sair (V. L.)

[...]

Meu bairro não é perfeito,
Mas tem muita coisa boa.
Tem muitas pessoas felizes
Que vivem sorrindo à toa.

Há falta de segurança,
Há ruas sem asfalto.
Vejo muitas pessoas sendo
Vítimas de assalto.

[...]

Trecho de poema IV – E a paz irá reinar (D. C.)

Meu bairro já foi um lugar de tranquilidade
Cheio de pessoas honestas, que só queriam paz.
Mas, hoje em dia, as pessoas não ligam mais.

[...]

Como eu te preciso, meu bairro!
Você ainda vai mudar
Um dia será só alegria,
E a paz irá reinar.

Trecho de poema V – Te quero lindo para mim

[...]

Os poderosos que podem,
Bem mais que nós,
Agir por você,
Não agem.
E te deixam assim:
Insuportável de se ver.

Trecho de poema VI – O campinho do meu bairro

[...]

Assim eu te preciso, meu bairro!
Quero praças nas ruas,
E não pistas com buracos.

[...]

Em todos os textos apresentados acima há elementos que lhes confere o caráter de poema/poesia popular – versos livres, rimas, musicalidade – e uma linguagem simples e vinculada com a realidade de quem os produziu, capaz de promover interação e familiaridade entre autor/a, leitor/a/ouvinte e texto. Considerando que o contexto social desses/as participantes do processo poético,

autor/a/leitor/a/ouvinte, seja comum a todos eles/as, foi possível perceber um envolvimento dessas partes que pode ser justificado pela identificação e reconhecimento que são próprios do processo poético durante a declamação desses poemas. Pudemos perceber, concordando com Otávio Paz, que de fato “A recitação poética é uma festa: comunhão” (PAES, 2012, p. 123).

Em relação à temática abordada, “como eu te preciso meu bairro”, a leitura realizada pelos educandos/as revela certa reflexividade, consciência e criticidade ao apresentar um bairro carente de saúde, saneamento básico, segurança e lazer, o que pode ser confirmado nos versos “Eu queria que Ele tivesse/ Segurança, saúde e paz;/ Assim eu te preciso, meu bairro!/ Quero praças nas ruas,/ E não pistas com buracos”.

Nos versos “Quantas alegrias você me trouxe,/ Mas quantas tristezas você me deu/ Você ainda vai mudar/ Um dia será só alegria,/ E a paz irá reinar./ Você é tão lindo!/ Mas, às vezes, eu nem te vejo,/ Você parece tão tímido!”, o eu lírico demonstra uma certa contradição diante da sua visão da realidade; há nele um claro desejo de mudança, que não significa sair do lugar onde vive, mas de transformar a situação em que esse lugar se encontra, seguido de certo otimismo.

“Pinta-se” um lugar tímido, fala-se das alegrias e tristezas sentidas no bairro, com sobreposição para a tristeza; ainda se apresenta a beleza do local, sendo ocultada pela sua timidez; apresenta-se aqui um lugar que se esconde, que não aparece nesse quesito da beleza, apesar de ser bonito. Parece haver, na tentativa de construir uma imagem do espaço onde vive, percepções de lacunas geradas pela ausência de serviços públicos, o que parece ser resultante de uma reflexão crítica da realidade desse local.

É interessante considerar que a construção dessa imagem pode contribuir na compreensão do mundo, permitir ao sujeito descobrir mais sobre a sua história e entender melhor o seu papel social. Chamamos a atenção para o que diz Azevedo (2005) sobre como costumam ser as pessoas na vida concreta, “paradoxais, por vezes incompreensíveis e incoerentes”; segundo esse autor,

os seres humanos estão compulsoriamente mergulhados num constante processo de modificação, aprendizado e ressignificação [...] e comprometidos com a busca de seu autoconhecimento e da construção do significado de suas vidas” (AZEVEDO, 2005, p. 6).

Devemos respeitar essa característica dos sujeitos, suas vivências concretas, e contribuir por meio da abordagem artística e literária na ampliação e construção do conhecimento de si e do mundo.

Apesar de demonstrar um reconhecimento das “imperfeições”, “carências” e “abandono”, como características do bairro onde mora o eu lírico, a maioria dos versos das estrofes acima também demonstra certa satisfação e sentimento de identidade e pertencimento em relação a esse lugar que abriga a família e amigos/as, o que se comprova em “Meu bairro é tudo pra mim,/Meu bairro é minha paixão/ É onde moram minha mãe, meu pai e meus irmãos./ Meu bairro não é perfeito,/ Mas tem muita coisa boa./ Têm muitas pessoas felizes/ Que vivem sorrindo à toa”.

Além do sentimento de tristeza, parece haver nos versos que seguem a presença de impotência e revolta do eu lírico por não poder agir em favor do bairro onde mora e não receber a ação de quem tem o poder para tanto: “Os poderosos que podem,/Bem mais que nós,/ Agir por você,/Não agem./E te deixam assim:/ Insuportável de se ver”. É possível enxergar uma consciência política, cidadã que reconhece seus deveres e direitos em meio ao “quadro” apresentado.

Ainda nos versos “Há falta de segurança/ Há ruas sem asfalto./ Vejo muitas pessoas sendo/ Vítimas de assalto”, e ainda “Meu bairro já foi um lugar de tranquilidade/ Cheio de pessoas honestas, que só queriam paz./ Mas, hoje em dia, as pessoas não ligam mais”, também parece haver menção tanto à atuação dos governantes políticos quanto a atuação do cidadão; eles criticam esses papéis, apontando a ausência de serviço público e de pessoas honestas que, diferentemente de antes, hoje “não ligam mais” para o lugar onde vivem, não fazem sua parte.

Apesar de todos os pontos negativos apresentados nos versos, ainda se pode perceber na maioria dos textos poéticos o amor pelo bairro, a crença na mudança, a esperança de dias melhores, de que “a paz irá reinar” para a comunidade.

4.9 Análise da música “Verdades secretas” de um educando do 9º ano “B”

Me diz se esse país é justo, me diz se temos os direitos iguais.
 Procuro e não encontro o mesmo respeito,
 As ruas julgam pensamentos com preconceito.

EU VIVO EM UM PAÍS DE VERDADES SECRETAS

EM VIVO EM UM PAÍS DE MENTIRAS EXPOSTAS
 EU VIVO EM UM PAÍS QUE CHAMAM DE PAÍS DA PAZ
 ONDE O POBRE E O RICO NÃO TÊM OS DIREITOS IGUAIS

Os pobres são jogados em favelas e morros, um silencioso grito de socorro.
 Palavras e palavras não vão ajudar; quem dera fossem mudos
 E soubessem trabalhar.

A divisão em estrofes foi realizada com base em alguns elementos que nos permitem classificar o texto produzido pelo educando XXXX como um texto poético: rimas, ritmo, musicalidade, jogo de palavras, figuras de linguagem (recorrência de paradoxo).

Na primeira estrofe, logo no primeiro verso, há um questionamento retórico, que normalmente é feito por todo/a brasileiro/a que está atento/a ao nosso sistema político; comprovando a desigualdade social como consequência de sua atuação.

O refrão, representado pela segunda estrofe, aponta uma nação de segredos (verdades secretas) e de exposição de mentiras no setor político. E continua pontuando elementos que se opõem ao dizer, em outras palavras, que não é possível viver em paz com a desigualdade social entre as pessoas.

A última estrofe apresenta o silenciamento da voz do oprimido em oposição à falácia dos que têm o poder de governar: enquanto o primeiro não é ouvido, o segundo fala demais e pouco ou nada faz pelo bem da sociedade em geral. Há um apelo de trabalho, de ação em detrimento da falácia que é destacada na atuação da política brasileira.

Percebe-se uma leitura reflexiva e crítica da situação atual vivida em nosso país, na política e na sociedade em geral; há uma consciência dos acontecimentos econômicos e um posicionamento em relação à atuação de nossas autoridades políticas/administrativas, seguidos de uma clara reprovação e de um sentimento de insatisfação.

A melodia apresentada com a letra dessa música também foi, conforme o educando XXXX, de sua autoria; a sua apresentação foi expressivamente aplaudida, o que demonstrou boa aceitação do público e a satisfação de todos/as nós, sujeitos que participamos da produção e realização deste trabalho.

É importante destacar ainda, na análise desta etapa, a reação satisfatória de cada educando/a ao perceber seu texto exposto na antologia poética; eles ficavam um bom tempo relendo-o, assim como também visualizando algumas fotografias do processo de grafiteagem que expus juntamente com os seus poemas. Pareciam

muito orgulhosos/as de ver o seu feito sendo compartilhado com a escola e a comunidade escolar.

Os poemas que expusemos na caixa decorada no pátio, entrada principal da escola, rapidamente foram levados pelas pessoas que passavam, o que fez com alguns/algumas educandos/as viessem me procurar e dizer “Professora, o povo tá levando todos os poemas da caixinha!”, ao que eu respondi:

Que bom! É essa a nossa proposta: fazer com que a poesia circule entre as pessoas de nossa comunidade e sociedade em geral, não é? Precisamos agora alimentar a caixinha de poesias para que ela esteja sempre cheia, oferecendo essa possibilidade de leitura a todos/as que por ela passar.

De modo parecido, porém mais lentamente, começou a dinâmica com a outra caixa decorada, vazia, que traz a proposta de fazer as pessoas deixarem sua poesia; uma educanda de outra turma me falou que havia deixado 15 poemas de uma só vez e que ela gostava muito de escrever poemas, o que foi confirmado, depois, por alguns/algumas colegas de nossa turma, 9º ano “B”. Começaram a surgir poemas, equilibrando o processo de participação das pessoas ao atender a nossa expectativa com esse trabalho: fazê-las levar (ler) e deixar (escrever) o seu poema nas caixinhas decoradas.

Dessa forma, reforçamos a circulação da leitura e escrita de textos poéticos entre nossa escola e comunidade em geral. As fotos abaixo expõem as caixinhas decoradas que propõem esse desafio.



Figuras 47 e 48 – Caixas decoradas para compartilhar poemas
Fonte: Autora, 2016

4. 10 Olhando para trás

Apresentaremos a seguir, a voz dos/as educandos/as sobre a participação deles/as no Projeto Poesia Popular:

O projeto com a base de poesia popular,
 Fez despertar nos jovens o desejo de mudar,
 Demonstrando sentimentos
 E apresentando histórias,
 Pois um futuro literário
 Depende do agora (D. M.).

Na aula que tivemos, após a semana literária, eu e todo o 9º ano “B” pudemos fazer uma retrospectiva do nosso trabalho: conversamos sobre tudo o que aconteceu durante o percurso que trilhamos juntos para realizar o nosso projeto e sobre sua culminância.

Agradei e parabenizei a participação de todos/as; falei de meu orgulho e de minha felicidade com o desempenho da turma, disse-lhes que haviam me surpreendido com as apresentações e pedi que cada um deles refletisse e escrevesse suas impressões sobre o projeto poesia popular em suas vidas, desde a primeira etapa até agora. Eis o que disseram os nossos/as educandos/as em suas escritas¹⁹:

Eu aprendi que uma turma, seja de jovens ou adultos, precisa de um (a) líder para realizar um projeto. No nosso caso, a professora Fátima Lisboa nos liderou! E fez um ótimo trabalho conosco. Com ela aprendemos que se só um faz tudo sozinho, o projeto não sai do lugar mas... quando todos trabalhamos em equipe vamos longe! Juntos somos capazes de fazer qualquer coisa. Nós pensamos juntos, trabalhamos juntos, apresentamos juntos e fomos aplaudidos juntos!

Nossas poesias sobre o nosso bairro foi bem marcante e legal. Eu me surpreendi com as poesias de meus colegas que eram bem interessantes. No final de tudo, Ganhamos uma nova visão do lugar onde vivemos e Ganhamos uma visão mais crítica em relação a tudo. Na minha sincera opinião, esse projeto valeu a pena! (D. C.).

Para ser sincero eu não estava nem um pouco afim de conhecer a poesia, em questão a meu bairro eu sempre fui bem ligada e tal, sempre observando e reclamando do caos que ele era, sempre querendo melhorias para ele. A poesia, vamos dizer que ela mudou meu jeito e talvez minha vida, Antes eu era uma completa desinteressada pela poesia, Hoje eu sou uma completa apaixonada, e vivo sempre criando, quando estou feliz crio uma poesia em relação a minha felicidade, se eu vejo uma escola, uma praça ou uma rua em estados precários, eu faço uma poesia sobre isso.

¹⁹ Transcritas *ipsis litteris*.

Encontrei uma forma de me expressar em algo que eu nem sabia que era possível. Hoje sou outra pessoa, feliz por conhecer a poesia (A.).

O que mudou em mim foi meu modo de ver a poesia o poema a literatura ampliou meus conhecimentos acabei gostando mais do que pensei que gostaria.

Meu pensamento mudou sobre a literatura antes eu não gostava e agora quero aprender mais e mais [...]

Acabei conhecendo mais o bairro que vivo de coisas que eu não sabia

E sobre a poesia popular acabei gostando e em casa eu leio algumas poesias (V.).

O projeto me ajudou a refletir mais sobre a leitura, apreciar os poemas e a escrever também. Trabalhar em grupo com minhas amigas, a pensar em ideias para fazer um bom projeto e uma boa apresentação. O que mudou em mim foi a vontade de ler mais poesias e escrever, também superar o meu medo de falar em público. Me fez pensar nas outras pessoas, que qualquer um pode fazer uma linda poesia, do bagunceiro ao mais envergonhado, quando queremos de verdade somos capazes de qualquer coisa. Pensei mais também no meu bairro e no quanto ele é importante e precisa de muitos cuidados e amor (M. L.).

[...], o projeto “poesia popular” foi uma das boas experiências que tive, pois ver os jovens ocupando a mente e se dedicando em coisas que faz bem para o aprendizado é legal [...] a maioria precisam de ‘idéias’ de pessoas mas experientes para que eles demonstrem o que sabe, foi assim que aconteceu no projeto.

Não só eu mas também muitos jovens apresentam melhor as suas idéias quando alguém toma uma iniciativa.

O projeto foi importante para que os jovens descubram mas de si mesmo, pois se ouvece vários iguais a esse durante o ano, os jovens iriam conhecer a si mesmo cada vez mais.

Gostei muito do projeto também porque apresentaram musica, e a musica faz parte da vida dos jovens, e quando são produzidas pelos mesmos, torna o projeto mais interessante (D. M.).

Eu e meu colegas da turma desde que iniciamos o ano letivo junto com a professora Fátima embarcamos num projeto **Poesia popular** Como eu te preciso meu bairro, foi muito legal pintamos o muro da escola fizemos poemas e no dia da apresentação mostramos a toda a escola XXXX e visitantes todas nossas produções a apresentação foi linda e se fosse possível faria tudo dinovo de tão gostoso que foi ter participado Com esse projeto aprendi que devemos valorizar o nosso cantinho nossa casa, bairro escola porque ele faz parte da gente todos eles tem seus valores com suas qualidades e defeitos aprendemos a respeitar as diferenças, preto, branco, amarelo, vermelho não importa essa é uma lição que vou levar pra toda VIDA! (E.).

[...] quando o projeto deu início eu realmente não estava interessado mais como o projeto foi avançando eu fui me interessando por que foi falando da necessidade de nosso bairro por que o bairro precisa de muitas melhorias.

[...] agora eu estou mais siente dos problemas do meu bairro precisa de muita coisa é ter paciência e esperar que tudo se resolva.
O “poesia popular” foi um projeto bom a gente expressou os nossos sentimentos no muro da escola nossas artes de uma forma de poesia (S.).

Minha participação foi ótima eu brinquei tive responsabilidade coragem e o que mudou foi o conhecimento de pensar melhor no meu bairro vi meu bairro diferente [...] tinha vergonha de ler criar e apresenta e hoje [...] ganhei conhecimento de poesia popular , ponto kkk e também confiança das pessoas que acreditaram no 9º ano “B” que derão força coragem e vontade de saber que uma semana literária muda a gente e o mundo (N.).

“Esse projeto mudou muito a minha vida antes eu não gostava de criar poesia ou poema, mas depois quando teve esse projeto da poesia popular nossa agora eu amo fazer e ler poesias”.

A professora Fátima mandou nós fazer uma poesia sobre o lugar onde vivo todo mundo fez, as poesias ficou lindas a professora gostou. Eu gostei de fazer isso.

Antes nossa sala só recebia reclamação dos diretores de todo mundo, mas depois desse projeto nossa sala ficou bem falada a professora XXXX, **diretora geral**, gostou de nossa apresentação ela até postou no facebook um comentário lindo (A.).

Eu tive mais conhecimentos sobre os problemas de meu bairro, mais gosto pela leitura e produção de poema e todos nós aprendemos a trabalhar juntos.

Minha participação no projeto foi muito boa, aprendi varias coisas sobre poesia, aprendi a criar poesias, conheci novas poesias, etc. Antes desse projeto eu acreditava que eu não era capaz de criar minhas próprias poesias, eu não conseguia da forma para as poesias que eu tentava criar, depois do projeto, agora eu sei que sou capaz de cria as minhas próprias poesias, agora eu sei da forma as poesias, hoje eu sei o que é poesia.

Com o projeto eu conheci melhor o meu bairro, vi que falta muitas coisas nele, vi que o meu bairro não é perfeito mas também não é tão ruim como dizem, nós vamos lutar para melhorar mais ele.

Nesse projeto ganhei vários conhecimentos, conheci mais o mundo, percebi a realidade em que nós vivemos, etc. (V. C.).

[...] eu aprendi como declamar e produzir poemas, aprender compreender as rimas, verso e estrofe. O que mudou[...] foi o jeito de pensar que se nós queremos uma coisa nós conseguimos. fiz poemas e me diverti muito com minha participação no projeto “Poesia popular”. Ganhei mais conhecimento sobre o meu bairro, o que ele tem de bom e o que ele precisa ter para ficar melhor [...]. O desenvolvimento da turma foi legal, quase todos participaram. [...] (S.).

[...] Antes eu não tava nem ai pra poesias depois desse projeto eu vi que a poesia não é besteira é uma coisa muito boa pra refletir pra aprender [...] (J. V.).

A minha participação neste projeto [...] “Poesia popular” foi de extrema importância não só para melhorar minhas notas, mas por ter feito com que eu me aprofundasse mais na poesia e amasse mais o bairro onde vivo. Mudou a minha visão sobre os outros, e conseqüentemente eu conheci melhor o meu bairro. Ganhei um conhecimento maior sobre esse mundo da poesia, do qual eu não tinha conhecimento algum.

Nunca fui de gostar de poesia, mas acabei pegando gosto após o projeto (L. S.).

[...] aprendi a refletir e organizar tudo o que eu sentir mas professora ainda tudo anda muito bagunçado não vou mentir e minhas dúvidas não são as mesmas eu passei a olhar tudo com perspectiva entende?

Fico feliz que tenhamos a senhora para encorajar o amor pela escrita e a literatura (E.).

O projeto “poesia popular” realmente foi muito trabalhoso e muito criativo, tudo valeu a pena, conhecemos mais sobre o nosso querido bairro e vimos que ele não era o que pensamos, percebemos que falta muita coisa [...]

A criação de nossos poemas realmente foi muito inspiradora, [...] agradaram não só a professora mais também os alunos do colégio. [...] Parabéns a nós (R.).

[...] é muito importante para os jovens para poder se expressar e liberar suas ideias, as vezes o jovem tem boas ideias e não se expressa e se aconteceu isso nesse projeto, o projeto deu a chance a ele de se expressar para as pessoas [...] (M.).

Indubitavelmente, o efeito do projeto foi de provocar uma mudança entre eles/as e a relação que possuíam com a poesia. Propor uma “poética do bairro” em que moram em um trabalho coletivo, impulsionou mudanças externas e internas à sala de aula de Língua Portuguesa. Através desses depoimentos, notamos o quanto é relevante a atuação científica dentro das escolas de educação básica por quem cotidianamente trabalha nesses espaços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui termina a escrita deste trabalho e não a sua principal pretensão, que é promover um movimento de (re)ação positiva por parte dos/as profissionais da educação, especialmente os/as educadores/as, diante da real situação em que se encontra o ensino de literatura no espaço escolar das escolas públicas estaduais na cidade de Maceió, especialmente no que se refere à leitura e produção de textos poéticos, em nosso caso, à poesia popular.

O fato de não ter finalizado a sexta etapa completamente, deste trabalho, coincide com sua real proposta: continuar provocando e motivando os componentes do processo de ensino-aprendizagem a buscar possibilidades de tornar mais significativas e satisfatórias as experiências vivenciadas por meio de textos poéticos que versem sobre a realidade dos/as educandos/as numa linguagem que seja a eles/elas familiar.

Vivenciamos momentos valiosos de muita interação e confiança que propiciou um conhecimento maior da realidade do eu, do outro/a e do mundo. Por meio de leituras de textos poéticos, numa linguagem compreensiva e comum aos nossos/as educandos/as, descobrimos mais sobre o gênero textual poesia e percebemos que é possível se encantar, pensar e aprender muito a partir de procedimentos que ofereçam a poesia popular com desafio, dinamismo e que sejam pertinentes ao universo cultural e social dos sujeitos envolvidos nesse processo.

É valioso salientar que conseguimos, a partir deste projeto com poesia popular, movimentar e provocar, no espaço escolar, importante força e contribuição para a realização da semana literária na escola XXXX que aconteceu neste ano, 2016. Pela primeira vez, neste formato, tivemos um evento literário “grandioso” que envolveu toda a escola e comunidade escolar em três dias de apresentações culturais e artísticas surpreendentes, de repercussão positiva para todos/as que fizeram direta ou indiretamente parte de seu processo.

Tivemos nosso trabalho reconhecido por todos/as que o prestigiaram e fomos considerados/as pela direção escolar como “peça chave” na realização de um outro trabalho ainda maior, de extensão a todas as outras turmas que fazem a nossa escola nos turnos matutino e vespertino, o que foi muito gratificante para nós.

Pudemos por meio de nossas atividades de intervenção perceber que é possível fazer a diferença, apesar das dificuldades e entraves próprios do nosso sistema educacional que não dispõe de recursos de trabalho humano e material suficientes para facilitar a nossa jornada na tarefa de ensinar e aprender.

Ampliar o conhecimento foi necessário e muito satisfatório para mim, ao realizar descobertas, (re)construir saberes e conceitos, repensar e reformular a minha prática docente. Precisei mergulhar em leituras de estudiosos/as que me possibilitaram refletir e aprofundar o conhecimento, perceber a totalidade das coisas para entender melhor as suas partes e assim potencializar meu programa de trabalho em sala de aula. Isso porque, assim como Paulo Freire (2014), acredito que “faltando aos[às] homens[mulheres] uma compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade não podem reconhecê-la” (FREIRE, 2014, p. 133).

É possível agora perceber, ainda com mais segurança, que a direção a ser seguida e perseguida é a que conduz a uma educação que liberta, que humaniza e que oferece possibilidade de, em conexão com a realidade, (re)conhecer o mundo e se apropriar desse conhecimento para se inserir nele e descobrir o seu espaço de sujeito ativo, capaz de contribuir na transformação dessa realidade.

Considerar possibilidades novas e desafiadoras de aprendizado assim como fortalecer e construir aprendizados novos é algo desafiador e que exige muito trabalho. É necessário olhar para trás, rever e (des)arrumar o seu saber, o seu material de trabalho e decidir sobre o caminho a seguir; (re)fazer o seu planejamento. Para isso, é necessário, além de outros fatores, sentir-se provocado/a. O PROFLETRAS foi para mim esse fator de provocação que, aliado ao meu desejo de conhecer mais para potencializar minha prática, fez-me agir e provocar o/a outro/a para a ação.

Juntos, eu e meus/minhas educandos/as saímos da sala de aula e fomos ver outros espaços da nossa escola. O nosso trabalho foi além, não só da sala de aula, mas também da escola; ele atravessou os muros da escola e trouxe para dentro do espaço escolar a sua comunidade, para socializar e assumir o lugar que é dela nesse processo de ensino-aprendizagem significativo.

Respeitar os saberes e as necessidades do/a educando/a é permitir a ele/ela dialogar com o mundo a sua volta, é deixar que se veja como sujeito agente, parte integrante de um sistema cuja transformação depende também da sua ação.

Nessa experiência de leitura e escrita de textos poéticos, poesia popular, pudemos confirmar que a escola como casa de educação formal é, entre os lugares de experiências sociais, o ambiente que pode e deve garantir ao/a educando/a o convívio significativo com a leitura e produção literária, assim como garantir também ser esse/a educando/a um sujeito agente no processo de ensino-aprendizagem, lado a lado com o/a educador/a. Defendemos aqui uma educação “autêntica”, tal qual defende Paulo Freire, “que não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2014, p.116).

Lançamo-nos um desafio que ofereceu muito trabalho e dificuldade, mas que nos fez sentir capazes e elevou a nossa autoestima. Realizamos leituras e atividades produtivas e interativas em vários ambientes do espaço escolar que envolveu do/a educando/a ao porteiro da escola. Propiciamos possibilidades de refletir e discutir o dia a dia em comunidade, criticar, concordar/discordar, construir e desconstruir pontos de vista e ampliar o nosso conhecimento de mundo.

Apresentou-se aos/às educandos/as acima mencionados/as essa fonte rica de linguagem que é a poesia, respeitando suas experiências de letramento literário, mais especificamente, com poemas populares. Considerou-se a realidade sociocultural da turma e as lacunas existentes com relação ao seu conhecimento de poesia popular para desenvolver um trabalho produtivo com leitura e escrita de poemas que contemplasse o reconhecimento da cultura popular, o gosto que a turma nutre pelas temáticas textuais poéticas e as necessidades observadas e sinalizadas pela turma em atividades diárias no que diz respeito a aspectos de interpretação de textos e questões da linguagem verbal e não verbal.

Para isso, foi necessária uma observação atenta da dinâmica de sala de aula: do meu comportamento como educadora-educanda, do comportamento dos/as educandos/as, também educadores/as nesse processo de ensinar-aprender, e da recepção/reação da turma diante de propostas de atividades orais, como círculos de conversa sobre assuntos que lhes fossem pertinentes (amor, adolescência, preconceito, problemas sociais, entre outros que fossem apontados pelos próprios sujeitos envolvidos diretamente nesse processo); das pistas que apresenta as suas falas; e também das respostas às atividades escritas. Dessa forma, pudemos conhecer os seus interesses e necessidades, pontuar as dificuldades que apresentaram em relação ao que se queria propor, no nosso caso, poesia popular, e planejar procedimentos para o bom resultado de futuras proposições.

A formação cultural e a inserção do sujeito em sociedade dependem, também, da experiência que ele tem com práticas sociais escritas/leitoras, ou seja, ele carece de experiências significativas com a leitura e a escrita de textos, que promovam a reflexão e o (re)conhecimento de si mesmo e do mundo, o que acreditamos ser possível acontecer de forma prazerosa e satisfatória. E é da escola, principalmente das instituições públicas de ensino, a responsabilidade nessa inserção social, no que concerne ao letramento literário. Os/as educandos/as devem ser desafiados a construir relações entre os conteúdos textuais que lhes são apresentados e as práticas do seu mundo real, vivenciando esse conhecimento em eventos do seu dia a dia. Da mesma forma, transformar esse mundo, de modo reflexivo e crítico, criando-o e recriando-o, com liberdade imaginativa, fazendo proposições e intervenções que o faça sentir parte integrante e responsável dentro do seu espaço/mundo.

Trazer para sala de aula um trabalho com poema popular que não só acrescente o conhecimento do código linguístico e da escrita desse mesmo código, mas também que acrescente o conhecimento crítico da cultura e história da humanidade pode ser um meio de ativar emoções e afetividades, capazes de promover nos sujeitos a identificação com fatos e situações de seu mundo, criando, assim, um elo entre leitor/a, autor/a e texto.

Com este trabalho, aproximamos a poesia da sala de aula, da escola e da comunidade escolar, estreitamos o elo com o texto literário, (re)lendo-o e (re)criando-o com liberdade para (re)construir sentido e expressar por meio de uma linguagem popular os sentimentos e necessidades da comunidade, potencializamos a leitura interpretativa e o gosto pela poesia popular.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. **Carlos Drummond de Andrade: poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003

ARANTES, Giovanni Luanda. Vida em transição. **Olímpiada de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro**, 2014. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/textos-dos-finalistas/artigo/1614/textos-dos-alunos-finalistas-de-2014>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil - com a palavra o escritor**. São Paulo: DCL, 2005.

_____. Vídeo dos poemas “Bola de gude” e “Aula de leitura”. **Nova Escola**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2M_mDAcylBs&feature=youtu.be>. Acesso em: 8 jun. 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, 23 dez. 1996.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais da educação básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 ago. 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez 1989.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FUNDAÇÃO CASA. In: **Wikipedia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Funda%C3%A7%C3%A3o_CASA>. Acesso em: 18 mar. 2016.

GABRIEL, O pensador. **Diário noturno**. Rio de Janeiro: Hip Hop Brasil Empreendimentos Artísticos, 2010.

GUILHERME, Paulo. Interno da fundação casa é vencedor em olimpíada de língua portuguesa. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/12/interno-da-fundacao-casa-e-vencedor-em-olimpiada-de-lingua-portuguesa.html>>. Acesso em: 15 out. 2015.

GULLAR, Ferreira. **Sobre arte, sobre poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Sobre poesia e rap, rappers e poetas. **Revista Via Atlântica**, n. 15, p. 117-127, jun. 2009.

MEC. **Guia de livros didáticos: PNDL 2014 – Ensino Fundamental – anos finais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. 120p. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guia-do-livro/guia-pnld-2014>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais – PCNs: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 106p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia não é difícil**. São Paulo: Biruta, 2012.

_____. **Poesia faz pensar: Alvares de Azevedo et al. Ilustrações de Rafael Sica**. São Paulo: Ática, 2013. (Coleção Para gostar de ler).

NÓBREGA, Antonio. Pela arte e cultura popular nas escolas. Olimpíada de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro. Entrevista de Luiz Henrique Gurgel. **Na ponta do lápis**, ano XI, n. 25, março de 2015.

ORLANDI, P. Eni. **Cidade dos sentidos**. São Paulo: Fontes, 2004.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. 2. ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. **Os filhos do barro**. 2. ed. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagio, 2007.

_____. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PINHEIRO, Helder. **Toda idade é idade de poesia**. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=1426>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

PROJETO Político Pedagógico da Escola Estadual XXX, Maceió, AL, 2016.

PRONATEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pronatec>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SANTOS, José Rufino dos. **Quem ama literatura não estuda literatura**: ensaios indisciplinados. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

_____. **Não existe uma lista de livros imprescindíveis**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/joel-rufino-santos-nao-existe-lista-livros-imprescindiveis-610083.shtml>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

SANTOS, Lúcia de Fátima; PAZ, Sandra Regina; LUIS, Suzana Maria Barrios (Org.). **Universidade e escola**: reflexões sobre práticas pedagógicas no PIBID. Recife: Editora da UFPE, 2015.

SILVA, Ezequiel T. da. **A produção da leitura na escola** – pesquisas x propostas. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA FILHO, José Bilú da. **Praça do Centenário**. Disponível em: <<http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php?Canal=Pra%E7as%20de%20Macei%F3&Id=5>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

TAVARES, Diva Sueli Silva. **Da leitura da poesia à poesia da leitura**: a contribuição da poesia para o ensino médio. 300f. 2007. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

ZILBERMAN, Regina. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? **Letras**, Passo Fundo, RS, v. 5, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/924/554>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AOS/AS EDUCANDOS/AS

1. No seu bairro, há espaços de leitura? (biblioteca, livrarias, bancas de revistas)

Qual(is)?

2. Você costuma ler poesia? Por quê?

3. O que mais chama a sua atenção na poesia? Por quê?

4. Você costuma escrever poesia? Por quê?

5. Quais assuntos despertam mais o seu interesse nas poesias?

6. O que é poesia popular?

7. Você conhece alguma poesia popular? Qual(is)?

8. Escreva abaixo nomes de autores de poesia popular que você conhece?

As experiências dos/as educandos/as de leitura e escrita de poesias e poesias populares

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE O BAIRRO E A EXPERIÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA DE POEMAS

O bairro onde moro e a experiência com leitura e escrita de poemas a partir de registros de falas de alguns/algumas moradores/as da comunidade.

1. Converse com seus pais ou responsáveis sobre o seu bairro e responda as questões propostas a seguir:

- a) Diga qual o nome do seu bairro e por que ele recebeu este nome.
- b) Você mora neste bairro há quanto tempo?
- c) Quantos anos tem o seu bairro?
- d) Você gosta de morar neste bairro? Por quê?
- e) Há pouco tempo foi construída uma pista neste bairro. O que isso significou para você?
- f) Fale um pouco sobre como era o seu bairro antigamente.

2. Continue a conversa com seus pais ou responsáveis, agora sobre as experiências que eles têm com a poesia, e atenda aos comandos abaixo:

- a) Em seu bairro o/a senhor/a costuma ouvir poesia? Lê ou escreve poemas?
Por quê?
- b) Diga o que o/a senhor/a pensa sobre poesia.
- c) O/a senhor/a acha importante trabalhar poesia na escola? Por quê?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO COM PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

Experiências dos pais e/ou responsáveis dos/as educandos/as como
leitores/escritores/ouvintes de poesia popular

Escola Estadual XXX

Aos senhores pais e/ou responsáveis:

Estamos desenvolvendo um projeto com poesia popular em sala de aula do 9º ano “B” que pretende despertar nos/as nossos/as educandos/as o gosto pela leitura e escrita de poemas populares com prazer e criticidade. Para tanto, selecionamos o bairro, XXXXX, onde fica localizada a escola, como tema central de nossas discussões e atividades. Gostaríamos que o/a senhor/a participasse desse trabalho, respondendo nas linhas abaixo algumas questões:

1. O que o/a senhor/a entende por poesia popular?
2. O/a senhor/a costuma escrever /ler/ouvir poesia popular? Qual(is)?
3. Na sua casa ou vizinhança, há alguém que costuma escrever ou ler poemas populares? Quem?
4. O/A senhor/a acredita que um trabalho com poesia popular pode contribuir para a formação do leitor crítico? Por quê?
5. Uma de nossas propostas de atividade é pintar os muros da nossa escola XXX, e, em seguida, pedir que nossos/as educandos/as escrevam ou desenhem suas artes poéticas para que a comunidade possa prestigiá-las. Produza um poema popular com o seu/sua filho/a para fazer parte deste trabalho. Lembre-se que o tema central é o bairro onde está localizada a escola e, por isso, antes da produção, reflita com o/a seu/sua filho/a sobre o dia a dia desta comunidade.

APÊNDICE D – REGISTRO DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS EM CONVERSA COM O REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO XXX

Em conversa realizada com o representante da associação dos moradores do bairro XXX, onde está localizada a escola XXX, obtivemos as seguintes informações:

No bairro, os terrenos são de propriedades privadas, não há área verde.

Não há onde construir um lazer, uma ocupação para a comunidade.

Só a prefeitura pode desapropriar essas áreas.

O bairro é grande, com 15 mil pessoas; um grande problema, porque o atendimento do posto de saúde só cobre 50% da demanda.

Há duas igrejas: uma católica e outra evangélica.

Há quatro escolas públicas: duas estaduais e duas municipais.

Não há espaços para leitura nem para lazer: não há praça nem quadra de esporte.

Há apenas um campinho de futebol, “pequeninho”, que foi deixado no momento do aterro do terreno, a pedido do representante.

Não há centro comercial.

Há um shopping perto de casa, dá pra ir ‘de pés’, mas segundo o representante, serviu mais para aquele “pessoal de alto nível, para ‘pessoas da alta, é muito caro”.

Ainda segundo o representante, a pista que corta o bairro foi construída por interesse de ligar os bairros Ponta verde e Farol, para facilitar o acesso ao novo shopping. A construção foi resultado de uma parceria da construtora do empreendimento com a prefeitura”.

Não há no bairro um posto policial, apesar de haver alto índice de assalto: a própria escola foi vítima de um assalto cometido por ex-alunos.

O representante diz não ter conhecimento de pessoas, no bairro, que gostem de declamar, escrever, ou ler poemas. Em relação à poesia ele diz gostar, assim, “de preparar uma mensagem pra falar num momento especial, pra uma pessoa que está completando ano”.

APÊNDICE E – SOLICITAÇÃO PARA AUTORIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA ESCOLA

Maceió, ___ de _____ de 2016.

À Diretora da Escola Estadual XXXX,
Sra. XXXX

Da: Mestranda Maria de Fátima Lisboa Cordeiro

Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira (orientadora)

Prezada Educadora:

Vimos, por meio deste, solicitar a V. Sa. autorização para desenvolver atividades didático-pedagógicas integrantes do projeto de pesquisa de mestrado, intitulada “**Como eu te preciso, meu bairro!**: experiências literárias no Ensino Fundamental II da rede pública estadual em Maceió”, do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), da Faculdade de Letras (Fale), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). A nossa proposta é realizar atividades de intervenção com o objetivo de aprimorar o letramento literário dos/as educandos/as e contribuir no processo de leitura e escrita na escola.

Agradecemos enormemente a disponibilidade e a atenção de V. Sa. e de toda comunidade escolar ao receber esta pesquisa e possibilitar que os conhecimentos adquiridos na academia se integrem aos outros conhecimentos em diálogo permanente com os sujeitos sociais participantes.

Saudações acadêmicas,

Maria de Fátima Lisboa Cordeiro
Mestranda do Profletras-Ufal

Lígia dos Santos Ferreira
Professora-orientadora
Profletras-Ufal

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Eu, _____, responsável legal pelo/a menor de 18 anos (educando/a do 9º ano da Escola Estadual Dr. Fernandes Lima, localizada no bairro São Jorge, em Maceió) que foi convidado/a a participar como voluntário/a da pesquisa intitulada “**Como eu te preciso, meu bairro!**” experiências literárias no Ensino Fundamental II da rede pública estadual em Maceió”, recebi da Sra. Maria de Fátima Lisboa Cordeiro, mestranda do Mestrado Profissional em Letras, da Faculdade de Letras – FALE, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a desenvolver a leitura literária reconhecendo-a como fonte de conhecimento, prazer e senso crítico.
- Que a importância deste estudo é a de contribuir para a formação do leitor de textos literários de jovens do ensino fundamental II.
- Que os resultados que se desejam alcançar com o/a menor são os seguintes:
 - vivenciará leituras literárias diversificadas;
 - melhorará o senso crítico e a análise de textos literários;
 - desenvolverá o prazer da leitura de textos literários;
 - será bastante estimulado a ler e compreender os textos literários.
- Que esse estudo começará em março e terminará em novembro de 2016.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira:
 - leituras de textos literários, como poemas populares;
 - produção de textos escritos em grupos e/ou individuais;
 - exposição, no espaço físico da escola (sala de aula, corredores e muros), de material produzido pelos/as educandos/as;
 - serão elaborados pelos/as educandos/as grafismo nos muros da escola com textos e imagens representativas a partir de estudo dos poemas;
 - será realizado um recital para exposição de trabalhos artísticos produzidos pelos/as educandos/as e educadora que desenvolve a pesquisa na sala de aula em que atua.
 - publicização de fotos dos/as educandos/as, no trabalho da educadora que desenvolve a pesquisa Maria de Fátima Lisboa Cordeiro (sob orientação da Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira), retratando o processo de elaboração desse estudo, bem como de meu material produzido.
- Que o/a menor _____ participará de todas as etapas.
- Que os incômodos que ele/a poderá sentir com a sua participação são os seguintes:
 - algumas pessoas poderão tecer comentários sobre os textos dele/a, bem como de suas produções de material visual, expostos no espaço físico da escola;

- ele/a pode se apresentar em algumas fotos com a imagem não tão perfeita na forma estética como gostaria, pois as imagens serão sombreadas.

- Que os possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: inibição diante de um/a observador/a, constrangimento pelo fato de estar sendo observado.
- Que não precisará contar com nenhuma assistência médica ou psicológica.
- Que os benefícios que deverá esperar com a sua participação, mesmo que indiretamente são:

- contribuir para uma análise sobre o processo de formação do leitor de textos literários no Ensino Fundamental II;

- colaborar para o desenvolvimento de estratégias de ensino no processo da apreciação estética da leitura literária em turmas do Ensino Fundamental II da rede pública do estado de Alagoas.

- Que a sua participação será acompanhada através de observações, sugestões, orientações e avaliações contínuas realizadas pela educadora Maria de Fátima Lisboa Cordeiro.
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, ele/a poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os/as profissionais pesquisadores/as do assunto.
- Que ele/a será indenizado/a por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa ou no caso de nexos causal comprovado.
- Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para ele/a, como participante da pesquisa.
- Que não sofrerá nenhum dano com a participação na pesquisa.
- Que receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, eu, _____, responsável legal pelo/a menor de 18 anos _____, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação dele/a no mencionado estudo e estando consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação dele/a implicam, concordo com a participação do/a menor pelo/a qual sou responsável e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO/A OU OBRIGADO/A.

Endereço do/a participante-voluntário/a:

Domicílio: (rua, praça, conjunto):
 Bloco: / Nº: / Complemento:
 Bairro: /CEP / Cidade:
 /Telefone:
 Ponto de referência:

Contato de urgência: Sr(a).
 Domicílio: (rua, praça, conjunto)
 Bloco: /Nº: /Complemento:
 Bairro: /CEP /Cidade: /Telefone:
 Ponto de referência:

Mestranda: Maria de Fátima Lisboa Cordeiro
 Instituição: Universidade Federal de Alagoas – Profletras – Faculdade de Letras
 Endereço profissional: XXXX
 Bairro: XXXX CEP: Cidade: Maceió-AL
 Telefone: XXXX Email: fatima.13@globo.com

Professora-orientadora: Lígia dos Santos Ferreira
 Instituição: Universidade Federal de Alagoas – Faculdade de Letras, sala 11
 Endereço profissional: Campus A. C. Simões, Av. Lourival Melo Mota, s/n
 Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP 57.072-900 Cidade: Maceió-AL
 Telefone p/contato: 82 99922-1481 (Tim) E-mail:
 professoraufal@gmail.com

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
Telefone: 82 3214-1041

Maceió, _____ de _____ de 2016.

Assinatura ou impressão datiloscópica do/a responsável legal e rubricar as demais folhas	Maria de Fátima Lisboa Cordeiro
	Lígia dos Santos Ferreira Responsáveis pela pesquisa

APÊNDICE G – TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado/a como voluntário/a a participar da pesquisa intitulada “**Como eu te preciso, meu bairro!**: experiências literárias no Ensino Fundamental II da rede pública estadual em Maceió”. Neste estudo pretendemos desenvolver o gosto pela leitura literária, fazendo você perceber que ela é uma fonte de conhecimento, prazer e senso crítico.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é reconhecer que é preciso desenvolver mais esse tipo de leitura e interpretação no Ensino Fundamental II.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos:

- observaremos e faremos leituras de poemas populares;
- produziremos textos escritos em grupos e/ou individuais;
- elaboraremos grafismo nos muros da escola com textos e imagens representativas a partir de estudo dos poemas;
- faremos exposição, no espaço físico da escola (sala de aula e corredores), de material produzido por você e pelos seus colegas;
- realizaremos um recital para exposição de trabalhos artísticos produzidos pelos alunos e professor em sala de aula.
- publicaremos fotos suas, no trabalho da pesquisadora Maria de Fátima Lisboa Cordeiro e também seu material produzido.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido/a em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido/a pela educadora que desenvolve a pesquisa que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado/a em nenhuma publicação.

Este estudo apresenta apenas o risco de algumas pessoas poderem tecer comentários sobre seus textos, bem como de suas produções que ficarão expostas no espaço físico da escola; e também, você pode se apresentar em algumas fotos com a imagem não tão perfeita como gostaria, pois as imagens serão sombreadas, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa e comprovados por meios legais.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a educadora responsável pela pesquisa (pesquisadora) por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador/a do documento de Identidade _____, fui informado/a dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do/a meu/minha responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Maceió, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do/a menor

Assinatura da pesquisadora

Lígia dos Santos Ferreira
Orientadora do projeto

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária - Telefone:
3214-1041

Mestranda: Maria de Fátima Lisboa Cordeiro
Instituição: Universidade Federal de Alagoas – Profletras – Faculdade de Letras
Endereço profissional: XXXX
Bairro: XXXX CEP: XXXX Cidade: Maceió-AL
Telefone: XXXX Email: fatima.13@globo.com

Professora-orientadora: Lígia dos Santos Ferreira
Instituição: Universidade Federal de Alagoas – Faculdade de Letras, sala 11
Endereço profissional: Campus A. C. Simões, Av. Lourival Melo Mota, s/n
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP 57.072-900 Cidade: Maceió-AL
Telefone p/contato: 82 99922-1481 (Tim) E-mail: professoraufal@gmail.com

APÊNDICE H – SOLICITAÇÃO PARA AUTORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO POÉTICA NO MURO DA ESCOLA

Maceió, ___ de _____ de 2016.

À Diretora da Escola XXX,
Sra. XXX XXXX XXX

Da: Mestranda Maria de Fátima Lisboa Cordeiro
Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira (orientadora)

Prezada Educadora:

Vimos, por meio deste, solicitar a V. Sa. a autorização para registrar na parte externa do muro da escola as artes poéticas dos alunos do 9º ano “B”, como parte das atividades didático-pedagógicas integrantes do projeto de pesquisa de mestrado, intitulado “Como eu te preciso, meu bairro!: prazer e criticidade na poesia popular de alunos da rede pública estadual em Maceió”, desenvolvido neste estabelecimento de ensino com o objetivo de aprimorar o letramento literário dos/as educandos/as e contribuir no processo de leitura e escrita na escola.

Agradecemos enormemente a disponibilidade e a atenção de V. Sa. e de toda comunidade escolar ao receber esta pesquisa e possibilitar que os conhecimentos adquiridos na academia se integrem aos outros conhecimentos em diálogo permanente com os sujeitos sociais participantes.

Saudações acadêmicas,

Maria de Fátima Lisboa Cordeiro
Mestranda do Profletras-Ufal

Lígia dos Santos Ferreira
Professora-orientadora
Profletras-Ufal

**ANEXO A – SONDAgens DE LEITURA E ESCRITA
ATIVIDADE ADAPTADA E USADA NA TURMA DO 9º ANO**

1. Você gosta de ler? por quê?
2. Quem o(a) incentivou a ler?
3. Você gosta de escrever? por quê?
4. Alguém o(a) incentivou a escrever? quem?
5. Você sente alguma dificuldade ao ler? qual ou quais?
6. O que você mais gosta de escrever? por quê?
7. Quais assuntos mais lhe interessam nos textos escritos? por quê?
8. Você sente alguma(s) dificuldade(s) ao escrever textos? qual ou quais?

ATIVIDADE ORIGINAL (USADA NA ADAPTAÇÃO DA ATIVIDADE ACIMA)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

DISCIPLINA: TEXTO E ENSINO

ALUNO(A) _____ SÉRIE _____

**1. QUAIS SUPORTES VOCÊ COSTUMA UTILIZAR PARA TER ACESSO AOS
TEXTOS?**

- () TELEVISÃO
- () REVISTA
- () JORNAL
- () LIVRO
- () INTERNET
- () ENCARTE
- () OUTDOOR
- () FAIXAS
- () EMBALAGEM
- () APOSTILA
- () OUTROS? QUAIS?

2. POR QUAIS GÊNEROS TEXTUAIS VOCÊ MAIS SE INTERESSA?

- () FÁBULA
 - () RECEITA
 - () CONTO
 - () CRÔNICA
 - () NOTÍCIA
 - () CHARGE
 - () CARTUM
 - () HISTÓRIA EM QUADRINHOS
 - () REPORTAGENS
 - () ROMANCE
 - () ANÚNCIOS
 - () ENTREVISTAS
 - () RESUMO
 - () BIOGRAFIA
 - () PIADA/ANEDOTA
 - () ARTIGO DE OPINIÃO
 - () DEBATE
 - () DIÁRIO
 - () EDITORIAL
 - () OUTROS. QUAIS?
-

3. QUAIS ASSUNTOS MAIS LHE INTERESSAM NOS TEXTOS ESCRITOS? POR QUÊ?
4. VOCÊ SENTE ALGUMA DIFICULDADE AO LER? QUAL OU QUAIS?
5. VOCÊ GOSTA DE LER? POR QUÊ?
6. QUEM O(A) INCENTIVOU A LER?

7. O QUE VOCÊ COSTUMA ESCREVER?

- () LISTAS DE COMPRAS
 - () DIÁRIO
 - () POEMAS
 - () MENSAGENS NO WHATSAPP
 - () MENSAGENS DE CELULAR
 - () MENSAGENS DE E-MAIL
 - () TEXTOS NO FACEBOOK
 - () BILHETES
 - () TEXTOS SOLICITADOS PELOS PROFESSORES NA ESCOLA
 - () OUTROS. QUAIS?
-

8. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE ESCREVER? POR QUÊ?
9. VOCÊ SENTE ALGUMA(S) DIFICULDADE(S) AO ESCREVER TEXTOS? QUAL OU QUAIS
10. VOCÊ GOSTA DE ESCREVER? POR QUÊ?
11. ALGUÉM O(A) INCENTIVOU A ESCREVER? QUEM?

ANEXO B – TEXTOS POÉTICOS ADOTADOS NO PROJETO

TEXTO 1 - VIDA EM TRANSIÇÃO

Giovanny Luan Arantes

Viver na Fundação não é bom
Bom é ser livre em toda situação
Mas tenho minha opinião
Sobre este período de transição
Que muitos dizem ser prisão.

Nesse lugar, maldade...
Que no mesmo tempo é saudade
Por estar privado de liberdade
Mas tenho um lado positivo
Nesta realidade
Estou me reabilitando para a sociedade.

Acordo e vejo grades
Meu peito dói de verdade
Só quem passou
Por isso sabe
De todas as realidades
E crueldades...
A maior necessidade
É a Liberdade!

Aqui lições de vida
Transmitem coisas boas
Reconhecimento como pessoa
Que errar é humano
Mas aprender é a melhor coisa.

Atrás desses momentos tem algo impressionante
Hoje me tornei um estudante
Descobri que sou inteligente
Produzi este poema, e me sinto importante.

TEXTO 2- AUTOAPRESENTAÇÃO

Elias José

Sou o poeta João,
Cheio de sonhos e pesadelos
E medos e coragem.
Tenho os olhos abertos, espertos
Para olhar o céu, o mar, a montanha
E todas as cores que a vida tem.
Tantos me tocam as cores da natureza
Como os olhos das garotas.

Tenho os ouvidos atentos
para a música, os ruídos todos
e a sonoridade dos sorrisos
e dos nomes de mulher.

Com os íntimos ou escrevendo
Sou falante, elétrico como um grilo.
Quando enfrento o desconhecido
Sou caracol encolhido em minha casca-casa.

Sou alegre e sou triste,
Sou poeta em projeto.
Acho que o poeta é um cara-de-pau
Que se joga todo sem redes,
Sem máscaras e sem óculos escuros.
É um ser que bota fogo no gelo
E espera um incêndio amazônico.

Para isso vivo e me preparo
Como só tenho quinze anos,
Estou ainda atijando chispas.
Se uma chamazinha explodir,
Se um verde minúsculo brotar
Do azul do meu poema,
Se o diálogo quebrar a indiferença,
Valeu.

TEXTO 3 - EU É QUE PERGUNTO PRA CANETA

Gabriel, o pensador

Minha alma quando escreve
Tem a consciência leve
A caneta não faz greve
A caneta é que me leva

Ao planeta mais distante
A luneta mais possante
Malagueta mais picante
É a caneta quando escreve

Feito nave me transporta
Vira chave, abre porta
Serra grade, quebra entorta
Sua tinta me liberta

TEXTO 4 - LIGAÇÃO

Gabriel, o pensador

Ligo pra você pra declamar os meus poemas
Reclamar dos meus problemas
Nunca foi minha intenção

Ligo pra você pra te falar da alegria
E te mostrar a poesia
Que nasceu no coração

Ligo pra você porque ele é seu desde criança
E hoje pulsa de esperança
Com amor e gratidão

Ligo pra você porque eu sempre fui seu fã
E porque sei que sua irmã
Escuta tudo na extensão

TEXTO 5 - POEMA DO TAMANHO

Ricardo Azevedo

Será que o tamanho é bom?
Será que o tamanho deu?
Pra mim, o melhor tamanho
Vai ser o tamanho meu.

Mais alto que um gigante
Mais baixo que um pigmeu
Pra mim, o melhor tamanho
Vai ser o tamanho meu.

Tanto faz medir com régua
Tem gente maior que eu
Pra mim, o melhor tamanho
Vai ser o tamanho meu.

Tanto faz medir com a fita
Tem gente menor que eu
Pra mim, o tamanho certo

Pra mim o tamanho exato
Pra mim o melhor tamanho
Vai ser o tamanho meu!

TEXTO 6 - AULA DE LEITURA

Ricardo Azevedo

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras.
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:
vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;
nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;
e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;
na cara do lutador,
quando está sentindo dor;
vai ler na casa de alguém

o gosto que o dono tem;
 e no pelo do cachorro,
 se é melhor gritar socorro;
 e na cinza da fumaça,
 o tamanho da desgraça;
 e no tom que sopra o vento,
 se corre o barco ou vai lento;
 também na cor da fruta,
 e no cheiro da comida,
 e no ronco do motor,
 e nos dentes do cavalo,
 e na pele da pessoa,
 e no brilho do sorriso,
 vai ler nas nuvens do céu,
 vai ler na palma da mão,
 vai ler até nas estrelas
 e no som do coração.
 Uma arte que dá medo
 é a de ler um olhar,
 pois os olhos têm segredos
 difíceis de decifrar.

TEXTO 7 - O PEIXE

Patativa do Assaré

Tendo por berço o lago cristalino,
 Folga o peixe, a nadar todo inocente,
 Medo ou receio do porvir não sente,
 Pois vive incauto do fatal destino.

Se na ponta de um fio longo e fino
 A isca avista, ferra-a inconsciente,
 Ficando o pobre peixe de repente,
 Preso ao anzol do pescador ladino.

O camponês, também, do nosso Estado,
 Ante a campanha eleitoral, coitado!
 Daquele peixe tem a mesma sorte.

Antes do pleito, festa, riso e gosto,
 Depois do pleito, imposto e mais imposto.
 Pobre matuto do sertão do Norte!

TEXTO 8 - ARTE MATUTA

Patativa do Assaré

Eu nasci ouvindo os cantos
das aves de minha serra
e vendo os belos encantos
que a mata bonita encerra
foi ali que eu fui crescendo
fui vendo e fui aprendendo
no livro da natureza
onde Deus é mais visível
o coração mais sensível
e a vida tem mais pureza.

Sem poder fazer escolhas
de livro artificial
estudei nas lindas folhas
do meu livro natural
e, assim, longe da cidade
lendo nessa faculdade
que tem todos os sinais
com esses estudos meus
aprendi amar a Deus
na vida dos animais.

Quando canta o sabiá
Sem nunca ter tido estudo
eu vejo que Deus está
por dentro daquilo tudo
aquele pássaro amado
no seu gorgéio sagrado
nunca uma nota falhou
na sua canção amena
só canta o que Deus ordena
só diz o que Deus mandou.

TEXTO 9 - QUE MAIS DÓI

Patativa do Assaré

O que mais dói não é sofrer saudade
Do amor querido que se encontra ausente
Nem a lembrança que o coração sente
Dos belos sonhos da primeira idade.

4. Não é também a dura crueldade
Do falso amigo, quando engana a gente,
Nem os martírios de uma dor latente,
Quando a moléstia o nosso corpo invade.

4. O que mais dói e o peito nos oprime,
E nos revolta mais que o próprio crime,
Não é perder da posição um grau.

4. É ver os votos de um país inteiro,
Desde o praciono ao camponês roceiro,
Pra eleger um presidente mau.

TEXTO 10 - CIDADEZINHA CHEIA DE GRAÇA

Mário Quintana

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua igrejinha de uma torre só.

Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca, nem um segundo...
E fica a torre sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (que triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...

ANEXO C – TEXTOS DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO

Textos construídos em sala com a participação da turma e da educadora que organizou a parte escrita e distribuiu com os/as educandos/as para realizar a leitura na culminância do projeto intitulada **PoesiAção da gente**, na Semana Literária da Escola.

TEXTO 1: O que aprendemos com o nosso projeto de poesia popular?

Aprendemos nesse projeto que poesia popular é muito mais que literatura de cordel. Poesia popular é a expressão poética da gente, numa linguagem simples, comum e acessível a todos os níveis de saberes.

Por meio dessa linguagem, aprendemos mais um pouco sobre nós, sobre nossa comunidade e sobre assuntos diversos da nossa cultura e realidade social. E enquanto nos conhecemos mais um pouco, fazemo-nos conhecer por meio das nossas produções poéticas.

Lemos e escrevemos poesias populares, que nos trouxeram bastante conhecimento reflexivo e crítico. Mas também sentimos o prazer de dar asas a imaginação, brincar com as palavras e criar nos nossos textos um mundo mais humano, mais justo e mais feliz.

TEXTO 2: O que o 9º ano “B” vai apresentar hoje?

O 9º ano “B” apresenta hoje a culminância do projeto “Poesia popular” que foi realizado em 7 etapas sob a orientação da professora Fátima Lisboa.

PoesiAção da gente é o nome da última etapa que vai coroar hoje um trabalho que já dura alguns meses. Realizamos muitas atividades durante todo o processo de trabalho com poesia popular. Lemos, apreciamos, montamos e produzimos poemas populares, refletimos e confeccionamos cartazes para poetizar o espaço escolar e fomos além: colorimos o muro da nossa escola com algumas de nossas produções poéticas e compartilhamos com a nossa comunidade a visão que temos sobre o lugar onde vivemos; mostramos como nós precisamos o nosso bairro e também como precisamos do bairro onde vivemos, fazendo, dessa forma, parte e arte do quadro social.

Queremos compartilhar com toda a escola as nossas experiências literárias e apresentar um pouco do que produzimos ao longo de todo esse projeto.

TEXTO 3: Qualquer pessoa pode estudar poesia?

Qualquer pessoa pode estudar poesia. Segundo Otávio Paz (2012, p. 33):

O poema é uma possibilidade aberta a todos os homens, qualquer que seja seu temperamento, seu ânimo ou sua disposição. [...] o poema é apenas isto: possibilidade, algo que só se anima em contato com um leitor ou um ouvinte. Há um traço comum a todos os poemas, sem o qual eles nunca seriam poesia: a participação.

TEXTO 4: Qual o ponto de partida de nosso trabalho?

Possibilidade, esse é o ponto de partida do nosso trabalho. Oferecer um poema cuja leitura esteja ao alcance da compreensão e que fomente o encantamento próprio da palavra poética, conferindo ao poema o caráter de poesia. Palavra que inspire, que provoque a ação, que fortaleça a avidez que existe no jovem de dizer, de várias formas, como é o seu mundo e como se vê nesse mundo, sua forma real e imaginada, resultante de leituras que agucem a criatividade, com reflexões e críticas que promovam saber com sabor.

TEXTO 5: Conceituando poesia popular

Acreditamos ser poesia popular uma manifestação cultural artística que traz em sua linguagem características próprias das pessoas simples, comuns; do homem do campo, do povo que traz na sua história uma certa dose de inocência e verdade, que apresenta por meio de sua fala original e natural temáticas variadas (amor, natureza, cotidiano, religião, sofrimento, preconceito, desigualdade social, etc.) que fazem parte do imaginário social e do universo local e cultural.

ANEXO D – PRODUÇÕES POÉTICAS DOS/AS EDUCANDOS/AS**POEMA I: MEU BAIRRO É TUDO PRA MIM**

T. A.

Meu bairro é tudo pra mim,
Meu bairro é minha paixão
É onde moram minha mãe, meu pai e meus irmãos.

Eu queria que Ele tivesse
Segurança, saúde e paz;
Que tivesse passado o asfalto...
Mas as ruas só tem buracos.

Apesar da violência,
Tem muito verde aqui
As pessoas brincam e comentam:
Não vamos sair daqui.

POEMA II: VOCÊ PARECE TÃO TÍMIDO

P. R.

Oh, querido Bairro,
Querido bairro meu.
Quantas alegrias você me trouxe,
Mas quantas tristezas você me deu.

Meu querido Bairro,
Você é tão bonito!
E tem mania de grandeza ...
Você esconde toda sua beleza
Debaixo de suas sujeiras.

Meu Bairro,
Nós precisamos de mais árvores
E de ar puro para respirar.
Precisamos delas, também,
Para os pássaros virem cantar.

A natureza poderia ser pra você
uma grande beleza.
Simbolizaria, muito mais,
A sua riqueza.

POEMA III: DO XXX NÃO QUERO SAIR

V. L.

Meu bairro não é perfeito,
Mas tem muita coisa boa.
Tem muitas pessoas felizes
Que vivem sorrindo à toa.

Há falta de segurança,
Há ruas sem asfalto.
Vejo muitas pessoas sendo
Vítimas de assalto.

Apesar da violência,
Há muitas coisas boas aqui:
As amizades das pessoas.
E do XXX não quero sair.

POEMA IV: E A PAZ IRÁ REINAR

D. C.

Meu bairro já foi um lugar de tranquilidade
Cheio de pessoas honestas, que só queriam paz.
Mas, hoje em dia, as pessoas não ligam mais.

Às vezes eu penso em me mudar
Mas foi aqui que eu nasci
E é aqui que eu quero ficar.

Como eu te preciso, meu bairro!
Você ainda vai mudar
Um dia será só alegria,
E a paz irá reinar.

POEMA V: A GENTE MUDA

M. P.

A gente muda, a gente cresce
A gente aprende, reconhece
A gente luta, a gente cai
E depois ergue a cabeça e levanta
A gente simplesmente evolui

Se a dificuldade aparecer
Não perca a fé
Não perca a luta
Não perca a força
Olhe sempre com olhar de esperança

Traga sempre com você
A positividade
O amor
A amizade
A humildade
A simplicidade
O companheirismo
A caridade

**ANEXO E – DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA RESOLUÇÃO
Nº 466/12**

DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA RESOLUÇÃO Nº 466/12

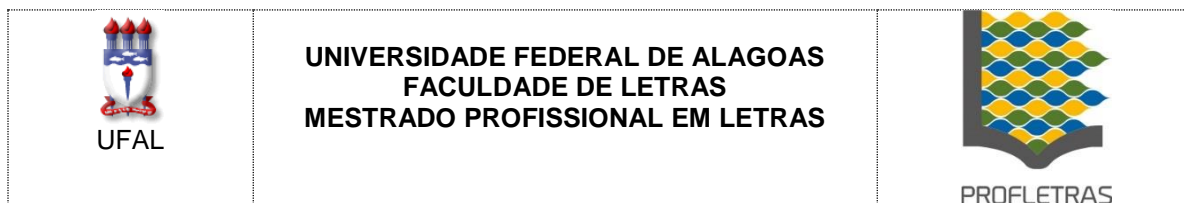
Eu, Maria de Fátima Lisboa Cordeiro, mestranda do Profletras/UFAL, e Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira, orientadora, somos pesquisadoras do projeto intitulado “**Como eu te preciso, meu bairro!**: experiências literárias dos alunos do 8º ano da rede pública estadual em Maceió”, declaramos que nos comprometemos em seguir fielmente os dispositivos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Maceió, ____ de _____ de 2015.

Maria de Fátima Lisboa Cordeiro
Mestranda – Profletras/UFAL

Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira
Profletras/Fale – UFAL

ANEXO F – DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO



DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

(Prática ilegal de apropriar-se da obra de terceiros sem autorização e sem a referência devida)

Título da Dissertação: COMO EU TE PRECISO, MEU BAIRO! : EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS DOS ALUNOS DO 9º ANO DA REDE PÚBLICA DO ESTADO DE ALAGOAS
--

Mestranda: MARIA DE FÁTIMA LISBOA CORDEIRO
--

Eu, Maria de Fátima Lisboa Cordeiro, declaro que, com exceção das citações diretas e indiretas claramente indicadas e referenciadas, esta dissertação foi escrita por mim, portanto, não contém plágio. Tenho consciência que a utilização de material de terceiros incluindo uso de paráfrase sem a devida indicação das fontes será considerada plágio, e estará sujeita a processos administrativos da Universidade Federal de Alagoas e sanções legais.

Maceió, ____ de _____ de 2016.

Maria de Fátima Lisboa Cordeiro